

Apêndice I

GLOSSÁRIO

A seguir, apresentamos uma breve sistematização de palavras do léxico da cultura hip-hop presentes nas cenas musicais rap, a fim de facilitar o entendimento do texto. As designações aqui expostas foram construídas a partir de elementos de sentidos extraídos de entrevistas, do senso comum e das bibliografias consultadas.



B-boy, B-girl: do inglês, o B é abreviação de *break* e *boy/girl* significam garoto/a. É o dançarino/a de break, ou breakdancer.

Banca: união de grupos ou grande grupo de MCs e rappers, com mais capital e organizada para produzir seus próprios materiais, ou com parcerias mais sólidas no mercado. Sinônimo de *bonde*, *crew*, *facção*, *galera*.

Back to back: performance de DJ que usa dois discos iguais ao mesmo tempo, invertendo o sentido da rotação entre eles durante intervalos aleatórios. Colagem e repetição de trechos de músicas.

Baladas: festas.

Bass: do inglês, baixo ou som grave, um tipo de batida rítmica mais pesada, mais estrondosa.

Batalha de sangue: disputa de rimas violentas, com ofensas, injúrias e xingamentos.

Batalha de conhecimento: disputa de rimas sobre temas de interesse público pré-estabelecidos pelos organizadores.

Bate-cabeça: rap mais ouvido pelos skatistas. Tem uma batida forte e pesada.

Beat: do inglês, batida. Som sobre o qual os rappers cantam e os MCs improvisam, fundo instrumental (base) de forte apelo rítmico. O *breakbeat* é uma vertente da música eletrônica, criada pelo DJ Kool Herc na década de 1970, no Bronx, com a técnica do *back-to-back*, dois discos iguais sendo tocados ao mesmo tempo.

Beatbox: batida (ou *beat*) improvisada feita com a boca pelo DJ, pelo *beatboxer* ou pelo *rapper*. Ruídos feitos com a boca, que imitam o som de scratches e samplers. Sons sintetizados que podem ser incorporados às canções, adequando-se à velocidade, acentuação métrica, timbre etc. Estudo e

aplicação da música corporal. Se refere comumente ao ato de criar sons rítmicos e linguagem corporal musical, sobre tudo com sons provenientes da garganta, da boca e das mãos.

Beatmaker: do inglês, aquele que faz beats.

Beck, baseado, ou bagulho: cigarro de maconha.

Bitches: do inglês, vadias. Tratamento pejorativo, politicamente incorreto e corriqueiro dado as mulheres.

Black music: do inglês, é o conjunto da música afro-americana nos Estados Unidos, também referente à música afro-brasileira no Brasil. É dado ao grupo de gêneros musicais resultantes ou influenciados pela diáspora de culturas africanas em países colonizados por um sistema agrícola baseado no uso de mão-de-obra escrava.

Black power; do inglês, poder negro, foi um movimento negro iniciado nos Estados Unidos, entrecortado por expressões artísticas, como o rap. A expressão foi se desvinculando gradativamente do contexto histórico e político em que foi criada, passando a ser associada a um movimento cultural de música negra, e mais a um estilo de cabelo.

Box: do inglês, caixa. Radiogravador de grande porte usado nas rodas de break.

Boy, ou playboy: do inglês, jovem representante de classes médias e altas que, através da cultura de consumo, exibem seu padrão de vida.

Boom Bap: originário de NY, é o estilo de rap mais conhecido mundialmente, principalmente devido à famosa Golden Era. As produções, em geral, são simples, utilizando-se de grande variedade de samples de funk, jazz e blues. Seus expoentes no Brasil são Gabriel O Pensador, Haikaiss e Ramonzin.

Break, breakdance: do inglês, quebrada, pausada. Estilo de dança de solo, praticada em rodas de rap. Os movimentos são quebrados ou pausados, assemelhando-se aos gestos de robôs. Também conhecida como *breaking* ou *b-boying*, é um estilo de dança de rua, parte da subcultura hip hop, criada na década de 1970 em Nova Iorque. Quem a pratica é o *b-boy* ou a *b-girl*, geralmente ao som de rap, *beatbox* ou de *samplers* de *black music*.

Breakers: dançarinos do breakdance.

Breakbeat: música ou faixa criada a partir da técnica back-to-back, quando dois discos iguais são colocados para tocar em um *mixer* e os trechos instrumentais ou eletrônicos vão sendo justapostos, criando uma base para a canção, a poesia ou o rap. É mais conhecido como uma música que se caracteriza pelos *samplers* de hip hop, funk e *electro*. A cultura *Breakbeat* é extensa e tem suas

raízes no *techno* do início dos anos 1980 e no hip hop. Ele alcançou sua expansão mais importante quando artistas incorporaram estes *breakbeats* ao *hardcore techno*, com suas tonalidades escuras e rápidas que pouco a pouco se transformaram em um novo estilo: o jungle, posteriormente denominado Drum and bass.

Brisa, brisado, ou na brisa: relaxado pelo uso de machonha.



Charme: ou baile charme são nomes dados a um tipo de festa brasileira onde se toca música negra, geralmente o R&B contemporâneo, e a dança que se executa nela. Também se refere a um estilo ou subgênero de rap mais melódico.

Chegado: amigo, parceiro.

Chegar na humildade: quando alguém se aproxima ou aborda algum assunto pela primeira vez com uma atitude democrática, sem tratar ninguém com diferença.

Colar: andar junto, tornar-se amigo leal, participar do rolê.

Corre: atividade, usado às vezes como sinônimo de rolê.

Correria: participar de algo ou fazer a correria. Estar no corre.

Colar: aparecer, dar as caras, participar de algum evento na cena

Crew: grupo social, gangue, turma ou equipe. Na subcultura hip-hop serve para indicar o grupo de rappers, MCs, DJs, grafiteiros que participam juntos de atividades culturais.

Cypher: improvisação de rap em grupo. Apresentação de rappers com distintos freestyles. A criação espontânea de rimas (não escritas previamente) é baseada nas improvisações das Jam sessions de Jazz, da década de 1930. As Cyphers surgiram com as rodas de breakdance. Atualmente vem sendo chamadas de cypher as gravações de vídeos com entradas de diversos rappers em sequência.



DJ: sigla que deriva de Disk Jockey, do inglês. Aquele que compõe a música ao vivo a partir de modos de reprodução mecânicos ou eletrônicos, aparatos conhecidos como *pick ups*, compondo a base de muitos raps e realizando efeitos sonoros da música, como os *scratches*.

Dance: gênero de música eletrônica cujo ritmo assemelha-se ao som de um bate-estacas.

Def: subgênero de rap novo-iorquino, com batidas mais lentas.

Drum machine: do inglês, instrumento eletrônico que produz batidas pesadas.



Faixa: faixa musical, banda sonora (em Portugal) ou soundtrack (em inglês) é uma gravação de audio disponibilizada em alguma mídia, como fita CD ou disco. Pode ser digital ou analógica.

Festas *black*: tipo de festa onde se toca música negra, geralmente dos gêneros funk, rap, hip-hop R&B.

Firmeza: expressão afirmativa, sinônimo de certamente, “com certeza”.

Flow: do inglês, corrente, ou fluxo, define a velocidade ou a constância da poesia no rap. Também usada como sinônimo para a velocidade e capacidade de rapear.

Freestyle: estilo de rap livre, baseado na experiência de improvisação do Jazz, nos anos 1930. O *freestyle* é o estilo de rap com improviso nas rimas, criado no momento da apresentação, expressando o que se vê e se sente sem deixar de ritmar as palavras, mantendo o flow.

Funk: gênero musical surgido em meados dos anos 1960, nos Estados Unidos, a partir do *Rythim and Blues*. O nome deriva de um tipo de jazz dos anos 1950 feito por pessoas negras, em contraposição ao cool jazz, exclusivamente de músicos brancos. Originalmente é a mescla entre *rock and roll* e *soul*. No Brasil, surge como um gênero popular em bairros de periferia, principalmente no Rio de Janeiro, alcançando, mais tarde, as classes médias.



Gangues: agrupações juvenis informais em territórios urbano populares, caracterizadas pela liderança situacional e solidariedade moral entre seus membros.

Gangsta: abreviação de gângster. Subgênero de rap norte-americano que faz apologia do modo de vida dos gangsters dos guetos negros. Estilo de rap dos subúrbios das grandes cidades, cuja letra apresenta apologia ao crime organizado. Como resposta ao crescente movimento do rap em Nova Iorque, o rap gangsta se tornou popular na Costa Oeste estadunidense com artistas como N.W.A, Snoop Dogg, Dr. Dre e Ice-T. Foi um momento de grande difusão, tornado o rap um dos principais gêneros nas paradas mundiais. Com letras pesadas e muitas vezes controversas, esse estilo envolve temáticas do tráfico, gangues, crítica à polícia e exaltação à vida bandida. Algumas das letras são crônicas, baseadas em acontecimentos reais vividos pelos próprios autores ou pessoas próximas, mas apresentam também letras fictícias. No Brasil destacam-se Edi Rock, Eduardo (Facção Central), Ndee Naldinho e Trilha Sonora do Gueto.

Golden Era: foi um fenômeno da indústria musical do final da década de 80, que envolveu artistas da cena hip hop nova-iorquina, na Costa Leste estadunidense, como Wu-Tang Clan, Big L, Nas, Jay Z, The Notorious B.I.G., KRS-ONE, Common, DJ Premier e Rakim, entre outros. Suas produções eram marcadas pelo boom bap, que empregava grande variedade de samples (amostras, trechos) de funk, jazz e blues. É a era pós velha escola.

Gueto: do italiano, *ghetto* e do hebraico *guet*. Bairro obrigatoriamente reservado aos judeus. Local onde uma minoria é segregada, apartada do conjunto social.

Grafite. grafitagem ou grafitti: ato de produzir desenho, inscrição, ou assinatura feito geralmente com tinta em *spray*, em muros, paredes e outras superfícies. Marca geralmente urbana, é um dos elementos primordiais do hip hop. Reconhecido como arte pelas academias artísticas a partir de maio de 1968. Suas origens remontam ao Império Romano, especialmente pelo uso do grafite como sátira.

Groove: do inglês, é sinônimo de ritmo. Uma parte da música que se repete marcando o ritmo.



Hip-hop: do inglês, “movimentação de quadris”. Movimento cultural popular surgido nas principais zonas urbanas norte-americanas, por volta de 1980, que se manifesta sob diversas formas artísticas, notadamente por seus quatro elementos, a música rap, dança, ou break dance, as artes visuais, com o grafitti. Atrelado ao gênero musical rap, o movimento surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, está relacionado à arte e à política, convertendo-se mais tarde em uma subcultura conhecida no mundo ocidental.

Hip-hoppers: membros da cultura hip-hop.



Indies: contração do inglês, de independente. Corrente de rock independente surgida nos final dos anos 1990, influenciada pelo aumento no número de gravadoras de menor porte e investimento financeiro. Também denominada as gravadoras de menor expressão no mercado musical. Gravadoras independentes, ou empresas de pequeno e médio porte, de atuação local ou regional, que representam uma parcela pequena do faturamento das cadeias produtivas da música. Correspondem a uma ampla proporção de diversidade artística. Incluem os artistas autônomos.



Layering: do inglês, superposição de *samples*.

Letra: a poesia, o texto poético da música.

Loop ou *Looping*; do inglês, repetição de um ciclo rítmico, ou de um *groove* indefinitivamente, geralmente via *sampler*, ao longo da música. É uma repetição regular ou aleatória de um fragmento sonoro



MC: do inglês, abreviatura de *master of ceremony*. É o Mestre de Cerimônias (sigla). Refere-se ao rapper, o cantor ou o animador de uma festa, baile, batalha ou tocada.

Mano: sinônimo para parceiro, para quem é reconhecido como um igual dentro do movimento hip hop.

Major: do inglês, refere-se a grandes corporações do mercado fonográfico. Empresas que geralmente estão ligadas aos conglomerados de comunicação, controlando grande parte do mercado fonográfico mundial.

Mainstream: do inglês, “convencional”, define o gosto ou preferências da maioria dos consumidores, utilizado especialmente para referir-se às artes em geral, principalmente à música. Aponta algo que é comum, de consumo de massa e que tem forte apelo comercial.

Mixagem: misturar as informações de diferentes fontes sonoras a permitir uma sensação de continuidade entre estes fragmentos, manualmente – utilizando dois LPs e um crossfader – ou eletronicamente, usando um computador.

Miami bass: subgênero de rap de ritmo acelerado, com batidas pesadas e versos curtos, originário de Miami (Estados Unidos da América). No Rio de Janeiro, onde é popular, ficou conhecido como funk carioca.

Mike: [maique], do inglês, abreviação para microfone, também pode ser usado no sentido de abertura para a palavra, megafone.

Mina: garota, guria.

Mixer: aparelho que, além de unir toca-discos, ajusta a sincronicidade dos discos de vinil, para criar efeitos sonoros.



Nog: pseudônimo negativo para negros no Brasil. Insulto racial para negros, um sinônimo da palavra *nigger*, do inglês. No Brasil um rapper bastante popular e criticado por ser branco utiliza a alcunha NOG (do grupo Costa Gold).



Passinho: tipo de dança comum referente ao movimento do passinho, dançado ao som do funk, popular nos bailes cariocas.

Pick up: do inglês, toca-discos.

Treta: sinônimo de confusão, briga.

Pixo, picho, pichação: Ato de pichar ou efeito de pichação. Escrito, inscrição ou rabisco com tinta em spray ou pincel em fachadas de edifícios, muros ou outras superfícies. O pixo (sic) se caracteriza pela disputas de *Tags* ou etiquetas pela cidade.

Play, Playboy ou Boy : jovem rico ou de classe média.

Pump: no rap, diz-se do volume máximo, ouvir música em alto volume.



RAP, rap: sigla do inglês *Rhythm and Poetry*, ritmo e poesia. Usualmente grafada em português como rap. Música popular que serve de suporte para palavras em rima, improvisadas ou não, marcadas num ritmo muito sincopado. É uma forma de canto falado ou fala rítmica. Gênero de música popular que serve de suporte para palavras em rima, improvisadas ou não, marcadas num ritmo muito sincopado. Um dos elementos da cultura hip hop.

Rapper ou **rapeiro:** do inglês, rapper, é a pessoa que compõe ou canta música rap, apesar de o termo “rapista” ser encontrado em dicionários da língua portuguesa.

Rap alternativo: em geral, as produções alternativas combinam elementos de diversos gêneros ao mesmo tempo, estão sob muitas influências, o que torna sua definição imprecisa, podendo ser definidos como subgêneros. Exemplos de artista contemporânea: Karol Conká.

Rap consciência ou **consciente:** aborda temas sociais, ou modos de enfrentar a realidade social. É bastante recorrente em Batalhas de conhecimento.

Representar: dar a conhecer a cultura hip-hop, participar da cena

Ritmo: cadência. Junto da melodia e da harmonia, o ritmo é um dos princípios fundamentais da música. Em bibliografias sobre música, pode ser sinônimo de gênero musical, principalmente quando usado para identificar classificações de gêneros híbridos, ou variações de um mesmo gênero, como a *dance music*.

Rock and roll ou rock: do inglês, gênero de música popular nascido cerca dos anos 50 do século XX, de batida e ritmos fortes, geralmente com guitarras elétricas e bateria. Equivale também à dança ao ritmo dessa música. A palavra rock é aceita na língua portuguesa culta.

Rolê: passeio, ou local de festa.

Roller, rollerskates: do inglês, patins em rolos, ou rodas. Estilo de patins em linha. Modalidades de patinação. Esporte praticado com patins de rodas em linha, os *rollers*.



Sarau: reunião festiva, geralmente noturna, para ouvir música, conversar, dançar e apresentar criações artísticas.

Sample: do inglês, amostra. São trechos, sons extraídos de uma faixa musical para a formação de refrãos ou a base de uma rima.

Sampler: aparelho eletrônico de som similar ao sintetizador que utiliza gravações (samples, do inglês, amostras) para a reprodução de outros sons ou músicas.

Sampleagem: procedimento realizado por um amostrador que consiste na extração de sequências rítmicas, melódicas, fundos rítmicos, linhas instrumentais etc. de músicas já gravadas. Tais sequências podem sofrer modificações por métodos de manipulação sonora.- o corte: fragmentar frases musicais para serem amostradas.

Scratch: do inglês, arranhar. É uma técnica executada pelo DJ que consiste na produção de um efeito sonoro a partir de um ou vários LPs manipulados manualmente, com a alteração de velocidade e direção de leitura de discos de vinil em toca discos analógicos por meio da intervenção manual do DJ em tempo real (ver *turn tables*), sucessivamente sobre uma porção determinada do disco ou uma faixa. Efeitos sonoros produzidos pelo atrito entre a agulha do toca-discos e o próprio disco.

Skate: verbo do inglês, patinar. Estilo de patinação sobre uma prancha com rodas, o skate. Esporte praticado sobre o skate.

Single: do inglês, é a canção única, ou o lançamento de uma música que faz parte de um álbum ou não, mas que adquire destaque. Nomenclatura da indústria fonográfica para música de trabalho e música de divulgação, geralmente retomada como sinônimo de música de popularidade.

Slams: ou *poetry slam*, do inglês, é uma competição entre poetas que leem ou recitam um trabalho original (mas há quem recite a poesia de outros). Estas performances são julgadas pelo público ou por uma comissão de jurados. **Slamer**, do inglês, é quem faz esse tipo de poesia.

Soul music: do inglês, música da alma. Originária do *rythm and blues*, a música soul emprega gritos e gemidos.

Streaming: do inglês, transmissão contínua, ou fluxo de mídia. Corresponde à modalidade de transmissão (musical) e distribuição digital (da música) geralmente em uma rede através de pacotes definidos como “assinatura”.



Tag: do inglês, etiqueta. Assinatura. Corresponde à assinatura do pichador ou grafiteiro. O *pixo* ou a *Tag* podem ser considerados subgêneros do grafite, marca de gangues e grupos de arte urbana.

Tosting: do inglês, picar, cortar. É um estilo de DJs que inserem frases entre versos de uma gravação.

Trap: subgênero ou estilo instrumental de rap que se originou na década de 1990 com DJ Paul no sul dos Estados Unidos. Ganhou popularidade em meados de 2007 com o surgimento de vários grupos de rap e rappers como Gucci Mane, OJ da Juiceman e produtores como Drumma Boy, Shawty Redd e DJ Zaytoven. É caracterizado por seu conteúdo lírico agressivo e som que incorpora bumbos e sintetizadores em camadas. A popularidade entre os fãs de música eletrônica facilitou a disseminação do gênero na música pop. Há diversas ramificações do *trap*. Considerado o pai do subgênero, Diplo da gravadora *Mad Decent* é um dos grandes nomes por trás da popularização do gênero.

Turntables: mesas ou plataformas giratórias para tocar dois discos de vinil ao mesmo tempo.



Velha escola: tradução do inglês *old school*, identifica os *rappers* e MCs da primeira geração do hip-hop, grupos e gravações produzidas até meados da década de 1990.



Yo! – grito de exaltação. Geralmente utilizado para animar o público em shows e festas.

Apêndice II - Pesquisas exploratórias

II-a) Batalha do Mercado: um modo de adentrar o campo de pesquisa

Em 2014 iniciamos uma pesquisa exploratória com os organizadores e alguns participantes da Batalha do Mercado¹, competição de rimas e um dos principais pontos de encontro da cena rap porto alegre. Há mais de cinco anos, jovens da região metropolitana de Porto Alegre se reúnem a cada último sábado do mês em frente ao Mercado Público e próximo às escadarias da Praça XV, zona central da cidade. Sendo na maioria da periferia da capital e das cidades vizinhas, eles fazem do espaço público central um ambiente de compartilhamento social. Nosso interesse por iniciar a etapa exploratória pela Batalha do Mercado se originou na descoberta da atuação coletiva por meio da música, na reorganização das formas de lazer, presentes nos imaginários que cercam as cidades contemporâneas (JANOTTI Jr., 2006, p. 143), características que tanto nos instigavam. Os participantes de uma cena musical, sejam ouvintes, MCs, DJs, organizadores, grafiteiros, cantores, produtores musicais e de audiovisuais, entre outros, têm características sociais bastante variáveis, mas se agrupam por uma série de interesses compartilhados. A observação de batalhas nos ajudou a compreender a variedade de agentes que podemos encontrar na cena e a considerar que o ouvinte tem, muitas vezes, atividades de criação artística na cena.

O evento reúne em média uma centena de jovens por edição. O grupo manifesta seu apreço ou desaprovação a cada um dos oponentes ao final dos duelos. O grito coletivo de incentivo aos MCs em combate no Mercado é “Sangue! Sangue! Sangue!” Uma batalha de sangue se centra em três características: desqualificações dos opositores, principalmente quanto à aparência, à sexualidade e à origem; agressividade nas composições da rima; exacerbação das qualidades de um bom MC.

Essa Batalha é central, pois se organiza no coração da cidade (sendo deslocada, às vezes, para a Esquina Democrática, outro ponto de grande valor político e histórico na capital porto alegre). Vale ressaltar que a cena da capital inclui diversos outros pontos da cidade e atividades, como nos sábados de Rap da Rua da Praia. Esta incursão nos serviu também para um primeiro contato com o tema de estudo.

¹ A Batalha do Mercado é organizada pela estudante Aretha Ramos, com apoio de amigos e familiares.

A primeira fase exploratória envolveu a observação etnográfica de seis eventos e dos perfis de MCs, grafiteiros e outros participantes na rede social Facebook, principalmente a partir da página da Batalha. A escolha da rede se deu em razão de ser a mais usada pelos participantes na época, conforme relato da organizadora. O aplicativo de fotografias Instagram² ainda não era tão popular entre os jovens na época. No entanto, serviu para acompanharmos os perfis de alguns destes agentes, sobretudo porque suas fotografias apontavam pontos da cidade onde ocorrem eventos relacionados ao rap e suas preferências de lazer. Além de ser nossa primeira aproximação com a cena, foi também um momento de identificar protagonistas do rap na cidade, reconhecer a produção local como relevante no cenário nacional e identificar diferentes discursos sobre o gênero e sobre a cultura hip hop.

Como referência metodológica, nos baseamos nas discussões de Hine (2004) e Ardèvol (2013) sobre a etnografia digital e, desse modo, optamos pelas observações online como técnicas para identificar sujeitos participantes da cena. As observações foram descritas em notas de campo. Em geral, as pessoas que circulam pela Batalha, seja no encontro presencial, seja na página da Batalha do Mercado pelo Facebook, mantém conexões e circulam em outros eventos da cena. Por isso, com a observação de perfis, essa etapa também colaborou para identificar outros pontos de encontro juvenis e espaços de atividades relacionadas à cultura hip hop, bem como outros locais de referência musical que pudessem servir ao estudo do consumo do rap na cidade.

Ainda com base na observação da Batalha e de perfis no Facebook, é possível afirmar que a juventude que ali circula é majoritariamente negra ou parda, de classe trabalhadora, nem sempre universitária, mas com forte presença de formação superior entre os organizadores. O rap nacional aparece nas Batalhas, composto pelos jovens competidores e em reproduções midiáticas nos intervalos, quando há caixas de som e outras atividades com DJs e *beatbox*. Mas o rap estadunidense é a forte referência, sobretudo os clássicos. Também identificamos que existe entre os participantes uma aceitação de hip hop como um gênero musical, mas muitos contestavam esta expressão.

No estudo, constatamos que as práticas juvenis em torno do rap colaboram para organizar a cena musical urbana. Presentes em cenas organizadas em torno de um gênero musical, as práticas culturais transformam o ambiente público em um lugar de lazer privado, ao mesmo tempo em que

² Instagram uma rede social e aplicativo para publicar fotos e vídeos. Atualmente serve para compartilhar feitos sociais e mostrar lugares de lazer e entretenimento. Disponível em: www.instagram.com

apresentam o gênero para os habitantes da cidade e os convida a partilhar do gosto pelo rap. O interesse comum se expressa não apenas por meio do rap, escutado e composto em coletivo, em torno da qual a trama juvenil se organiza socialmente. O gosto compartilhado é evidente na forma como dançam, como se cumprimentam, nos apelidos de DJs e MCs, nas vestimentas, nas histórias de vida, enfim, em toda a manifestação cultural da apreciação material e simbólica de bens e produtos musicais, ou relacionados à música.

Sendo um gênero popular³, o rap reorganiza o modo de viver, habitar e ocupar a cidade, principalmente a partir de manifestações culturais como as batalhas, a prática do grafite, a instituição de feiras de discos, de roupas, a socialização em concertos e bares, estabelecendo novas formas de trabalhar, de obter lazer, de organizar-se socialmente, de consumir, o que discutiremos mais adiante. As inferências acima colaboraram para o desenho metodológico da pesquisa, sobretudo para a execução de outra etapa exploratória, onde pudemos provar técnicas e instrumentos.

³ “O significado da palavra popular hoje tem mais a ver com a noção de sucesso comercial que com apreciação.” (ROBINSON, 1991, p. 10, tradução nossa).

II-b) Travessias - um estudo exploratório da cena rap na Cidade do México

O estudo realizado no primeiro semestre de 2016 teve o objetivo principal de avaliar procedimentos metodológicos, aproximando o pesquisador da prática em campo, com foco em diferentes métodos e contribuições teóricas de perspectivas antropológicas contemporâneas. Como exemplo metodológico, nos apoiamos no estudo realizado por García Canclini (coord.), Urteaga e Cruces, “Jóvenes, culturas urbanas” (2012), que nos levou a aproximarmos de produtores culturais do hip-hop, pois seus vieses seriam fundamentais para o delineamento da cena rap na capital mexicana. Como nosso projeto não tinha ainda um método claro e um grupo delimitado, o estudo exploratório da cena rap mexicana nos trouxe a experiência necessária, sob a orientação desejada, para melhor elaborar um plano de ação para a tese, conhecer características do grupo estudado para futura construção de amostras e avaliar nossa destreza em campo.

A escolha pela cena chilanga⁴ se justificou por duas razões principais: a) além de ser a segunda⁵ maior metrópole latino-americana, um dos centros culturais mais destacados do continente, com diversificados públicos consumidores de música uma cena rap reconhecida internacionalmente; b) é um cenário cultural de alta produção e consumo autoral de rap que possui características de fusão interamericana, além de ser um polo influenciador de rap para países de fala hispânica, dado que a expansão latino-americana deste gênero musical e sua influência mundial no século XX derivam de fluxos de migrações e interculturalidade que perpassam a história da indústria musical mexicana. Fusão interamericana (GARCÍA CANCLINI, 2015) é um conceito que abarca o conjunto de processos de “norte americanização” dos países latino-americanos e a “latinização” dos Estados Unidos (EUA). Aqui são apontados como fusões também pela aproximação do termo com a produção musical, mas isso não significa que as incorporações ocorram livres de resistência.

⁴ Gentílico da Cidade do México. Mexiqueño, Defeño, Chilango, ou Capitalino são as atuais expressões de procedência para os habitantes/naturais da Cidade do México. Uma enquete do Gabinete de Comunicação Estratégica (GCE) do Governo do México revelou que 51.5% dos cidadãos da capital preferem o gentílico capitalino, enquanto apenas 13.5% querem ser denominados chilangos (E-consulta, 2016). Apesar das recentes alterações na denominação da Cidade do México, fruto da reforma política na capital do país, chilango continua sendo o termo mais usado.

⁵ Com mais de 19 milhões de habitantes na região metropolitana do Vale do México (INEGI, 2014), disputa com São Paulo o título de maior capital latino-americana, esta com quase 21 milhões de habitantes na região metropolitana (IBGE, 2014). Somente o município de São Paulo possuía mais de 12 milhões de habitantes em 2016 (IBGE, 2016) e no mesmo período vivam quase 9 milhões de pessoas na capital mexicana INEGI (2016).

Diante do rico cenário cultural, contatamos *rappers* de *freestyle*, ou contratados por gravadoras, grafiteiros, produtores culturais e outros conectados de alguma forma com a produção local de rap. A estratégia nos alertou para o lugar social do agente no processo comunicativo e as distintas perspectivas do processo, um modo ideal de estabelecer uma entrada em um campo e conhecer as características do grupo de interesse para o estudo. O relato resulta de induções a partir do imaginário de quem circula para escutar e fazer rap, na sua maioria jovens.

De fato, na cena rap chilanga a presença juvenil é muito forte, apesar de existirem vários representantes da *velha guarda*. Além disso, observa-se que a cidade concentra a população juvenil do país e, apesar de não termos encontrado estudos que apontem a prevalência de jovens nas culturas urbanas mexicanas, nos apoiamos na observação para fazer essa afirmação e no fato da população jovem ser majoritária no país, em relação às demais. Em 2010, 4,3% da população masculina tinha entre 20 e 24 anos, e 4,6% eram jovens mulheres. Os ainda mais jovens, entre 15 e 19 anos, eram maioria em 2010. Já em 2015 (INEGI, 2015), a faixa mais larga da população era composta por jovens entre 20 e 24 anos.

A primeira entrevista aberta foi realizada com um músico e produtor cultural de grande popularidade. A partir desse contato, outros agentes da cena foram sendo indicados e, com o tempo, a seleção dos informantes foi se dando por conexões entre os próprios agentes e seus lugares e práticas de interesse, com a abordagem direta aos entrevistados. Na ocasião, exploramos a técnica de bola de neve, na qual um contato inicial indica outros informantes (Jensen, 2014). Desde a primeira entrevista, compreendemos que a interação que ocorre na cena surge principalmente no encontro, em lugares de circulação do rap. Foi aí que surgiram as travessias pela cidade.

Enquanto atravessa de uma ponta à outra a metrópole, o pesquisador carrega a sensação de impotência em seu desejo de conhecer as práticas de um grupo tão dinâmico e diverso, pois se evidencia a impossibilidade de abarcá-lo, assim como é impossível abranger a totalidade da urbe. A cidade, policêntrica e desarticulada, “da qual resulta impensável alcançar uma visão de conjunto” (García Canclini, Castellanos e Mantecón, 2013, trad. nossa), nos empurrava a importantes recortes em nossa pesquisa. Por isso, inicialmente decidimos agir como o *flâneur* de Baudelaire, mais tarde teorizado por Benjamin : aquele que caminha sem propósito, buscando

⁶ Benjamin, Walter. Passagens. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imesp, 2007.

provar o que acontece na rua, abrindo-se para os cruzamentos que elas possibilitam. A partir da retórica do passeio, a decisão estratégica foi cruzar sistematicamente a cena, apontando características e construindo um croqui com detalhes sobre os eventos culturais e seus agentes, para escolher e avaliar procedimentos, bem como refletir sobre o processo de pesquisa.

O estudo teve três operações principais: 1^a) entrevistas com especialistas, produtores culturais e outros sujeitos relacionados à produção de rap; 2^a) observação das redes sociais e questionário sobre consumo de rap e 3^a) apontamentos no serviço de geolocalização Tripline⁷, com notas sobre os pontos georreferenciados⁸ onde se realizaram shows ou festas, batalhas de rima, exibições de um documentário sobre rap (*Somos Lengua*), exibição de documentários diversos de assuntos políticos em conjunto com a apresentação de rap (*Nos faltan 43*), exibições e campeonatos de *break dance*, entre outras atividades relacionadas à escuta de rap.

Nas cenas musicais, muitos dos eventos ocorrem à noite, em lugares ruidosos, sem privacidade para se aproximar dos informantes com o cuidado ou a atenção necessários. Por isso, a observação sistemática como participante (ANGROSINO, 2009) foi um exercício em tempo completo, realizado com mais profundidade nos momentos de entrevistas, nas travessias pela cena, muito oportuna nos casos em que realizar uma abordagem ou entrevista fosse impossível. As diversas observações durante breves períodos propiciaram a compreensão do contexto dos informantes, a abordagem para entrevistas e outros procedimentos. Também serviram para identificar e descrever os lugares das atividades.

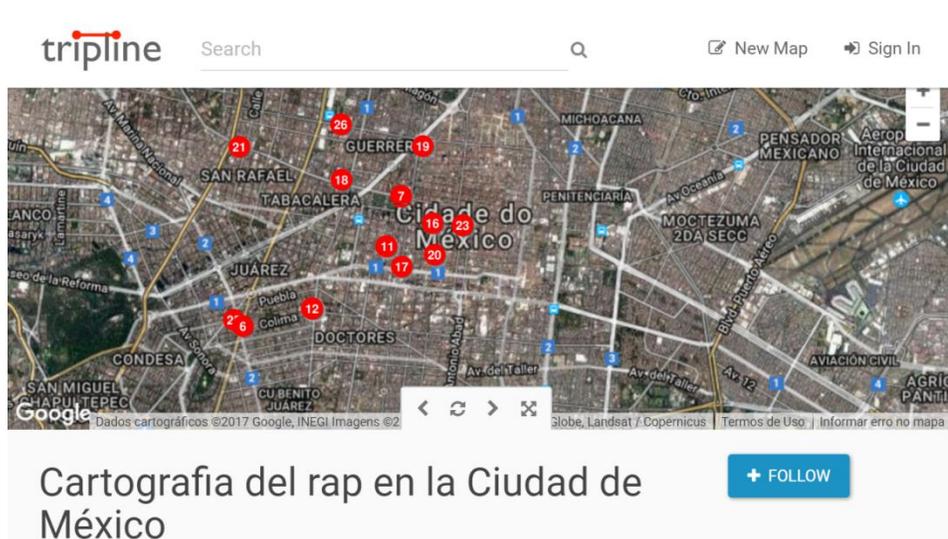
A observação requer uma documentação contínua. Por isso, foram produzidas notas de campo, organizadas em um diário. Explorar o campo foi também um modo de aprender a organizar as informações coletadas⁹. Para registrar os espaços de contato e como procedimento paralelo às observações, utilizamos a ferramenta *Tripline*. Com ela, cartografamos a cena e tomamos notas sobre os pontos de encontro (fig. 1).

⁷ Disponível em: <https://www.tripline.net/>

⁸ Georreferenciação por GPS (do inglês *Global Positioning System*) é uma técnica de posicionamento espacial global em uma localização geográfica única e definida em um sistema de coordenadas.

⁹ O modo de fazer diário de campo, por exemplo, foi uma herança dos companheiros antropólogos da UAM Iztapalapa.

Fig. 1: Cartografia da cena rap na Cidade do México no site Tripline.



Fonte: elaboração da autora no site Tripline¹⁰.

Durante nossas incursões, realizamos dez entrevistas com especialistas na cena rap chilanga: um produtor cultural, três *rappers*, um MC de batalhas, um grafiteiro, um diretor de museu, que é músico, pesquisador e produtor cultural, e uma com o dono de uma casa de shows tradicional na cidade, há trinta anos em atividade. As primeiras foram livres e ajudaram a abrir nossa visão sobre a indústria fonográfica no México. As seguintes foram semi-estruturadas, focadas nos hábitos e práticas na cultura urbana estudada. Em ambos os casos, o grupo de informantes foi se constituindo por pessoas que circulam na Cidade do México para produzir ou ouvir rap. À medida que as entrevistas e observações foram conformando uma cena musical imaginária, percebemos a necessidade de propor questões relacionadas às preferências de escuta. De modo que fizemos circular um questionário online¹¹ para alcançar pessoas que ainda não conhecíamos na cena.

O questionário procurava principalmente revelar a auto identificação do jovem na cena. As questões buscavam apontar: 1) se o indivíduo escutava rap ou hip-hop, problematizando a questão do gênero musical na cultura hip-hop; 2) sobre as preferências e frequência de escuta; 3) questões sobre a identificação do

¹⁰ Disponível em: https://www.tripline.net/trip/Cartografia_del_rap_en_la_Ciudad_de_M%C3%A9xico-575523120206101288F7AFB7E70B1207

¹¹ Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScYpB0xw56nIpuKiLM5dLV7wd33ZW-D1V6TXvGhQls1H8dGgQ/viewform?usp=send_form

respondente e 4) sobre os lugares onde se podia escutar rap. O objetivo não foi o de compilar dados quantitativos, mas verificar possibilidades no tratamento das informações buscadas, na abordagem dos sujeitos. Levantamos informações sobre locais de destaque na cena musical e acentuaram-se as distinções entre rap e hip-hop, como gêneros.

Dados secundários foram fundamentais para compreender questões macrossociais relacionadas aos circuitos culturais daquela capital. Foram ainda incorporados programas de rádio e entrevistas com especialistas sobre rap, artigos de revistas, jornais, revistas literárias, dicionários e outras compilações com informações sobre o gênero disponíveis nas bibliotecas visitadas, que não foram encontradas em nossa cidade de origem.

Novamente a rede social Facebook serviu para o acompanhamento de perfis de alguns atores da cena, principalmente para saber a quem procurar durante as observações, assim como para identificar pontos da cidade onde se realizavam atividades relacionadas ao rap. O aplicativo Instagram também ajudou a identificar perfis e locais para a escuta musical. Algumas dessas informações foram sendo incorporadas à descrição e à interpretação da cena a partir dos estudos de Hine (2004) e Ardèvol (2013) sobre etnografia na cultura digital, desde os quais são incluídas as observações online como técnicas para identificar sujeitos participantes de uma comunidade.

Ao final do estudo, pudemos realizar (detalhado no Apêndice 3) uma análise do conjunto de padrões socioculturais que caracteriza os participantes da cena chilanga com o propósito de se estabelecer conexões sobre os processos de consumo cultural e midiático de rap, importantes para o desenvolvimento da tese. Elas também nos ajudaram a descobrir os focos para analisar as práticas juvenis na cena porto-alegrense.

Apêndice III - Questionário on line, roteiro de entrevista semiestruturada e TCLE

III a) Questionário on line:

O rap na região metropolitana de Porto Alegre

Descrição do formulário

Nome, apelido, nome artístico, ou como prefere se identificar? *

Texto de resposta curta

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Descrição (opcional)

Após a leitura do termo abaixo, indique se concorda ou não em participar da *
pesquisa:

Fui convidado(a) a participar como informante do estudo "RACIONALIDADES DO CONSUMO MUSICAL: práticas culturais juvenis na cena rap porto alegrense", que tem o objetivo de investigar o consumo do rap na região metropolitana de Porto Alegre e as novas formas de circulação midiática da música. As informações colhidas serão usadas apenas para fins de pesquisa e manuseadas somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas, com a garantia total de sigilo e confidencialidade. Os resultados deste estudo, além de constar de uma tese de doutorado, poderão ser apresentados em congressos ou revistas científicas, divulgados sem revelar nomes, ou qualquer informação que esteja relacionada à minha privacidade. Minha participação neste estudo será responder ao questionário a seguir. Estou ciente de que poderei responder livremente às questões. Estou seguro que tenho livre acesso a informações e esclarecimentos adicionais sobre este trabalho e de que não receberei nenhum tipo de compensação financeira por minha participação, entretanto todas as despesas para coleta de informações estão a cargo dos pesquisadores. Caso eu me sinta constrangido ou aborrecido com o estudo, reservo-me o direito de desistir de participar, ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bastando para isso apenas informar os pesquisadores responsáveis. Caso seja necessário, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS através do fone: (51) 3308-3738 ou no endereço: Rua Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 - Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, em Porto Alegre/RS, que aprovou o projeto de pesquisa. Assim, tendo sido orientado(a) sobre o conteúdo do trabalho e compreendida a natureza e o objetivo deste estudo, manifesto meu livre consentimento em participar desta pesquisa.

Sim

Não

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

O rap no dia a dia

Descrição (opcional)

Você escuta rap? *

Sim

Não

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Participa da cena rap gaúcha?

Descrição (opcional)

Participa de eventos de rap? *

(marque quantas quiser)

Participo na minha cidade

Participo na capital, Porto Alegre

Participo em várias cidades da região metropolitana de Porto Alegre

Não participo

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção

Sobre você

Descrição (opcional)

Cidade/estado em que mora *

Texto de resposta curta

Você é *

(marque quantas quiser)

- ouvinte ou consumidor/a de rap
- fã de rap
- DJ
- MC
- rapper
- grafiteiro/a
- artista gráfico / visual
- produtor/a cultural
- produtor/a musical
- editor/a de som
- organizador/a de batalhas
- organizador/a de festas
- Outros...

Estado civil *

- solteiro/a
- casado/a ou em união estável
- separado/a ou divorciado/a
- viúvo/a

Idade *

- Menos de 18
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- Mais de 30 e menos de 35
- Mais de 35 e menos de 40
- Mais de 40 e menos de 50
- Mais de 60
- Outros...

Você se considera *

- Indígena/a
- Amarelo/a
- Branco/a
- Negro/a
- Pardo/a
- Multiétnico
- Prefiro não declarar
- Outros...

Gênero *

- Feminino
- Masculino
- Outros...

Trabalha ou estuda no momento? *

- Sim, trabalho
- Sim, estudo
- Sim, trabalho e estudo
- Não trabalho, nem estudo



Ocupação

Descrição (opcional)

Qual a sua principal ocupação?

Texto de resposta curta

É uma atividade remunerada? *



Sim

Não

Quantas horas trabalha por semana?

sem jornada fixa

até 10 horas semanais

de 11 a 20 horas semanais

de 21 a 30 horas semanais

de 31 a 40 horas semanais

Mais de 40 horas semanais

Escolaridade *

- Ensino básico/alfabetização incompleta
- Ensino básico/alfabetização completa
- Médio incompleto
- Médio completo
- Técnico incompleto
- Técnico completo
- Universitário incompleto
- Universitário completo
- Pós-graduação, especialização completa ou incompleta
- Pós-graduação stricto sensu (mestrado, doutorado) completa ou incompleta

Após a seção 5 Continuar para a próxima seção ▼

Seção 6 de 10



Casa/moradia

Descrição (opcional)



Em que localidade da cidade fica sua casa? *

- em um bairro na periferia da cidade
- em um bairro na região central da cidade
- em uma favela ou cortiço
- em um conjunto habitacional (Cohab, CDHU, Cingapura, BNH, etc)
- em um condomínio residencial fechado
- na zona rural (chácara, sítio, fazenda, etc)
- em uma comunidade indígena
- em uma comunidade quilombola
- Outros...

Em qual bairro?

Texto de resposta curta

Com quem mora?

- Sozinho
- com os pais
- com cônjuge/companheiro/a
- com os filhos
- com os sogros
- com parentes
- com amigos
- com colegas de trabalho/estudo
- com empregado(s) doméstico(s)
- Outros...

Total de pessoas vivendo na casa

Texto de resposta curta

A casa é... *

- Alugada
- Própria
- Cedida/emprestada
- Financiada
- Outros...

A faixa salarial* da família toda (todos que vivem na casa) é de... *

- até 1 (um) salário mínimo
- de 1 a 3 salários mínimos
- de 4 a 10 salários mínimos
- de 10 a 20 salários mínimos
- acima de 20 salários mínimos

Consumo cultural e midiático

(marque quantas quiser)

Quais atividades abaixo ocupam a maior parte do seu tempo livre?

- TV convencional (aberta, ou por assinatura)
- Canais de TV por internet
- Séries e filmes por internet (em aplicativos e sites, por assinatura, por demanda)
- Séries e filmes baixados (download)
- Navegar na internet (emails, redes sociais)
- Ouvir rádio convencional ou pela internet
- Ouvir música
- Bares, boates, casas de festa e de shows
- Jogos
- Teatro/cinema
- Leitura
- Escrita
- Atividades religiosas
- Atividades esportivas
- Descansar/dormir
- Outros...

Na sua casa há *

	nenhum/a	um/uma	de 2 a 3	mais de 4
TV	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rádio convencional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aparelho de som de mesa/grande porte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ipod ou tocador de MP3	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aparelho leitor de DVD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telefone fixo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telefone celular (de todos da casa)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Possui computador de mesa ou notebook em casa? *

- Não
- sim, sem acesso à internet em casa
- sim, com acesso à internet em casa
- sim, com acesso a dados móveis (3G/4G) quando estou em casa
- Outros...

Você possui celular próprio? *

- Sim
- Não

celular

Descrição (opcional)

Seu celular em uso é *

	Não possuo	Sim, um aparelho	Sim, mais de um	Possuo um aparelho desses, mas não está em uso
Aparelho comum sem internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aparelho comum com internet (3G, wifi)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Smartphone (funções diversas, loja de aplicativos, 3G ou 4G, acesso wifi)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Para quê você usa seu celular? *

	uso muito	uso, mas não muito	quase não uso	não uso
conversar por chat/mensagem/SMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
fazer ligações por operadora telefônica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
fazer ligações por aplicativos gratuitos de mensagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
enviar/ler emails	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
acessar sites diversos por um navegador de internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
acessar redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
jogar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ouvir música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ouvir rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ver canais de TV na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
ver aplicativos de filmes e séries por demanda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
gravar vídeos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
gravar sons diversos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
fotografar/editar fotos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
fazer anotações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
consultar hora e calendário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Música e rap

Descrição (opcional)

Você ouve música em casa? *

	Sim, sempre	Sim, às vezes	Sim, raramente	Nunca/não possui
pelo aparelho de som	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo celular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo tocador de mp3 ou ipad	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo tablet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo tocador de CDs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo rádio convencional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo rádio através da internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo computador/notebook (qualquer programa, site, aplicativo)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pelo televisor/pela TV	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quais seus gêneros musicais preferidos? *

(cite até 5, começando pelo que mais gosta)

Texto de resposta curta

quando você escuta rap? *

	Sempre que posso	às vezes	raramente	nunca
sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com cônjuge, companheiro/a ou namorado/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com colegas de trabalho/estudo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com familiares ou parentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quais os principais sites, plataformas e aplicativos usados para ESCUTAR rap na internet? *

- YouTube
- Spotify
- Facebook
- Soundcloud
- Itunes
- Google+
- Shazam
- WhatsApp
- Facebook Messenger
- Twitter
- Instagram
- Snapchat
- 8Tracks
- Deezer
- Outros...

Costuma BAIXAR/fazer download de rap? *

- Sim, de plataformas de streaming, como assinante
- Sim, de sites ou blogues especializados em rap
- Sim, de redes sociais
- Sim, do YouTube
- Sim, de plataformas sonoras e de divulgação musical
- Não costumo

De quais outras plataformas, sites, redes sociais você costuma baixar rap?

Texto de resposta curta

Quais os principais sites, plataformas, redes sociais e aplicativos usados para COMPARTILHAR* rap na internet? *

*enviar, compartilhar, curtir, dar "share", "send" ou "like" (marque quantas quiser)

- YouTube
- Spotify
- Facebook
- Soundcloud
- Itunes
- Google+
- Shazam
- WhatsApp
- Facebook Messenger
- Twitter
- Instagram
- Snapchat
- 8Tracks
- Deezer
- Outros...

Costuma CRIAR PLAYLISTS de rap? Em quais sites, redes sociais, aplicativos *
ou plataformas?

*enviar, compartilhar, curtir, dar "share", "send" ou "like" (marque quantas quiser)

- YouTube
- Spotify
- Facebook
- Soundcloud
- Itunes
- Google+
- Shazam
- WhatsApp
- Facebook Messenger
- Twitter
- Instagram
- Snapchat
- 8Track
- Deserto
- Outros...

Costuma seguir páginas ou perfis artísticos em sites ou redes sociais? *

Sim

Não

Quais perfis ou páginas você costuma seguir?

(cite ao menos um artista ou grupo e uma rede social em que ele aparece)

Texto de resposta curta

Quais meios você utiliza para se informar sobre rap ? *

TV tradicional ou canais de TV na internet

rádio tradicional ou pela internet

jornal impresso

revistas impressas

sites de notícia

redes sociais

sites e blogues especializados em música ou rap

nenhum

Outros...

Cite algum/alguns destes veículos/meios

Texto de resposta curta

Como você armazena o rap que escuta? *

(Marque quantas quiser)

- Não armazeno
- Ouço online, mas armazeno para ouvir quando não estou conectado/a
- Uso CDs
- Uso pendrive
- Uso HD externo
- Uso computador ou notebook
- Uso o celular
- Uso o tocador de MP3
- Coleciono discos/LPs
- Coleciono K7s/fitas
- Outros...

Aonde costuma ir para escutar rap? *

(marque quantas quiser)

- um centro cultural, ou casa de cultura
- praças, parques ou ruas
- um clube social
- casas de shows e espetáculos
- um centro comunitário
- bares, discotecas, boates ou casas noturnas
- lojas de discos
- casas de amigos, festas privadas
- shows em estádios
- locais de batalhas de rima
- Outros...

Cite alguns desses lugares

Texto de resposta curta

Costuma pagar para ir a esses lugares? *

- Sim
- Não

Quanto costuma pagar para ir a esses lugares? *

(quanto costuma gastar no total entre o valor de entrada/ingresso, consumo mínimo no local e o cachê ou couvert do artista)

- não costumo pagar
- de R\$ 5 a R\$ 15
- de R\$ 15 a R\$ 30
- de R\$ 30 a R\$ 50
- mais de R\$ 50

Você... *

	sempre	às vezes	raramente	nunca
compra CDs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
paga para baixar faixas e discos ou compra músicas individualmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
paga por assinatura de plataforma sonora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
paga por ingressos a shows	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
compra LPs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quem são os rappers, MCs, DJs, Crews, Grupos que você mais escuta ou admira? *

(cite ao menos dois nomes)

Texto de resposta curta

Após a seção 9 Continuar para a próxima seção

produção de rap

Descrição (opcional)

Você produz rap? *

- Sim
- Sim, mas não tenho produzido ultimamente
- Não
- não, mas gostaria

Como você produz rap?

Texto de resposta longa

Participa de algum grupo, crew, banca ou coletivo? *

- Sim
- Não

Qual?

Texto de resposta curta

O que é mais interessante na cena em que você participa? *

Texto de resposta longa

Obrigado!

Sua participação foi muito importante na pesquisa. Não esqueça de clicar abaixo e enviar suas respostas. Se deseja saber os resultados dessa pesquisa, ou tem alguma sugestão, ou reclamação, escreva para bildcomunica@gmail.com

III b) Roteiro temático para entrevista semiestruturada:

Tema	Roteiro temático /Perguntas sugeridas
Aquecimento: informações socioculturais	Qual o teu nome/nome artístico?
	Onde nasceste e onde moras? (cidade, bairro, região)?
	Quantos anos tens?
	Qual a tua ocupação? Estás nessa ocupação no momento? Quantas horas te dedicas a isso?
	Qual a tua escolaridade?
	Qual a tua classe social?
	Como tu te identificas quanto a raça, cor ou etnia?
	Com quantas pessoas/ com quem vives? As pessoas com quem tu convives gostam de música? E de rap?
	Quais teus gêneros musicais preferidos?
	O que curtes/gostas de fazer nos momentos de lazer?
	Qual a importância da música na tua vida?
A relação com o rap/hip-hop e a Circulação na cena	O que é o rap para ti? E o hip-hop?
	Quais são os rappers que você mais respeita/admira?
	Quais artistas/bandas/crews/grupos/rappers te introduziram ou apresentaram o rap?
	Continuas escutando esses artistas? Por quê?
	O rap tem a ver com gosto musical, estilo ou identidade? Por quê?
	O rap tem relação com gênero, classe social, cor, raça ou etnia? Por quê?
	Para ti, o rap é cantado, falado, ou declamado?
	Participa de algum <i>crew</i> ou coletivo artístico?
	Aonde vais para escutar/tocar/cantar/fazer rap?
	Quando te lançaste na cena rap?
	Tens trabalhos artísticos circulando na cena? Quais?
	O que te interessa na cena local? Onde procuras novidades?
	Costumas fazer upload/subir músicas em redes sociais ou plataformas sonoras? Em quais?
	Tens uma página ou perfil artístico (público) em sites ou redes sociais? Qual é?
	Como é a tua relação (profissional) com os organizadores da festa/proprietários do local onde te apresentas?
	Em Porto Alegre há espaços para o rap? E para o hip-hop?
	Qual a tua relação com o público?
Tu tens fãs ou seguidores? Conheces os teus admiradores?	
Quem são os teus parceiros na cena?	

Produção musical	Tu produzes rap?
	Como é a produção de rap na cidade?
	Costumas usar ou já usou estúdio de gravação? Crias rap em casa? Quais ferramentas usas?
	Já viveste de música? Do rap? Da arte? Se tens outra profissão, já usaste o rap para complementar a renda/ fizeste “bico” de rapper?
	Qual a relação do rap com a indústria fonográfica? Como é a indústria local?
	E os estúdios de gravação? E os custos? As tecnologias ajudam a baratear a gravação de rap?
	E a apresentação ao vivo, o que ganha com as tecnologias sonoras?
Consumo cultural e midiático: usos e apropriações	Ouves música em casa? Como?
	Onde mais escutas música? Como?
	Tens ou já teve celular com internet? Usas celular com internet ou smartphone para baixar ou ouvir músicas? Como?
	Quais os sites, aplicativos ou plataformas que usas para ouvir música no celular? E no computador?
	Usas outro meio?
	Usas plataformas para escuta online? De streaming?
	Fazes <i>upload</i> de música?
	Como armazenas as músicas?
	Costumas criar playlists/listas de músicas?
	Em quais momentos o rap é a tua primeira escolha musical?
	Costumas escutar álbuns inteiros, seleções ou faixas separadas? Qual a tua preferência?
	Usas redes sociais para ouvir ou partilhar música?
	Como costumavas saber novidades sobre rap?
	Quais os sites/revistas/blogues/jornais ou outros meios que usas para saber mais sobre rap?

III c) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, _____ estou sendo convidado(a) a participar como informante do estudo denominado "RACIONALIDADES DO CONSUMO MUSICAL: um estudo sobre práticas juvenis na cena rap porto alegre", que tem o objetivo geral de investigar as práticas socioculturais e as racionalidades do consumo (escuta e produção) do rap na cena porto alegre entre as novas formas de circulação midiática da música.

As informações colhidas nas entrevistas e nos questionários serão usadas somente para fins de pesquisa, e contribuirão, possivelmente, para as investigações da área da Comunicação. Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas, com a garantia total de sigilo e confidencialidade. Os resultados deste estudo poderão, além de constar de uma tese de doutorado, ser apresentados em congressos ou revistas científicas, e caso isso ocorra, divulgados sem revelar nomes, ou qualquer informação que esteja relacionada à sua privacidade. Assumo que minha participação neste estudo será a de conceder um relato através de entrevista e respostas a um questionário, nos quais irei discorrer sobre minhas práticas de consumo e produção de rap. Estou ciente de que poderei discorrer livremente sobre as questões propostas pelo pesquisador, sem qualquer imposição. Fui informado ainda que o áudio da entrevista será gravado para posteriores análises. Estou seguro que tenho livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre este trabalho e de que não receberei nenhum tipo de compensação financeira por minha participação neste estudo, entretanto todas as despesas para coleta de informações serão a cargo dos pesquisadores, sem nenhum custo aos informantes.

O interesse em participar da pesquisa pode acarretar em riscos leves, tal como o cansaço ou constrangimento ao responder ao questionário sobre consumo midiático, ou ao participar de uma entrevista semi-estruturada ou em profundidade. As questões propostas pelo pesquisador podem ser desconfortáveis. Porém, assume-se o compromisso de manter esses riscos ao mínimo e, nestes casos, sempre será oferecida aos participantes a possibilidade de adiar a entrevista ou desistir do procedimento. Caso eu me sinta constrangido ou aborrecido com o estudo, reservo-me o direito de desistir de participar, ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bastando para isso apenas entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Fui informado que o pesquisador responsável pelo estudo é a Prof^a. Dr^a. Karla Maria Muller, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), orientadora da autora do projeto, Dulce Helena Mazer, discente de doutorado no mesmo programa.

Caso houver qualquer dúvida, após a realização da entrevista, poderei contatá-las através do fone (51) 3308-5116 ou do e-mail kmmuller@ufrgs.br. Caso seja necessário, também fui informado a entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS através do fone: (51) 3308-3738 ou no endereço: Rua Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 - Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, em Porto Alegre/RS, CEP: 90040-060, que aprovou este projeto de pesquisa.

Assim, tendo sido orientado(a) sobre o conteúdo de todo trabalho e compreendida a natureza e o objetivo deste estudo, manifesto meu livre consentimento em participar desta pesquisa.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFRGS) e está em duas vias, uma ficará com o pesquisador e a outra com o entrevistado.

_____, _____ de _____ de 2017.

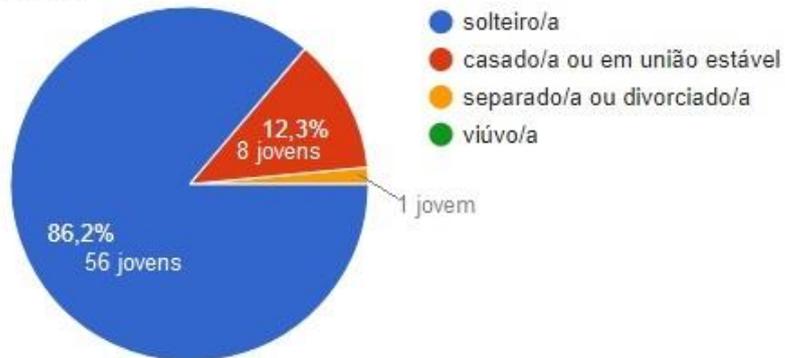
Assinatura do informante

Assinatura do pesquisador responsável

Apêndice IV – Outros gráficos e levantamentos construídos através do questionário

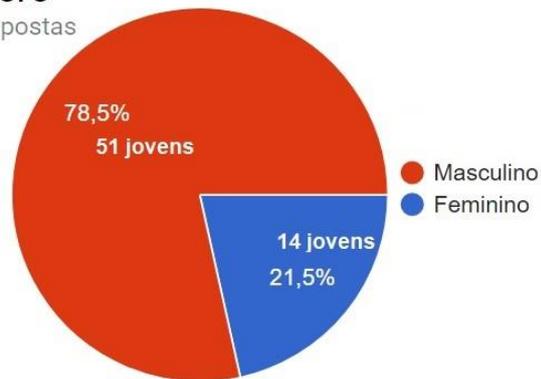
Estado civil

65 respostas



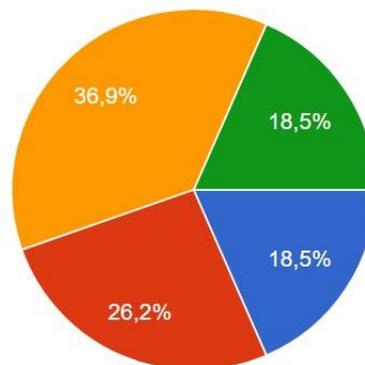
Gênero

65 respostas



Trabalha ou estuda no momento?

- Sim, trabalho
- Sim, estudo
- Sim, trabalho e estudo
- Não trabalho, nem estudo

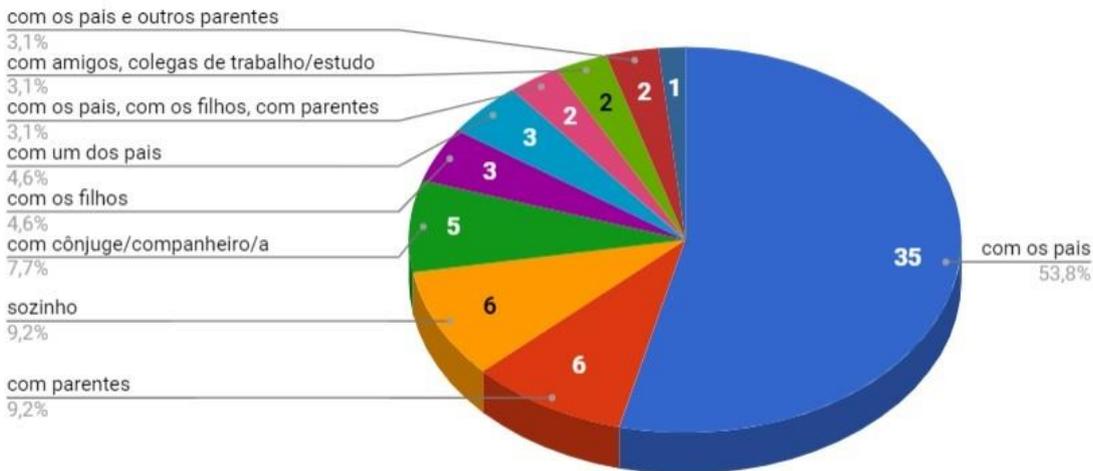


Escolaridade

53 respostas

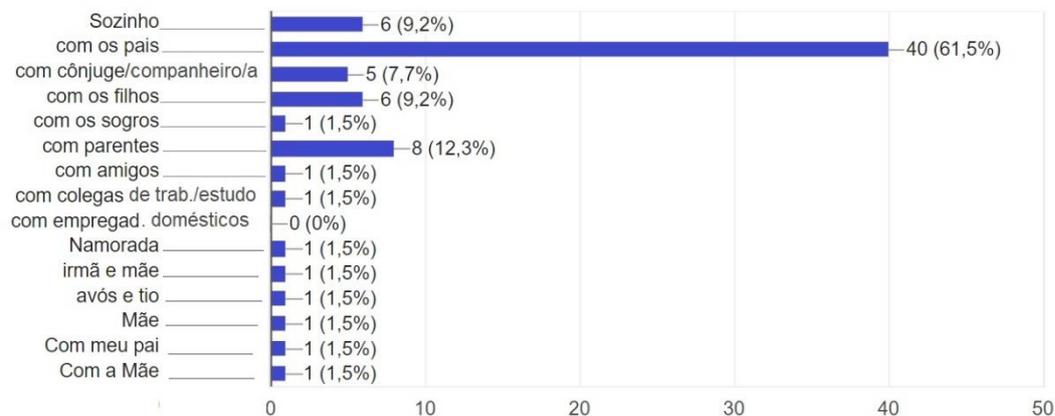


Com quem moram?



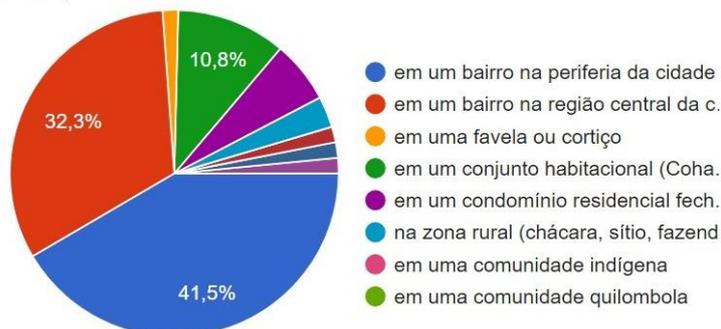
Com quem mora?

65 respostas

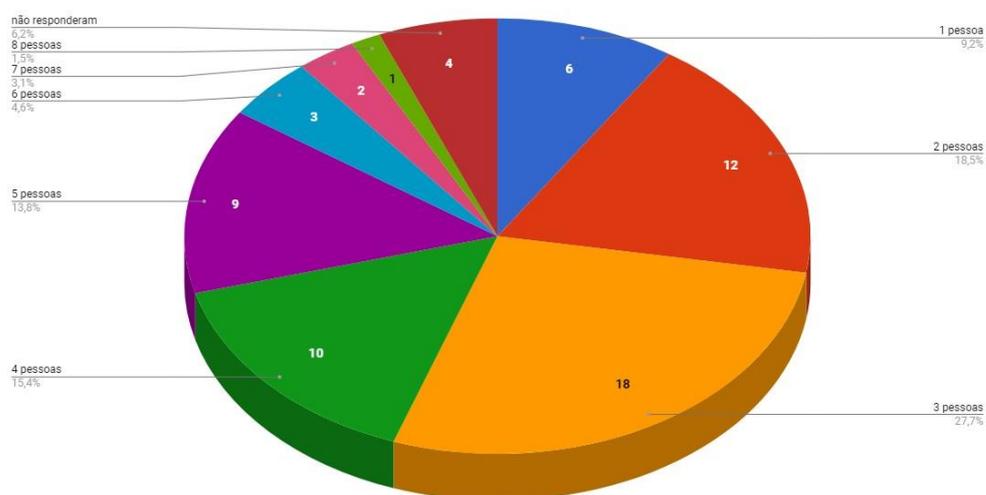


Em que localidade da cidade fica sua casa?

65 respostas



Total de pessoas vivendo na casa

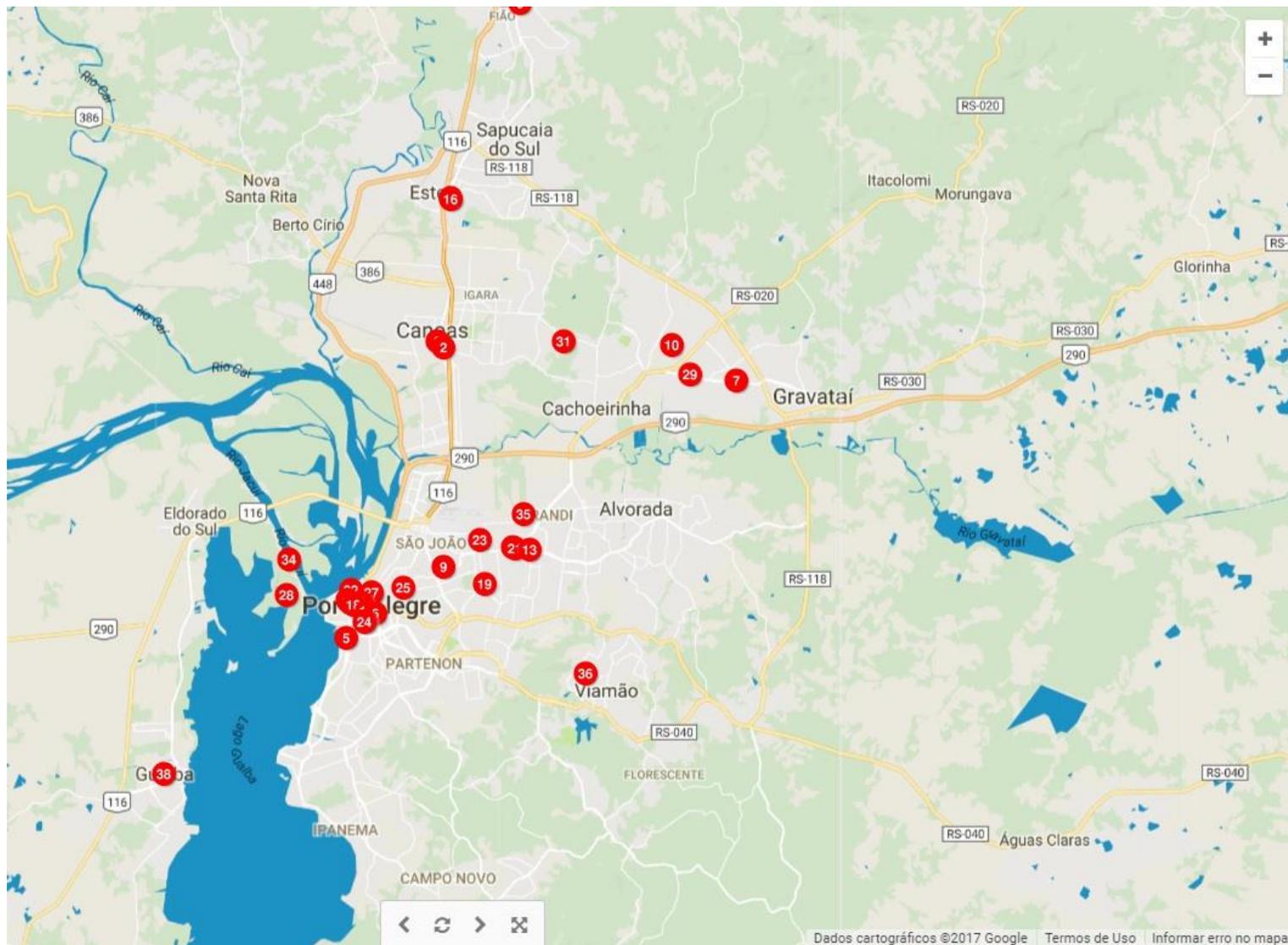


Você produz rap?

65 respostas



Apêndice V – Cartografia da cena rap na Região Metropolitana de Porto Alegre



Apêndice VI – Breve estado da arte dos estudos em comunicação, música e consumo

O levantamento a seguir foi realizado entre os meses de outubro de 2015 e março de 2016 para o preparo do exame de qualificação da autora. A título de revisão, algumas informações foram adicionadas de modo subsequente. Mas o relato carece de uma releitura mais completa que colabore para sua atualização. Como relatamos no capítulo sobre culturas juvenis, a relação entre juventude e música ganhou força a partir da segunda metade do século XX, com os estudos culturais desenvolvidos no CCCS (*Centre for Contemporary Cultural Studies*), da Universidade de Birmingham, Inglaterra, dando visibilidade às práticas culturais juvenis de camadas populares. A cultura, naquele período, era estudada por camadas e, entre elas, se identificavam subculturas como os *teds*, *rockers*, *mods*, *rastafaris*, *skinheads* e *punks* como expressões de estilo e de pertencimento de classe. Os estudos fortaleciam o debate sobre a cultura juvenil, o que era definido, à época, como "uma massa indiferenciada de pessoas de idade similar e de gostos e experiências afins" (FREIRE FILHO, 2005, p. 140), apontada pela faixa etária e pelo notável interesse de consumo.

A partir dos anos 90, as críticas à supervalorização da classe social pelos estudiosos de Birmingham resultaram em diversas nomenclaturas para a substituição do conceito de subculturas, entre elas: cenas, comunidades, canais, culturas *club*, estilos de vida, tribos e neotribos. A principal crítica ao CCCS era a de que o relato sobre as culturas juvenis às quais se dedicavam era incompleto, sem a devida dedicação aos sentidos articulados gerados pelos próprios jovens a partir dos seus contextos de pertencimento, uma grande contradição, dado o caráter empírico e multidisciplinar dos Estudos Culturais, o que irrompeu em uma série de teorias ainda em uso nos estudos brasileiros de juventudes, música e práticas culturais. Entre elas, destacam-se principalmente a Sociologia (do gosto) de Bourdieu, a teoria da performatividade de Butler e o conceito de tribos de Maffesoli, que influenciaram outros teóricos e resultaram em um conjunto apontado como estudos pós-subculturais (FREIRE FILHO, 2005), colocando foco nos conflitos internos do universo subcultural, uma contribuição enriquecedora ao fluxo dos estudos.

Algum tempo depois, os estudiosos (inclusive no Brasil) passaram a perceber que a tensão entre as esferas global e local também colabora para a reorganização da cultura e passa a existir uma reformulação das teses generalistas. Hoje sabemos que a música tem um papel decisivo na constituição do ser jovem, fazendo parte do cotidiano das diferentes classes, territórios, gêneros e estilos de vida, seja como parte do lazer e do entretenimento vivenciado

por indivíduos jovens, seja mais profundamente, nas formações identitárias, na organização de grupos, na produção das subjetividades, fomentando gostos, preferências e posicionamentos políticos, como expressão de resistência cultural, entre outros. Infelizmente as nuances etnográficas de tais movimentos ainda são bastante desconhecidas nos estudos brasileiros. Isso, principalmente, porque proliferam pesquisas rápidas e gerais sobre representações midiáticas de grupos juvenis relacionados a estilos urbanos e gêneros musicais, mas poucos grupos efetivamente realizam estudos mais profundos, falando do campo brasileiro da comunicação, dedicados às práticas culturais relacionadas à música em seus distintos contextos sociais. É custoso realizar uma pesquisa aprofundada, requer que o trabalho seja único, porém em intercâmbio com outros pesquisadores do campo. Dá trabalho e resulta, muitas vezes, em diálogos acalorados com “exércitos de um homem só”. Felizmente esta realidade vem mudando nos estudos brasileiros, já diremos a razão disso.

Vemos nascer nos principais eventos do campo da comunicação grupos dedicados exclusivamente aos fluxos comunicacionais da música, à comunicação musical e suas interfaces comunicacionais, aos públicos e culturas musicais, bem como às indústrias culturais da música e às estéticas sonoras e musicais, aspectos tecnológicos, econômicos, políticos, subjetivos e de sociabilidade dos universos de produção, circulação e consumo sonoro e musical em ambientes midiáticos. Em 2015 o Grupo de Trabalho Estudos de Som e Música reuniu-se pela primeira vez no XXIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), realizado em Brasília. Até aquele ano, os estudos relacionados à música e comunicação eram debatidos principalmente nos GTs de Comunicação e Experiência Estética, Cultura das Mídias, Comunicação e Cidadania, Cibercultura, Comunicação e Sociabilidade, Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual, Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, entre outros. Algo parecido ocorreu com os Congressos Nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Um interessante levantamento realizado sobre o estado da arte entre 2001 e 2015, do GP Rádio e Mídia Sonora aponta a consolidação das pesquisas sobre radiofonia, música e som no Brasil (KISCHINHEVSKY et al, 2016, p. 8):

"Um aspecto notável é a evolução dos trabalhos sobre música e/ou indústria fonográfica. Seria possível supor que, como o GP Rádio e Mídia Sonora representava um espaço único no âmbito da Intercom para artigos relacionados a esses temas, o número de *papers* sobre música e/ou indústria fonográfica declinasse sistematicamente a partir da criação do GP de Comunicação, Música e Entretenimento. Com atividades iniciadas em 2013, o GP Comunicação, Música e Entretenimento reuniu naquele ano 17 apresentações de trabalhos, número que subiu para 26 no ano seguinte e para 44 em 2015 – um sinal inequívoco de uma demanda reprimida, sobretudo em relação a pesquisas relacionadas a gêneros musicais, consumo midiático e discussões estéticas."

Apesar da existência de novo um grupo para as discussões sobre música e/ou indústria fonográfica, o tema se mantém com alguma regularidade no GP Rádio e Mídia Sonora ao longo do período analisado no artigo, segundo Kischinhevsky et al (2016) e a troca entre os autores presentes nos dois grupos é ativa em outros eventos e publicações, como percebemos durante toda nossa análise. Ainda que haja unicidade entre os temas de pesquisa e considerando as especificidades de cada trabalho, a organização em Grupos estimula e facilita o colóquio. O campo científico ganha com a possibilidade de ampliar as visões gerais sobre os objetos científicos discutidos neste âmbito.

Pós-Graduação em Comunicação no Brasil apresentou nas últimas décadas um significativo crescimento numérico e qualitativo. Em 1991, quando a Compós foi criada, eram apenas 6 PPGs, nenhum deles com nível de excelência internacional (reconhecido hoje pelas notas 6 ou 7). Nos anos 90, deu-se um primeiro momento de expansão, que se intensificaria fortemente a partir dos anos 2000 (hoje, temos na Comunicação, considerando os programas criados em 2016, 50 PPGs). Há uma significativa variedade de instituições, de realidades locais e regionais, de trajetórias e vocações, historicamente constituídas, e de perfis de corpos docente e discente em nossos Programas.

Ao mesmo tempo em que crescemos e nos diversificamos, enfrentamos dificuldades que nos atingem a todos, como a redução das verbas de custeio, do financiamento de pesquisas e das bolsas. Partilhamos igualmente o desafio constante e necessário da inserção qualificada na área, para o que critérios de excelência - na produção intelectual, na inserção social, na internacionalização - são imprescindíveis e parametrizadores.

Há, portanto, uma realidade plural, complexa e ainda desigual, diante da qual buscamos nos situar e familiarizar. O enfrentamento desse quadro passa certamente pelo fortalecimento interno dos Programas. e também mediante a intensificação da partilha acadêmico-institucional entre os PPGs e na compreensão - crítica, madura e propositiva - da diversidade que nos constitui. É essa partilha que nos permitirá construir coletivamente uma política acadêmica sólida.

Nesse cenário, a Compós deve reafirmar-se continuamente como espaço de interlocução entre os Programas. Diferentes ações podem materializar esse papel agregador, tais como::

- análises comissionadas tanto de especificidades quanto de recorrências transversais;
- o estímulo a parcerias interprogramas;

- a condução das reuniões do Conselho da Compós como momentos de debate, compartilhamento de experiências e discussão mais amplos e estruturados, com o enfrentamento consciente e responsável de pontos polêmicos que nos envolvem.

Outro exemplo deste fortalecimento é a realização dos eventos brasileiros, como seminários e simpósios em diversos PPGs pelo país. Destacam-se como grandes eventos o Musimid - Encontro Internacional de Música e Mídia, criado em 2001¹² que já está em sua 13ª edição - e o Comusica (Congresso de Comunicação & Música, em sua 5ª. edição). Além de eventos nacionais, sediamos o 18º Congresso Bienal da IASPM¹³ na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2015 com a publicação de livro de resumos, o que resulta em novos materiais para consulta e fomento do campo.

A fim de reforçar as instâncias epistemológica, teórica e metodológica (LOPES, 1990) da pesquisa sobre a relação entre música, cultura e juventude, bem como aumentar nossa vigilância crítica e justificar a problemática da pesquisa em proposição, realizamos uma sistematização do conhecimento sobre a questão em três diferentes momentos. A primeira etapa ocorreu logo no início do desenvolvimento do doutorado, com o ajuste do projeto aprovado na seleção do Programa de Pós-Graduação para as expectativas que a própria formação exige, bem como ajustes à demanda da linha de pesquisa e aos projetos da orientadora. Tais adequações não cessam e são sempre frutíferas, retomando também no desenvolvimento deste panorama brasileiro que apresentamos seus últimos avanços.

A segunda etapa ocorreu no período que antecedeu a qualificação e logo após a realização de pesquisa exploratória e doutorado sanduíche no México. Resultou também da experiência com a pesquisa Meios & Audiências III, sobre os estudos de recepção e consumo midiático na pós-graduação em comunicação no país. A terceira coleta para este panorama foi realizada no início de 2017, logo após o exame de qualificação, para a finalmente lançar as bases da pesquisa final de campo e para o relatório da tese.

Erigido sob a perspectiva sociocultural, nosso viés procurou agrupar estudos que abarcassem:

(...) uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si mesmo, pretendem problematizar e pesquisar, seja do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural (ESCOSTEGUY, 2004, p.135).

¹² O Musimid foi criado a partir de encontros realizados nos congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Música – ANPPOM, derivado da subárea Música e interfaces, onde se discutiam as relações entre música e mídia.

¹³ *Internacional Association for the Study of Popular Music*. Resumos disponíveis em <https://18iaspm.files.wordpress.com/2015/06/livro-de-resumos.pdf> e informações em <https://18iaspm.wordpress.com/>

Desta perspectiva, apontamos confluências, avanços e fragilidades nos estudos de consumo cultural e midiático de música pela juventude a partir dos textos coletados. O conhecimento científico é uma das plataformas epistêmicas mais relevantes de produção de saberes sobre os jovens e, apesar da existência de pesquisas sobre este público, observamos que, ainda que a realidade em que estão inseridos mude rapidamente, as representações sobre eles se mantêm através de estereótipos juvenis (URTEAGA, 2011), ou de pesquisas sobre públicos que persistem na dificuldade de defini-los como grupos homogêneos (SCHMITZ; MAZER; FANTONI, 2017).

Para além dos estudos de recepção e consumo, encontramos uma coletânea para sistematização do conhecimento científico sobre juventudes no livro *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira* (SPOSITO, 2009). A exemplo do que ocorre com a tríplice Meios & Audiências (JACKS et al 2008, 2014 e 2017), o trabalho de Sposito, no entanto, baseia-se apenas na produção do conhecimento discente na pós-graduação em Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social realizados entre 1999-2006, o que limita a definição de campo científico e o panorama exposto a estudos sobre juventudes realizados por pesquisadores em formação. Outra característica importante para nossa leitura é que, embora o texto considere a importância dos estudos interdisciplinares, incluindo os relacionados ao campo da comunicação, os autores não se propunham a analisar a produção dos programas de pós-graduação estritos em comunicação social. Mantida estas ressalvas, o livro traz grande contribuição, pois conecta dois principais pontos de apoio nacionais sobre o público em questão: o Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense (UFF). A revisão inclui diversos temas, entre eles um recorte que nos interessa mais diretamente: as interfaces entre os jovens e as novas tecnologias (SETTON, 2009). Este grupo de estudos foi considerado emergente pelos autores, que apontaram certa tendência para o enfoque “psicológico ainda que quase todos desenvolvam raciocínios interdisciplinares na confluência das áreas da Comunicação, Educação, Psicologia ou Sociologia e, em menor número, da Filosofia”. Quanto ao interesse pelo público, a leitura aponta:

(...) deriva do fato de acreditarem que os jovens estão em fase de construção de suas identidades e, portanto, são mais vulneráveis na apreensão e influência das mídias em seus comportamentos e subjetividades. As características culturais e sociais específicas desta faixa etária são pouco problematizadas tanto do ponto de vista psicológico quanto do sociológico (SETTON, 2009, p. 65).

Compreender o que vem sendo feito em diferentes disciplinas só tem a acrescentar ao nosso estudo, pois possibilita problematizar as diferentes perspectivas. O enfoque psicológico, no entanto, vai de encontro ao que propomos nos estudos de consumo cultural e recepção, pois, em geral, descreve trabalhos na perspectiva comportamental, atendendo a uma demanda de investigação sobre os efeitos das mídias.

Outro destaque na compilação é que a bibliografia sobre o tema juventude é clássica e pode ser considerada antiga, sobretudo aquela relativa ao aspecto geracional (SETTON, 2009). No aspecto da cultura jovem, autores como Helena Abramo (1994), Hermano Vianna (1988), Angelina Peralva (1997), José Machado Pais (1993) são referenciados; no aspecto Mídia os autores mais citados são Raymond Willians (1992, 1969), Beatriz Sarlo (1997), Edgar Morin (1984), Jesús Martín-Barbero (1997). Quanto aos métodos, a fim de conhecer o usuário das novas tecnologias, a maioria dos pesquisadores empregou a etnografia virtual com usuários da Internet. As discussões sobre as dificuldades conceituais e teóricas foram unânimes e o assunto, considerado ainda pouco trabalhado pelo viés das Ciências Sociais. São estudos autodefinidos como exploratórios, pois enfrentam dificuldades de interlocução teórica e metodológica. A bibliografia mais utilizada refere-se às obras de Pierre Levy, Manuel Castells, Sherry Turkle, Howard Rheingold, Anthony Giddens e André Lemos. As principais referências sobre juventude são Helena Abramo e Márcia Regina Costa.

Na obra acima a expressão Geração @, referência encontrada também em Feixa (2014), foi usada para definir um segmento que tem “grande familiaridade com as tecnologias, em sua maioria na faixa dos 14 aos 25 anos”. Setton (2009) salienta que a discussão das investigações acaba por desmistificar a ideia de que os usuários jovens da Internet são adolescentes aficionados e viciados neste tipo de atividade. Segundo estas pesquisas, os jovens desenvolvem outras práticas de lazer e leitura, entre elas a escuta musical através das mídias digitais. A dificuldade de definir o público reaparece nesta compilação, como já havíamos apontado que ocorrem com os estudos de recepção e consumo midiático (SCHMITZ, MAZER e FANTONI, 2017).

A fim de complementar esta discussão, apontamos um levantamento exploratório da temática, buscando atender ao recorte temático (comunicação, jovem, cultura urbana, música e consumo midiático), bem como recortes sobre público. Nosso primeiro olhar foi sobre a produção latitudinal de conteúdos, focando em trabalhos que correspondem a uma produção cronológica e localizada (trabalhos coletados por PPGs, GTs e GPs divididos por universidades ou eventos e anos de apresentação) e outro foco longitudinal, onde pudemos observar os conceitos trabalhados por autores que dialogam especificamente com a nossa temática.

Assim, dividimos o conteúdo em três grupos de trabalho: **grupo 1)** levantamento de teses e dissertações nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação da última década; **grupo 2)** observação da produção de docentes vinculados a estes programas e/ou orientadores dos trabalhos encontrados no levantamento (grupo 1) e **grupo 3)** produção científica dos principais eventos da área.

O **grupo 1** foi levantado em todos os bancos de teses e dissertações dos 42 PPGs nacionais no campo da Comunicação no período de 2006 a 2015. A partir de título, resumo e palavras chaves, os trabalhos foram categorizados em: consumo cultural; público jovem; objetos de estudo relacionados à música ou ao consumo musical. Neste recorte, 29 trabalhos completos foram lidos, pois apresentaram temáticas e objetos relacionados ao consumo cultural ou midiático de música. Apenas 9 deles definiam claramente os sujeitos da pesquisa como jovens.

A seguir, apontaremos uma síntese dos estudos encontrados que colaboraram para propor estratégias e operacionalizar o projeto de tese.

Pode-se apontar uma tendência nos estudos de consumo cultural e midiático de diversas mídias, gêneros e formatos em relação à temática da juventude. Alguns trabalhos refletiram teoricamente sobre consumo cultural e midiático, bem como sobre a interação entre jovens, mas a maioria dos trabalhos envolvendo a temática aponta resultados sobre representações sociais e midiáticas, não envolvendo os sujeitos consumidores. Além disso, a música não é um elemento muito recorrente neste recorte, conforme o que levantamos:

- * os nove trabalhos sobre o consumo cultural ou midiático de música entre jovens apresentam aportes teóricos e empíricos socioculturais, considerando as complexas variáveis entre cultura e sociedade para se conhecer o consumo musical juvenil. Alguns, no entanto, são complementados com a perspectiva sociodiscursiva, que compreende as análises dos sentidos produzidos pelos sujeitos na recepção de conteúdos musicais;
- * nenhum destes trabalhos define o consumo musical;
- * os textos destacam os usos de meios e suportes para a prática de escuta, circulação e produção musical;
- * apontam características subjetivas e/ou identitárias sobre os jovens, alguns chegam a destacar aspectos sobre cidadania, relacionados aos dois primeiros pontos;
- * em geral, os trabalhos não apresentam contextualização, nem justificam a escolha dos sujeitos jovens. Mais raramente explicam com quais juventudes se preocupam. Há muita confusão na opção por trabalhos com sujeitos adolescentes e jovens, bem como em suas definições.

A seguir discorreremos algumas especificidades que nos ajudarão a organizar nosso problema de pesquisa.

Na perspectiva sociodiscursiva de consumo musical, Silva (2008) aponta uma “arqueologia de discursos”, apresentando as aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil, por meio do *heavy metal* como manifestação cultural. Neste caso, são introduzidos os sentidos produzidos nos discursos de entrevistados, jornalistas e leitores de uma publicação segmentada sobre o gênero. Ambos resultam em inferências sobre representações e identidades, não necessariamente juvenis.

Na linha dos estudos sobre representações e discursos, da Costa (2015) reflete sobre as representações simbólicas da mulher entre jovens consumidores do forró eletrônico. Para isso analisa os conteúdos enunciados no forró eletrônico e estuda o processo de construção de sentidos midiáticos entre consumidores/receptores jovens nas interações com os músicos das bandas “Limão com Mel”, “Furacão do Forró” e “Garota Safada”.

As experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza (CAMPOS, 2011), foram foco de um estudo sobre a atuação cotidiana de estudantes de instituições públicas de ensino básico em produções radiofônicas. Para tanto, os jovens foram envolvidos em oficinas e refletiram sobre o consumo musical. Dessa maneira, foram analisadas as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos, “tendo como perspectiva investigar exercícios de cidadania que partem desses processos”, resultando em uma dissertação sobre identidades.

Destacam-se outros catorze textos que refletem sobre as práticas do consumidor, ouvinte ou usuário. Abeche (2012) aborda a comunicação e consumo de música no ciberespaço: o papel do usuário de redes sociais na distribuição e compartilhamento de músicas, refletindo sobre a relação comunicativa entre usuários do ciberespaço, não necessariamente jovens, e os arquivos de música disponibilizados nas plataformas de distribuição e compartilhamento *blip.fm*, *last.fm* e *hypemachine.com*.

Polivanov (2012) mapeia as dinâmicas de autorepresentação de atores de cenas da música eletrônica paulistana e carioca no Facebook, por meio de métodos etnográficos em cenas musicais. O trabalho destaca a performance, a autorreflexividade e a sociabilidade e entendendo o consumo como produtor identitário.

As disputas simbólicas na cena de música eletrônica também foram discutidas em trabalho (PINTO, 2009) que buscou apontar as discussões de gosto nas cenas musicais, observando as opiniões de usuários em um fórum de discussões do gênero musical. Da mesma maneira, um trabalho (SOUZA, 2012) analisou as interações entre o usuário “industrial e o amador”, acompanhando duas plataformas de produção musical que propõem modelos de

criação e circulação a partir do incentivo à apropriação, ao remix e ao compartilhamento de músicas. O texto reflete sobre a eficiência econômica de novos modelos de produção que se pautam por propostas alternativas de regulação do direito autoral, pela participação colaborativa na criação e por novas concepções de gestão da produção musical a partir do contexto de abundância e livre acesso ao consumo e reapropriação.

O consumo de música pop portuguesa foi problematizado (?, 2012) na relação entre 'tradição' e a 'modernidade', com o objetivo de verificar em que medida os consumidores são afetados pela “ideia de música portuguesa”. As “remixagens midiáticas na cibercultura juvenil” foram objeto de um estudo (AURELIO Jr., 2010) sobre a interação e sociabilidade na constituição de uma rádio na internet, cujo autor observou um grupo denominado como *otaku*, constituído de jovens fãs da cultura oriental, que mantinha uma emissora radiofônica no ciberespaço (web radio). O trabalho também se destaca pela relação entre práticas de consumo e constituição identitária.

Outro (GÓMEZ LLANOS, 2014) apontou uma cartografia das músicas fusão, refletindo sobre a subjetivação política dos jovens migrantes negros na cidade de Cali, na Colômbia. Outra pesquisa (LOUSADA, 2014) consiste em um estudo da representação do corpo e investiga a relação entre juventude, sociabilidade e produção de sentidos nos bailes cariocas. Para tanto, propôs observar os jovens e os modos pelos quais seus corpos são adequados para tais festas, além de aspectos que influenciam a construção da identidade juvenil. A pesquisadora se ocupa de uma investigação documental de mídia impressa e digital sobre os bailes, triangulando com observação das danças e realização de entrevistas abertas e semi-estruturadas com os jovens.

Ainda sobre a dança no âmbito do consumo musical, uma dissertação (SANTOS, 2005) se ocupa da recepção de videoclipes, refletindo sobre a dança midiaticizada na televisão e a recepção do público adolescente. Embora este grupo não seja o foco de nosso projeto, o texto foi selecionado para leitura e conhecimento da abordagem.

Relacionados ao tema que mais nos interessa, quatro textos (BASTOS, 2008; GORCZEVSKI, 2007; MAIA, 2011; TOMASSI, 2011) mostram o contexto sociocultural de jovens a partir do consumo de rap. Bastos (2008) mapeia a cena rap do movimento hip hop do ABC Paulista, preocupando-se com as mediações a partir da história de vida de agentes da região, intelectuais orgânicos que trabalham os “quatro elementos artísticos do hip hop (MC, DJ, dança de rua e grafite) para a formação e intervenção cultural” da juventude. Aponta a constituição histórica do movimento paulista, o mais antigo no país.

O segundo aponta as “micropolíticas da juventude e visibilidades transversais” presentes no bairro da Restinga, em Porto Alegre (GORCZEVSKI, 2007), cujo enfoque é a vida

no bairro, atravessada por consumos culturais e midiáticos, entre eles o de música (rap, entre outros). O terceiro (MAIA, 2011), reflete sobre as interações midiáticas em jovens da periferia de Natal, RN, onde um grupo de jovens se organizou para melhorar seu acesso a tecnologias, construindo um centro cultural para uso de computadores e de internet, onde “produziram música e o primeiro videoclipe do grupo”. A dissertação refletiu sobre os usos e apropriações midiáticas juvenis em contextos periféricos, cuja apreciação juvenil pelo rap prevalecia.

Apresenta-se ainda o trabalho *Assalamu Aleikum* favela, sobre a performance Islâmica no movimento hip hop das periferias do ABCD e de São Paulo (TOMASSI, 2011), que se debruça sobre a percepção dos interlocutores do movimento com um enfoque etnográfico do hibridismo entre Islã e hip hop, embora não situe os sujeitos participantes como jovens.

Em razão de avançar em nosso projeto de tese e apontar as principais inferências sobre os estudos de sua temática, pode se afirmar que, em geral, os trabalhos encontrados sobre consumo musical refletem preocupações com estéticas musicais ou audiovisuais, com a crítica musical nas publicações e com o mercado da música. Prevaecem estudos sobre as representações sociais e midiáticas da juventude, cujas principais abordagens são análise de conteúdo, análise do discurso da mídia, estética do audiovisual e análise semiótica. Poucos se debruçam essencialmente sobre a recepção ou consumo por jovens, utilizando instrumentos como entrevistas, questionários, observações etnográficas, etc.

Os estudos socioculturais do rap apontam um interesse maior pelas questões sociais conflitivas nas comunidades, sobre grupos subculturais, especialmente os jovens, e suas relações com o Estado, a sociedade, entre outros temas.

Observa-se ainda que, dentre os 42¹⁴ programas investigados, já se constrói uma tradição de pesquisas em relação ao tema do consumo cultural midiático de música entre jovens, ou que seja atravessado por essa tríade, o que ocorre principalmente sob a orientação de professores especializados nos assuntos relacionados. Destaca-se a trajetória dos estudos nesta intersecção nos PPGs:

¹⁴ Levantamento de 2014, durante o primeiro estágio de construção do Estado da Arte. Sabe-se que a “Pós-Graduação em Comunicação no Brasil apresentou nas últimas décadas um significativo crescimento numérico e qualitativo. Em 1991, quando a Compós foi criada, eram apenas 6 PPGs, nenhum deles com nível de excelência internacional (reconhecido hoje pelas notas 6 ou 7). Nos anos 90, deu-se um primeiro momento de expansão, que se intensificaria fortemente a partir dos anos 2000. Hoje, temos na Comunicação, considerando os programas criados este ano, 50 PPGs. Há uma significativa variedade de instituições, de realidades locais e regionais, de trajetórias e vocações, historicamente constituídas, e de perfis de corpos docente e discente em nossos Programas. **Fonte: Rose de Melo Rocha, Bruno Souza Leal e Josimey Costa da Silva em informativo de campanha pela direção da Compós nas eleições 2017.**

- Comunicação e Cultura, da UFRJ, sob orientação de João Freire Filho e Micael Herschmann;
- Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA, por Guilherme Maia de Jesus e Jorge Cardoso Filho;
- Comunicação na UFPE, sob orientação de Jeder Janotti Jr. e Thiago Soares;
- Comunicação, na Unisinos, orientados por Fabrício Lopes da Silveira, Jiane Bonin, Adriana Amaral e Denise Maria Cogo;
- Comunicação e Informação, na UFRGS, sob orientação de Nilda Jacks e Alexandre Rocha da Silva;
- Comunicação e Práticas de Consumo, na ESPM, orientados por Rose de Melo Rocha;
- Comunicação na UFF, sob orientação de Simone Pereira de Sá e Felipe Trotta, na UFPE.

Também se destacam entre os pesquisadores experientes: Eduardo Vicente, com seu trabalho sobre a história da indústria fonográfica no Brasil (2014), Veneza Ronsini, com a pesquisa sobre as identidades juvenis no consumo midiático do hip hop e da contracultura punk (2007), bem como de Adriana Amaral, com o mapeamento do consumo musical em Porto Alegre, o projeto *Poa Music Scenes*, ainda sem resultados publicados, além de Simone Luci Pereira, com estudos sobre memória, narrativa e escuta midiática. Destacam-se ainda as trajetórias de investigação entre consumo e juventude de Everardo Rocha e Maria Aparecida Baccaga, que por vezes compreenderam objetos relacionados à música.

Em relação às cenas musicais e seus atravessamentos sociais, como os estudos de culturas urbanas, música e cultura pop, destacamos os trabalhos de Micael Herschmann, Jeder Janotti Jr, Simone Pereira de Sá, Fabrício da Silveira, Simone Luci Pereira, Silvia Borelli, Thiago Soares, Cíntia Sanmartin Fernandes, Felipe Trotta, Heloisa Valente, Adriana Amaral Marcelo Kischinhevsky e Beatriz Polivanov. Hermano Vianna é bastante citado nos trabalhos sobre o tema. Apesar de antropólogo e pesquisador, destaca-se mais pela crítica cultural e a produção musical, sobretudo quando o foco é música popular, funk, rap e black music. No campo acadêmico Herschmann se destaca como um dos pesquisadores brasileiros que se dedicou nas últimas décadas aos estudos culturais do rap e do funk como expressões juvenis, bem como às mudanças na indústria musical e em seus usos. Um de seus avanços mais significativos foi refletir sobre a ambiguidade que por vezes criminaliza e outras glamoriza essas manifestações culturais. Entre as contribuições sobre este tema, destacamos ainda o trabalho de Freire Filho e sobre consumos juvenis e marginalização.

REFERÊNCIAS

ABECHE, Daniel Pala. Comunicação e consumo de música no ciberespaço: o papel do usuário de redes sociais na distribuição e compartilhamento de músicas. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

AURELIO Jr., Marcos. Remixagens midiáticas na cibercultura juvenil: interação e sociabilidade na constituição de uma rádio na internet. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). 2010. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Ecos de espelhos - movimento Hip Hop do ABC Paulista: sociabilidade, intervenções, identificações e mediações sociais, culturais, raciais, comunicacionais e políticas. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 185 f. 2008. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CAMPOS, Tarciana de Queiroz Mendes. Entre letras e músicas: experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2011.

DA COSTA, Fábio Soares. Recepção midiática e representações simbólicas da mulher entre jovens consumidores do forró eletrônico. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 201 f. 2015. Universidade Federal do Piauí. Terezina: 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In: MACHADO, Juremir; LEMOS, André; PEREIRA DE SÁ, Simone.(Orgs.). Mídia.br. Porto Alegre: Sulina, 2004.

FEIXA, Carles. De jóvenes, bandas y tribos. Antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 1999, 2ª. Ed.

_____. De la Generación@ a la #Generación. La juventud en la era digital, Barcelona, Ne Ediciones, 2014. 349 pp.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas às pós-subculturas juvenis. Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura. Salvador: UFBA, jan/jun 2005, v.3 n.1 pp. 138-166.

GÓMEZ LLANOS, Gober Maurício. Socialidade e modos de subjetivação: as experiências musicais de jovens migrantes negros na cidade de Cali, Colômbia. Dissertação (Mestrado em Comunicação). 162 f. 2014. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014

GORCZEWSKI, Deisimer. Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Comunicação). 165 f. 2007. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Val dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, 2007.

JACKS, Nilda Aparecida; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. Meios e Audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

JACKS, Nilda Aparecida (Org.). Meios e Audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, Nilda Aparecida (Coord.). PIEDRAS, Elisa. PIENIZ, Mônica. JOHN, Valquiria. Meios e Audiências III. Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. BENZECRY, Lena. MUSTAFÁ, Izani. DE MARCHI, Leonardo. CHAGAS, Luan. FERREIRA, Gustavo. VIANA, Luana. Chaves conceituais e objetos de pesquisa em rádio e mídia sonora no século XXI. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

LOUSADA, Kath Pacheco Batista. Corpo em festa: Juventude, sociabilidade e produção de sentidos nos bailes cariocas. Dissertação (Mestrado em em Comunicação). 114 f. 2014. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MAIA, Iano Flávio de Souza. Do hip hop ao ciberespaço: interações midiáticas em jovens d periferia. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) 122 f. 2011. Universidade Federal d Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

PINTO, Marcelo Garson Braule. Quem é o melhor DJ do mundo? Disputas simbólicas na cena de música eletrônica. Dissertação (Mestrado em em Comunicação). 119 f. 2009. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica. 2012. 200 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RONSINI, Veneza Mayora. Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. v. 1000. 184p.

SANTOS, Airton Ricardo Tomazzoni dos. No embalo do videoclipe: a dança midiaticizada na televisão e a recepção do público adolescente. 304 f. 2005. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, 2005.

SCHMITZ, Daniela. FANTONI, Andressa. MAZER, Dulce. Juventude(s) e os meios: um cenário pouco plural. In: JACKS, Nilda Aparecida (Coord.). PIEDRAS, Elisa. PIENIZ, Mônica. JOHN, VValquiria. Meios e Audiências III. Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.p. 235-254.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Juventude, Mídias e TIC. In: SPOSITO, Marília Pontes. O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Vol. I e II. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SILVA, Jaime Luis da. O heavy metal na revista Rock Brigade : aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: 2008.

SOUZA, Rafael Dupim. O rígido e o disperso liquefeitos: interações entre o industrial e o amador na música das redes. Dissertação (Mestrado em em Comunicação). 2012. 152 f. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

TOMASSI, Bianca Caterina Tereza. Assalamu Aleikum favela: a performance Islâmica no movimento HIP HOP das periferias do ABCD e de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes). 119 f. 2011. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

URTEAGA, Maritza. La construcción juvenil de la relidad. Jóvenes mexicanos contemporáneos. México, DF: Universidad Autónoma Metropolitana, 2011, 445 p.

VICENTE, Eduardo. Da vitrola ao ipod: uma história da indústria fonográfica no Brasil. Alameda, São Paulo: 2014.

Apêndice VII - Transcrições das entrevistas

Transcrição 1. **AR.** Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (67 min.) Porto Alegre, RS, 23 de outubro de 2017.

Parte 1

(Dulce) 23 de outubro de 2017, a gravação da entrevista com Aretha Ramos, organizadora e criadora da Batalha do Mercado. Bom, onde é que tu nasceu e onde é que tu mora hoje, Aretha?

(AR) Eu nasci em Porto Alegre, nem lembro em qual hospital, e eu moro há mais ou menos 17 anos em Eldorado do Sul.

(Dulce) 17?

(AR) 17 anos.

(Dulce) Em Alvorada?

(AR) Em Eldorado do Sul, pouquinho antes de Guaíba.

(Dulce) Aham, do lado da ponte. Quantos anos tu tens?

(AR) 24 anos

(Dulce) Qual a tua principal ocupação hoje?

(AR) Hoje eu sou assistente administrativa e sou estudante de Administração, e aí eu organizo esses projetos aí que eu ainda não consegui tornar como uma principal, mas divido bastante o meu tempo com eles.

(Dulce) Então digamos que tu tá metade, metade, metade na função administrativa... É numa empresa?

(AR) É, que é numa empresa de telecomunicações, sempre trabalhei e estudei, estudava, desde 2014 que eu consegui entrar na faculdade, mas eu sempre trabalhei com alguma coisa em conjunto com esses projetos, que eu chamo de trabalho não remunerado, que eu faço por amor, e outro que é meu ganha pão, de assistente administrativa, que é uma área que gosto, que acabo me dedicando muito mais a essa área por ser o meu ganhar pão, a minha renda vem dali...

(Dulce) E tu faz rap?

(AR) Eu fiz, eu comecei fazendo, na verdade, 2010 eu tive um grupo, eu era a única mulher nele.

(Dulce) Como chamava?

(AR) Era Rima Pampa, e aí dali a gente fez algumas gravações musicais, foi dois meninos e aí a gente gravou um EP, e depois dali que eu comecei a repensar se era aquilo ali mesmo que eu queria fazer, mas comecei cantando rap.

(Dulce) E tu já participou de batalha?

(AR) Não, nunca batalhei assim, gosto muito da arte do improviso em si, que é sobre um tema, uma situação específica, mas nunca batalhei, assim nunca...

(Dulce) Mas já foi MC de batalha muitas vezes...

(AR) Não, nunca batalhei, fiz no início da batalha, fazia freestyle e depois fui entendendo qual era o meu papel na cultura hip hop em si e aí eu comecei a me encaixar muito mais na parte da organização mesmo.

(Dulce) E quando alguém que apresenta uma batalha, como chama?

(AR) Mestre de Cerimônia, chama de MC

(Dulce) E tu nunca fez esse papel?

(AR) Já, às vezes outros projetos em que eu não sou organizadora, mas por ter essa visibilidade através da batalha, eu acabo apresentando as batalhas às vezes, aí me associam nessa questão em outros projetos, alguma batalha que tem especificamente eu vou lá e apresento, então, já fui mestre de cerimônias em algumas batalhas...

(Dulce) E ontem, por exemplo, tinha batalha do Arco que geralmente acontece no Parque, foi transferida pro Brooklyn e tu tava nela como, participando?

(AR) Não fui pra ver mesmo...

(Dulce) Pra curtir...

(AR) Pra curtir... Porque eu nunca consigo ser o público, então fui pra curtir mesmo e fazer uma reuniãozinha também lá, até porque dá assim pra tentar ajustar uns próximos projetos, daí eu fui pra isso...

- Parte 2

(Dulce) Então continuando a entrevista com a Aretha, quando que tu começou a conhecer e a aprender sobre o rap, como é que foi isso? Como é que era na tua casa antes e quando que tu começou a aprender sobre rap?

(AR) Em casa era no geral assim, eram músicas internacionais, era todo tipo de black music mesmo, charme, hip hop, R&B, tudo né, não tinha esse entendimento do que era e tal, era um gosto musical nosso, e aí comecei a conhecer mesmo o que que era o rap nacional, conhecer raps nacionais através da internet e eu comecei, a gente teve lá o primeiro computador na casa da minha vó e aí lá eu comecei a criar as redes sociais, na época era o Orkut e comecei aos poucos a ir conhecendo outros tipos de músicas, procurava o que eu já escutava na TV e aí começava a achar algumas coisas nacionais, o meu relacionamento mesmo tudo partiu mesmo da internet, foi lá que eu comecei a conhecer o início e comecei a pesquisar mais sobre aquilo

(Dulce) Tu tava comentando sobre um MC Big Tchê...

(AR) Ele era um cara que eu via através dessas procuras na internet, eu via ele fazendo um freestyle, batalha, ele participava muito de batalha e eu achei, achava que ele fazia muito facilmente aquilo ali, não conhecia o freestyle, comecei acho que vendo, senão me engano, com certeza foi através dele, e eu queria ou fazer igual, eu achava aquilo tão fácil assim, ou presenciar aquilo pessoalmente, então eu acho que ele foi um cara que primeiro contato que eu tive, pela internet, da cena local aqui de Porto Alegre, que foi aí que eu comecei a pesquisar mais sobre as batalhas, o freestyle, enfim...

(Dulce) Tu disse que isso foi na época do Orkut, mais ou menos quantos anos tu tinha?

(AR) Olha, foi em 2008, 9, deixa eu ver, 14, por aí, eu acho que eu tinha...

(Dulce) E aí a batalha foi nascer tipo uns 4 anos depois disso?

(AR) É, em 2011, aí em 2010 eu tive esse grupo, acho que a gente ficou mais ou menos 1 ano trabalhando no grupo e aí a batalha foi, em seguida que a gente decidiu não seguir com o grupo, eu voltei a tomar contato com a internet e aí descobri algumas batalhas existentes, aí que comecei, eu não conhecia nada aqui, nada mesmo, apesar de ter tido esse grupo eu não tinha encontros como é agora, que tu chega com teu grupo num local e começa a criar relacionamento, não tinha isso, então a gente muito ia, a gente conhecia um lugar pra fazer gravação, a gente se encontrava, fazia letra em casa, e assim, a gente não tinha lugar pra divulgar música, enfim, a gente usava internet e quando a gente criou o CD, a gente criou pra vender pra família, não tinha esse meio, como é hoje, aí eu voltei pra internet e comecei a procurar primeiro batalhas e eu só vi em São Paulo, que é o berço, aí lá sim, aí eu gostei de uma específica, uma batalha da Leste, que acontece lá no metrô Itaquera, em São Paulo, e aí através dela eu achei o organizador dela e comecei a puxar assunto, porque eu queria presenciar aquilo, ainda tinha essa vontade, como eu não sabia de nenhuma batalha existente aqui, a minha ideia era viajar pra lá, pra São Paulo, pra conhecer as batalhas, também tinha, nesse meio tempo por esse contato pela internet eu tinha uma amiga de São Paulo que hoje ela canta bastante lá, a Drica Barbosa, e em 2009 eu tinha essa amiga e ela dizia que ia nas batalhas lá, então a minha vontade só aumentou quando eu conheci ela, ela me contava sobre, então eu conheci ele e ele perguntou como é que era a cena aqui, eu disse olha não conheço, eu ainda era nova, não tinha como ir nos lugares pra conhecer e aí, falei que eu queria ir em janeiro e ele disse “ai quem sabe antes eu vou pra aí e a gente faz uma edição especial da batalha da Leste em Porto Alegre”, e eu nossa, não conhecia ninguém, e eu “bom, vamo lá”, queria presenciar aquilo, nem pensei se ia dar certo ou não, comecei a procurar na internet pessoas, até que eu conheci um Chesk, que é o apelido dele, mas é Wiliam Moraes o nome, e ele me disse que conhecia umas pessoas que faziam freestyle no Parque Germânia e aí foi espalhando essa novidade, que ia ter uma batalha especial de São Paulo aqui

(Dulce) Que que tinha no Parque Germânia?

(AR) Tinha freestyle, eles se encontravam lá pra fazer freestyle...

(Dulce) Não era batalha?

(AR) Não, não era batalha, ele disse que acabava virando, eles vão rimando um contra o outro e acabava virando uma batalha, mas não era um evento, específico, eles se encontravam e acontecia, e aí ele chamou algumas pessoas que ele conhecia, pra ir nessa edição especial da batalha da leste, ele veio de São Paulo pra cá com a própria renda, ficou lá em casa, meu pai buscou, a gente, ele no aeroporto, foi tudo assim, ficou lá em casa, e aí a gente começou na Redenção, essa edição especial, e aí não tinha quase ninguém na Redenção, acho que foi um dia assim que não era, foi num sábado, de dia, e na Redenção costuma bombar mesmo domingo né, e não tinha, e aí eles falaram, teve um grupo SNLombra, esse rapaz que divulgou, e eles falaram que era bom a gente ir no Parque Germânia que sempre tinha gente lá fazendo, nesse mesmo dia, dali gente foi direto pra lá, imagina a organização do evento, de lá a gente pegou um ônibus e foi direto pro Parque Germânia e aí que teve realmente a batalha, tinha mais gente lá e aí deu pra formar uma batalha

(Dulce) Quantos precisavam na época?

(AR) É 8, precisava de 8, mínimo era 8 e aí foi lá, a gente foi pra lá, aconteceu o evento lá, e aí foi que começou o meu contato, porque aí eu conheci esse grupos que já faziam essas reuniões e lá que no final da batalha esse organizador falou assim “ah, não sei como é que a cena aqui, mas não deixem isso morrer” e aí como eu ainda tinha essa vontade de viver isso assim aí eu conversei com esse grupo e falei “quem sabe a gente faz alguma coisa?”, a gente se reuniu, o Chesk foi uma pessoa que rimou, batalhou, mas não tinha um grupo ele chamou um grupo SNLombra, não existe mais esse grupo, mas eles eram lá de Alvorada, eles batalharam quase todos os eventos e no final a gente conversou, fizemos uma roda, até num vídeo na internet até aparece parte dessa conversa, e aí a gente conversou “quem sabe a gente não faz alguma coisa aqui” e aí foi, isso foi no dia 10 de dezembro de 2011, no dia 30 de dezembro a gente fez a primeira edição da Batalha do Mercado, daí a gente se adicionou nas redes sociais

(Dulce) 30 de dezembro?

(AR) 20 dias depois, aham

(Dulce) Por que 30 de dezembro, como é que surgiu essa ideia?

(AR) A gente começou a conversar, em seguida que aconteceu esse evento a gente se adicionou e aí eu me lembro que em seguida assim uma semana, a gente conversou e ele disse “tava pensando em fazer pelo dia 20”, aí eu disse “ah, dia 20 não dá, vamo fazer dia 30”, era uma sexta e aí a gente fez, eu me lembro que como tinha costume de ano novo essas coisas ia pra casa da minha família, eu me lembro que eu fui direto depois da batalha pra casa da minha vó, porque em seguida, já era a véspera do ano novo

(Dulce) E a vó mora onde?

(AR) A minha vó morava no Jardim Botânico...

(Dulce) Também tem isso, podia ir pra lá direto...

(AR) É, porque eu morava em Eldorado naquela época, mas era ruim de eu voltar, então eu ia direto pra casa da minha vó

(Dulce) E foi em 2011 isso?

(AR) 2011

(Dulce) 30 de dezembro, eu acho importante tu falar que foi na véspera de ano novo, porque também tem uma coisa assim é uma época que Porto Alegre vai devagar, vai morrendo, ficando mais tranquila, era um espaço pra se encontrar também né?

(AR) Exatamente, na verdade a gente não tinha essa noção de público assim, eu me lembro a SNLombra já tinha um público lá em Alvorada, já eram um grupo formado que eu não conhecia, eles praticamente levaram o pingo de gente que tinha lá, que foi a primeira edição, mas que pra nós foi muita gente, eu lembro que na primeira edição teve 7 participantes, a gente chorava pra que mais alguém, um dos organizadores teve que batalhar pra fechar

(Dulce) Quem foi? Quem que fazia parte dos organizadores?

(AR) Era eu, Tranq, Mateus, o Pets, que é o Vinicius, sempre tem nomes diferentes, o Nenis, que era o Vitorino, e o Larosse, que era o Nicolas, eram quatro e eu, todos eles batalhavam, um deles apresentou, junto comigo, e o restante quase todos eles batalharam pra fechar a chave de MCs, e aí a gente criou, na verdade a gente criou naquela data porque a gente queria viver aquilo, a gente não tinha noção nenhuma da gente tá abrindo espaço pra outras pessoas, nenhuma, eu queria viver, "ai vamo fazer logo", eu, nova, não tinha local pra ir, sempre quis, sempre admirei no meu inconsciente, porque eu nunca vi a cultura de rua, então eu queria esses espaços, ir pra um lugar onde eu pudesse ver várias pessoas na rua, conversar, sem ser um evento, uma festa específica

(Dulce) Agora eu vou fazer uma pergunta bem pessoal, tu responde se quiser, tu foi uma garota cuidada assim em casa, você não ia pra rua, tu não participava das coisas da rua...

(AR) Não, não uma coisa assim regrada, acho que era por falta de oportunidade mesmo

(Dulce) Podia sair, podia sair sozinha pela cidade...

(AR) É, era estranho essa, não tinha essa, acho que eu não me identificava, porque eu era muito na rua, cuidei bastante da minha irmã também, então quando eu comecei a querer ir em eventos de rap e eu ainda era nova, eu podia ir, eu levava a minha irmã comigo, porque eu não conhecia ninguém, a minha irmã ia comigo, e aí nos eventos que dava pra gente entrar, eu ia, assim, mas era sempre eu e ela lá isolada, porque não tinha contato nenhum com nada, não conhecia, gostava no meu inconsciente mesmo, era uma coisa bem louca, mas não era uma coisa proibida, nada disso, quando eu queria sair, tranquilo podia ir, porque muito desde cedo eu tive essa independência, eu trabalho desde os 15 anos, fazia trabalho voluntário quando eu não podia ser remunerada, sempre dei essa confiança pra minha mãe, então quando eu comecei mesmo a querer sair eu podia sair, eu que demorei pra ter vontade de sair ou a me identificar com alguma coisa

(Dulce) Então na época que tu fundou, quando tu criou a batalha, tu tinha 18 anos?

(AR) É, acho que foi, eu tinha 17 e ia fazer 18 em fevereiro, tinha 17

(Dulce) Aí a batalha foi se desenvolvendo, teve, tinha uma turnê assim nessa época?

(AR) É, sempre foi uma das primeiras, mas era na sexta-feira a noite, não era sábado como é agora, era na sexta-feira, um pouco mais tarde até, era as 10 horas da noite, bem tarde e a gente fazia a sexta tarde, porque era um dia que eu, por exemplo, trabalhava então não tinha como fazer mais cedo e muita gente também, então iam direto de lá, ou dava tempo de ir em casa pra ir depois pra batalha

(Dulce) E assim às 10h

(AR) 10 horas da noite, a gente até fala, o perigo que tá, na época a gente ia e voltava, eu ia pra Eldorado muitas vezes, tu vê a diferença, em seis anos como é que tudo mudou

(Dulce) Tu percebe assim, tem caso pra contar, que aconteceu ali perto e tal...

(AR) Ali perto já, muito depois, depois de um, dois anos de batalha, no primeiro eu sinceramente até digo pro pessoal quando converso, eu não me imaginava nem com medo de ir, era tranquilo, era ali mesmo onde é a batalha, sempre foi ali, nunca tivemos problema nenhum ali, nada, se tinha alguma coisa era ali nos barzinhos que tem em volta, que nunca nos afetou em nada, sempre foi lá isolado, em seguida chegava polícia e era lá, a gente sempre conseguiu tocar nosso evento tranquilamente assim, depois ao poucos nos anos foi piorando essa coisa da segurança e foi automaticamente nos afetando um pouco ali né, aí a gente já teve presença da Brigada Militar, já fizeram uma intervenção ali na batalha, mas nada assim que fizesse o evento não seguir, a gente conseguiu seguir, mas teve uma baita intervenção militar, foi numa época de votação de prefeito se não me engano, e eu me lembro que tavam fazendo isso em todo o Centro, tinham feito a recém lá no Viaduto da Conceição e depois foram pra ali, eu me lembro que eram umas três ou quatro viaturas e era tanta gente na batalha, era um dia que tava chovendo então a gente tava embaixo da marquise do Oba Oba, foi de ponta a ponta o paredão, todo mundo, era tanta gente que foi de ponta a ponta, teve momentos que eles falaram assim "não, esse aqui já vi, já vi", revistaram todo mundo, foi a única vez

(Dulce) E aí teve violência com alguém assim?

(AR) Não teve, eu lembro que a gente gravou e tudo, tenho foto até hoje desse momento, o vídeo eu nem sei onde é que tá, mas foto tem e foi uma, estourou aquilo né, foi a primeira vez que aconteceu ali e era o evento, o único evento batalha de rua

que acontecia muito, então deu uma repercussão bem, esses dias até o Facebook me lembrou desse momento, foi numa época de junho

(Dulce) E vocês tiveram a ideia de gravar pra se defender também?

(AR) Isso, tinha um rapaz que ele é muito militante assim, ele já tava participando bastante da batalha e ele gravou, começou a gravar mas a gente nem teve essa noção, porque a gente não conhecia, não tinha acontecido isso ainda, então ele começou a gravar, em seguida ele também tirou foto, a gente tem registrado por causa dele, que era bem militante

(Dulce) Tu te lembra quem é ele?

(AR) Sim, é o Caramujo, então ele tava na Bahia, voltou agora há pouco tempo até

(Dulce) Continua participando?

(AR) Continua, mas ele é muito, muito cultura de rua mesmo, então não é só rap, ele é totalmente musical assim, ele faz música em trem, ônibus, ele é bem... É uma cultura bem independente assim que ele abraça

(Dulce) Eu te pergunto isso porque eu achava que tinha uma relação com o espaço ali importante, primeiro pelo que tu já comentou no começo, é fácil de chegar, tem ônibus de todos os lados, mas também gera uma coisa de visibilidade pra batalha, pro bem e pro mal

(AR) Essa noção da visibilidade a gente não teve, mas do ser central, da pessoa já chegar sim, foi uma coisa que a gente falou assim, “porque eu moro em Eldorado”, “eu moro em Alvorada”, eles eram de Alvorada e eu era de Eldorado então pra nós o ideal era o centro, só um ônibus pra chegar, Centro, mas a gente nunca pensou na visibilidade ali por ser aquele ponto ali de bastante fluxo, até porque o horário que a gente ia fazer não, realmente nunca influenciou, porque era um breu ali, era só nós, exceto ali nas laterais ali que tem esses eventos mas não, nunca se envolveram, então não foi essa questão de visibilidade, inicialmente não foi

(Dulce) E hoje tu acha que tem uma relação?

(AR) Ba, hoje eu acho que total, até porque a gente nem conhecia a história ali do Largo Glênio Peres, da Esquina Democrática, nem conhecia a história até, mas hoje eu vejo que foi perfeito fazer ali né, é um local bem forte, esse fluxo de gente acaba facilitando, quando acontece o aniversário da batalha ou eliminatória, como aconteceu, aí eu estrategicamente fiz ali porque é um ponto que já tem marcado na cabeça deles e tem o fluxo de gente ali que ajuda bastante, tanto é que o primeiro ano da batalha a gente fez num sábado, foi muito cheio daí, passou a fazer domingo que é mais tranquilo, mas quando foi no sábado ficou muito cheio, porque o Centro ali sábado é muita gente

(Dulce) Porque vocês decidiram fazer no domingo nos outros anos?

(AR) Eu decidi fazer por essa minha ocupação assim da semana, que é bem complicado e muita gente trabalha no final de semana, então domingo acabava sendo um dia mais tranquilo que mais certo que poderiam ir

(Dulce) Dos participantes?

(AR) Isso, e dos envolvidos no projeto em si

(Dulce) Mas pra circulação vocês viam que sábado tinha mais gente que parava pra ver?

(AR) Exatamente, paravam, mas aí a gente optou por uma outra questão que é o público que a gente tinha formado e iria ir certo, mas o sábado foi muito bom quando aconteceu, porque eu gosto muito da cultura de rua pelo quanto ela vai abranger as pessoas que não conhecem, eu gosto muito disso, então no sábado foi bom porque tinha muita gente em volta ali, curioso, eu adoro, então por isso que sou até muito fã da feira de hip hop, adoro, por causa dessa comunicação com quem não conhece

(Dulce) Chama muito atenção né, daí a Aretha participa de outras batalhas como é que é isso?

(AR) Então, eu inicialmente foi a batalha, daí depois de alguns anos a gente começou a ter espaços em outros eventos, não tinha um evento fixo, mas sei lá, um evento, uma festa como já teve de uma marca de roupa específica que trouxe um rapper lá de São Paulo e ele é criador de uma batalha, a mais forte que tem lá, ele já avisaram “ó, vai vir o criador dessa batalha, a gente pode fazer uma batalha nesse evento”, ele é o Flow MC, ele é o criador da Batalha de Santa Cruz, que é bem forte lá em São Paulo, a primeira se não foi, então eles já pensaram tem tudo a ver, aí foi, fui eu pra batalha, com representante de cada batalha que já tinha na época e fizemos uma batalha nesse evento, então automaticamente eu fui me associando as batalhas que tinham, que poderia acontecer, aí fazia um evento a céu aberto na praça México, na Rubem Berta, “ah, vamo fazer uma batalha?”, aí eu ia lá e ajudava a organizar, porque eu já conhecia o público da batalha e os MCs que eu poderia chamar e divulgar, então automaticamente eu fui me associando, depois eu fiz parte da Feira de Hip Hop de Porto Alegre, um pouco da organização ali, e agora to mais fixa mesmo na Batalha do Mercado e essa eliminatória do Rio Grande do Sul pro duelo, que é uma coisa que começou recentemente, ano passado, que são as duas coisas que eu realmente tenho junto ali que são minhas responsabilidades, os demais eu vou acabando conforme vai acontecendo, os projetos eu vou sendo convidada e vou ajudando a desenvolver...

(Dulce) Tu comentou do nacional, de MC, a batalha nacional, como é essa batalha, como foi que tu te meteu nessa batalha?

(AR) Foi em 2014 ou 15, teve um Mic Master, que é um evento nacional também de batalhas, que é uma premiação bem forte que eles dão, carro, costuma ser algo bem assim, e aí pela primeira vez a gente conseguiu participar aqui em Porto Alegre, a Batalha do Mercado, e aí ia ser uma seleção regional, então ia ser do Sul, uma representante daqui de Porto Alegre iria pra Santa Catarina, pra disputar com Paraná e Santa Catarina pra representar o Sul, e aí foi esse nosso primeiro contato, depois eu comecei a ver, aos poucos envolvida com batalha a gente começa a ver que é muito, que existe em vários outros lugares, vi que

tinha uma nacional tão forte quanto essa que a gente participou, que não existia ainda vaga pro Rio Grande do Sul aí eu mandava mensagem, não tinha retorno, não dava e eu também não consigo, infelizmente eu não tenho aquele tempo que eu consigo bater muito na tecla, então me dava vontade, montava o material, mandava, não tinha retorno, também não conseguia ficar em cima daquilo, até que uma vez o Rafa, do grupo Rafuagi, que é de Esteio, ele pegou e diz “Ah Aretha, tenho contato pra te mandar, de um rapaz que diz que tá tendo uma solicitação forte do Rio Grande do Sul no duelo” e eu “manda aí”, aí ele mandou e eu chamei o rapaz, levou quase um mês pra ele me responder e eu ficava lá “tu é o organizador do duelo?” e ele “bacana que tu me procurou, eu to pensando em incluir o Rio Grande do Sul no duelo” e levou quase um mês pra gente poder fechar isso, aí ele pegou e conversamos bastante, pra mim entender qual que era o objetivo, a responsabilidade, ver que que eu poderia também abraçar ou não, que que eles poderiam abraçar nesse projeto, porque ele é nível nacional, então teria que ir um representante daqui pra lá, teria que custear isso, então fui entendendo até poder formar se era possível ou não fazer isso aqui, aí a gente decidiu fazer, mas foi bem assim, pelo que eu notei nesse um ano que eu tenho contato com eles, eles vão conforme a demanda, então como tava tendo não só eu, mas uma galera “aí Rio Grande do Sul”, “Rio Grande do Sul no nacional”, e é nacional e não tinha ninguém nem do Sul, nem Rio Grande do Sul, nem Santa Catarina, nem Paraná, não era ninguém assim, então foi bom assim mas é bem recente...

(Dulce) Então é a primeira vez que participam?

(AR) Agora é o segundo ano

(Dulce) Tem essa que foi o Nicolas, né?

(AR) Isso, o Nicolas foi no primeiro ano e agora esse ano o Zandrio.

(Dulce) O Zandrio, aham, do Rio Grande do Sul, então nunca teve nesse nacional nunca teve eliminatória por região?

(AR) É, e aí o que que aconteceu, ano passado não teria como eles demoraram quase um mês pra fechar isso, teve que acontecer muito rapidamente as batalhas, não deu nem pra fazer 16 como esse ano, foram 12 e foram nas regiões mais próximas, não teve como ir tão longe, porque a gente tinha menos de um mês pra fazer essas seletivas

(Dulce) Quando tu diz das regiões próximas...

(AR) É, foi Alvorada, a maioria, grande parte de Porto Alegre, e aí teve Caxias, Pelotas ainda deu pra fazer, e foi essas aí senão me engano, Porto Alegre, Alvorada...

(Dulce) Mas tu foi pessoalmente nessas batalhas?

(AR) Algumas sim, algumas eu já conhecia a organizadora, chamei nas redes sociais e fui antecipando, mas nas seletivas eu fui individualmente na maioria, só não fui em Caxias e Pelotas, pra entenderem mesmo, eu me preocupava muito, me preocupava muito ainda com a responsabilidade disso né, então queria que fosse realmente uma seletiva bem democrática, bem aberta, tudo, então eu ia... então ano passado foi assim, já esse ano deu pra ampliar, e aí como tava tendo Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina começaram a se manifestar pra esse grupo de Belo Horizonte, e aí eles começavam a me chamar o pessoal de Santa Catarina, porque a gente tem muita conexão de certa forma com Santa Catarina, tem muito essa troca MCs daqui vão morar lá e vice versa, então eles começaram a “olha, tu não sabe como é que vai ser Santa Catarina e tal”, e aí perguntei pros organizadores e eles falaram “Ah, não tá tendo uma procura grande, então vamo botar na cabeça que se eles quiserem eles vão pro Rio Grande do Sul pra participar”, aí eu pensei “tá e tem como eu abrir uma seletiva pra Santa Catarina e Paraná? Eles vão representar o Rio Grande do Sul, mas eles não precisam se deslocar de lá pra uma seletiva, pode ocorrer uma seletiva lá e o representante vir pra cá pra uma eliminatória” e eles “ah, dá porque lá em cima também acontece muito disso, vários estados próximos, não dá pra ir um representante de cada um então eles abrem seletivas pra estados próximos e eles fazem, participam do processo” e aí deu, aí chamei uma batalha de Santa Catarina, tanto é que dessa última eliminatória veio um representante de lá, e Paraná não quis, Paraná queria uma eliminatória só pra eles, então não teve uma vaga pro Paraná na seletiva, mas Santa Catarina teve

(Dulce) Tu conhece o Rafa? Tu é amiga do Rafa?

(AR) Uhum, o Rafa até nesse início das batalhas, ele ia, ele doava, ajudava na premiação também, se ele não tinha, tinha um pessoal bem próximo que às vezes dava gravação, ele ia, então foi um cara que me ajudou bastante a me desenvolver como produtora da batalha, muita gente nesse meio tempo foi que me ajudou a me desenvolver, porque aí que eu comecei a achar que não tinha, mas tinha uma cena que eu não conseguia ir até ela, então eu comecei a conhecer grandes nomes, eu considero grandes, que me ajudaram bastante nisso...

(Dulce) Por exemplo, grandes?

(AR) O Rafa, aí eu conheci a Negra Jaque, que é uma pessoa que começou recentemente mas com uma bagagem muito bacana, que parecia que nasceu pra aquilo, eu conheci o Why DJ, o Caxola mesmo, que era um cara também que junto com esse Big Tchê teve uma história bacana, Mark B, vários...

(Dulce) Tu quer dar um tempinho, quer parar?

(AR) Não, só se tu acha, eu falo muito rápido, então tu...

(Dulce) Tá gravando né? Assim, tem o Viaduto do Brooklyn né, que é uma... Querias que tu falasse um pouquinho do Viaduto do Brooklyn...

(AR) Cara, ali eu me apaixonei depois que eu vi que conseguiram usar aquele espaço ali, porque eu nunca imaginei na vida que dava pra fazer alguma coisa ali naquele viaduto, tanto é que quando começaram a falar Viaduto do Brooklyn, eu disse “Gente, onde é que é isso?”, “Ah, Viaduto da João Pessoa, lá onde tem negócio de skate”, “Gente onde é que é isso?”, não

sabia e aí dali, começou através de um bar que tem ali, o 93, começou tudo ali, porque esse dono do bar, ele já é também um cara que fazia festas na época da batalha ele tinha uma festa que era batata, terminava a batalha a gente ia pra lá, a Festa Hot, o Buiu, ele fazia, voltando um pouquinho antes, não tinha locais que eu pudesse ir, então muito além dessas questões de eventos de rua, não conhecia uma festa que eu fosse assim pra curtir, depois que eu conheci todo mundo, então tinha essa única que a gente conseguia ir, a Festa Hot, que a gente ia da batalha a gente ia pra lá, era só DJ, mesmo, não tinha show nada, baitas DJs, que tocavam lá, às vezes a gente ficava na frente da venda, a gente entrava...

(Dulce) Já era 93?

(AR) Não, não era, era uma casa, não lembro muito bem, na Cidade Baixa, o nome dela, eles faziam na, me esqueci o nome, só sei que não existe mais a casa

(Dulce) E era em outra rua?

(AR) Era ali na João Alfredo, José do Patrocínio, sempre nesses lugares... e aí naquela época a gente já ia, aí depois de um certo tempo acho que parou, não sei o que houve, a gente já não tinha essa festa pra ir, mas aí tinha tantas outras, aí quando ele criou essa 93 ele meio que puxou essa galera, porque aí a gente sempre tinha, depois que terminou a Festa Hot, sempre tinha um lugar que a gente ia, depois da batalha a gente ia pra algum lugar, ficava muito tarde as vezes pra ir embora a gente não tinha ônibus, então a gente fazia hora em algum, na frente de algum evento ou dentro de algum evento assim, então quando voltou ele, acabou voltando essa cultura nossa de ter pra onde ir, aí ali acho que tudo começou com ele, com certeza, aí começaram a, eles já são produtores há bastante tempo, ele e o MilkShake, que é um cara que começou a fazer uma festa Boom Rap ali também, essa festa ele é produtor, ele fazia uma festa dentro do Opinião, é DJ também, dentro do Opinião, uma festa Boom Rap, pra dançar de rap mesmo, aí o Boom, ele começou fazer ali a céu aberto a Boom Rap, aí começou a ser um ponto, embaixo do viaduto

(Dulce) Então nem começou com batalha...

(AR) Não começou com batalha, foi com festa, ali realmente foi, as batalhas ali elas acontecem como escudo mesmo, ela não é um ponto de batalha, não tem nenhuma, acho que tem uma agora, Batalha do Brooklyn, mas deve tá na sexta edição, é bem recente, então, mas ela sempre foi um local onde a gente ia só pra, tava chovendo, Batalha do Arco, era ali, Batalha do Marinha também uma época, Batalha do Marinha ele era também lá no Marinha, quando chovia era ali, então começaram a usar aquele ponto ali

(Dulce) Então começou com a festa do Boom Rap, que já tinha uma coisa, interferência do Buiu, do MilkShake, tem a Batalha do Brooklyn que é mais recente, mas teve a do Marinha que de vez em quando era ali...

(AR) Isso, a do Marinha é bem mais antiga, agora ela nem tá acontecendo há um bom tempo assim, mas a do Arco sempre que chove é ali, Batalha do Arco

(Dulce) E de repente, 93 começou a pegar fogo, tem muita gente que vai ali, vai pra Cidade Baixa pra ir pro 93

(AR) Ali virou uma festa pra dançar mesmo, a gente, várias pessoas surgiram, eu tava pensando recentemente até, tudo eu via pela internet, eu queria muito viver tudo isso e hoje eu vejo o quanto estourou, não tinha essas coisas, tinha os grupos antigo da cena que faziam umas peças do Batemacumba ali, mas era uma coisa bem esporádica, eu fui pouquíssimas vezes porque não tinha com frequência, não tinha...

(Dulce) E era festa black? Não era de rap?

(AR) Era, dos grupos locais, se hoje já não tem muito essa visibilidade, imagina antes, então não eram umas festas que bombavam, eles faziam CDs, eu me lembro que tinha uma época lá, era DVox eu acho, o nome dele, ele fazia essas festas onde ele fazia um CD com vários grupos e aí fazia lançamento Batemacumba, e aí eu ia, era o que eu conhecia, ou o Fabiasso Rap, não sei se tu já ouviu falar, era um evento que eu gostava de ir, a céu aberto, acho que era o único que eu conhecia, que eu ia a céu aberto, tranqüilamente

(Dulce) Tinha o Rap Longa Vida também...

(AR) O Rap Longa Vida também foi, logo depois que eu comecei a criar a batalha fiz parte do Rap Longa Vida, pra organizar assim, a gente conseguiu fazer uns dois shows aqui, trouxe algumas pessoas de fora pra cá, foi bem simples, enfim muita coisa assim foi surgindo aos poucos e hoje a gente tem um tamanho gigantesco, essas festas 93 é uma coisa que eu fico pensando "onde é que vieram essas pessoas?", "onde é que tavam?", "onde curtiam?" de repente era que nem eu, na internet, esperando uma oportunidade pra poder surgir

(Dulce) Tu acha que de repente tem muito mais gente curtindo hoje do que quando tu começou?

(AR) Muito, com certeza

(Dulce) Tem uns lugares ali da Cidade Baixa que tão chamando muita atenção, além da 93, ali no Viaduto do Brooklyn, tem a Festa Marreta, ali na Casa de Praia, tu tem alguma relação com esse lugar?

(AR) Tenho, com eles, porque eles tão, foi recentemente eles me chamaram pra uma reunião, eles querem abranger um público, são DJs, bem antigos da cena, bem respeitados, era o Jorge Cuts e o Edinho, os dois são monstros

(Dulce) Eles são donos ali?

(AR) Não, a Casa de Praia não, eles são organizadores da Festa Marreta, que consegue utilizar o espaço ali, eles queriam, como eles tem muito nome mesmo, mas um pessoal mais antigo, então eles queriam que eu ajudasse a divulgar pra pessoal de hoje,

que ocupa, fazem batalha durante a semana, que com certeza iriam no happy hour, que é o que eles fazem, então eu comecei a divulgar...

(Dulce) Que é quinta-feira né?

(AR) Quinta-feira, aham, então eu comecei a divulgar pra eles esse evento, essa minha relação, não consigo nem ir porque é um dia da semana que eu tenho aula, então eu nem tenho por onde eu moro nem consigo ir, mas eu ajudo porque eu acredito muito no projeto deles

(Dulce) Sabe que eu já me preparei pra ir nessa festa umas duzentas vezes, aí chega na hora...

(AR) Sempre tem uma coisa né, eu também teve um mês de férias que eu tive só que aproveitei as férias pra fazer autoescola aí não teve jeito também de eu ir, consegui num dia que a autoescola terminou às 21h aí fui lá na reunião, aí pra falar com eles, mas é muito difícil de eu conseguir

(Dulce) E aí então é por isso, tu entrou mais pra divulgar

(AR) Pra divulgar, e pra ter um... eu acho bacana ter esse espaço depois, ainda mais eu que tenho esses dias corridos, se eu tivesse como eu com certeza ia, um local assim pra ti espalhar, curtir uma música, conversar, então eu acredito muito no projeto, me envolvi nessa parte

(Dulce) E foi na camaradagem?

(AR) É, sim, tipo não foi uma coisa que ficou definido, porque até era uma coisa que tava no início, se tivesse valor fixo, conforme for a renda eles distribuem pra quem tá participando, os colaboradores, então foi mais ou menos na camaradagem, porque não era uma coisa certa ne

(Dulce) Uma coisa que eu queria te perguntar eu sempre vejo a Jaque ali na 93, ela tem relação com a 93?

(AR) A Jaque é uma cantora que, eu acho que ela pensava que a ação dela ia ser mais lá na comunidade dela, empoderar...

(Dulce) Que é o Morro da Cruz né?

(AR) Isso, então empoderar as gurias de lá, porque ela tem uma história forte, e aí acabou que nesses eventos, acabou que surgiu um público muito forte pra ela, que são as mulheres negras, de cabelo black, que buscam representatividade feminina, e aos poucos ela criou esse público nesses eventos aí de música, de rap pra dançar, e acabou que ela se associou bastante, e a Jaque adora curtir, eu também, então a gente costuma ir

(Dulce) É, eu to pra conversar com ela, ela tá completamente sem tempo

(AR) A gente precisa se reunir também, eu e ela, porque eu tenho um projeto de ser produtora dela, então a gente tá tentando também sentar e conversar sobre isso, mas a gente só consegue assim, nos eventos a gente vai tendo uma ideia, eu vou ajudando ela a agregar alguma coisa, a gente não consegue trabalhar fortemente nisso por isso, o meu tempo e o dela não bate

(Dulce) Eu entendo totalmente, imagino como vocês devem tá

(AR) E ela filho também, tem mais essa responsabilidade né...

(Dulce) Aí a Aretha é uma pessoa que tá muito presente no Facebook, assim como a Batalha, como é que tu administra isso? Qual que é a tua prioridade?

(AR) Bá, às vezes eu não consigo administrar, a minha cabeça é muito mais presente do que eu sou, porque dependendo de como foi a minha semana eu não consigo postar nada e, por exemplo, a gente tá a uma semana da Batalha ainda não consegui criar o evento, então é uma coisa que eu fico pensando, eu nunca consigo criar com mais de uma semana de antecedência

(Dulce) Mas todo mundo sabe que vai ter...

(AR) É, todo mundo sabe, mas eu acho que é uma questão que eu acho tão importante a ferramenta, que foi dali que eu conheci tudo, então eu acho que pode abranger muito mais se eu me dedicar mais, então é difícil pra mim administrar assim, mas eu vou levando, o que eu consigo divulgar, não deixar passar, vou divulgando, mas teria muita coisa que eu poderia abraçar se tivesse um pouquinho mais de tempo, porque ela é muito ampla, depois essa eliminatória teve várias pessoas adicionando lá e eu pensei "era o momento de eu poder divulgar tudo que aconteceu na eliminatória, a Batalha do Mercado, enfim, que aí o pessoal que tá adicionando é porque eles querem saber de algo mais" e acontece de me chamarem "ah, tu sabe onde é que tem batalha?", então queria ter muito mais tempo pra fazer a comunicação lá

(Dulce) E tu tem dado visibilidade pra algumas pessoas, como tu escolhe, como é que tu apoia essas pessoas...

(AR) Tu diz quando eu participo de um projeto assim?

(Dulce) É, ou um rapper que tá fazendo um trabalho assim...

(AR) No aniversário da batalha acontece muito assim de pessoal que já tem bastante visibilidade "ah, eu quero cantar pro pessoal da batalha" e eu não abro esse espaço, eu tenho na cabeça assim "aniversário da Batalha é uma comemoração do último ano que passou", então eu chamo quem participou, não é porque eu criei volume, não, tu pode ser um público lá e uma pessoa que eu sempre vi lá, apoiou de alguma forma "só um pouquinho, ele não é MC de batalha, mas ele tem um grupo, ele canta, ele faz beatbox, ele dança", então geralmente os cronogramas do aniversário da batalha são eventos um pouco maiores, eu uso todas aquelas pessoas que participaram o ano todo de uma certa forma lá, batalhando, olhando ou de qualquer outra forma que seja, então eu acho que a batalha ele é o ponto inicial, essa é a visibilidade que eu tenho, batalha de MC é o ponto inicial de

pessoas como eu, quando iniciei, e não tiveram espaço pra isso, pra gerar relacionamento, pra conhecer e pra se desenvolver aquilo ali

(Dulce) É a principal referência?

(AR) A principal referência, eu acredito que é a principal, é ali que tu cria tudo, é ali onde eu digo onde tu pode errar também, porque ali é realmente uma escola pra iniciantes, então tu vai desenvolver ali não só o freestyle e a rima improvisada, mas relacionamento, contatos até de negócios podem acontecer ali porque tem pessoas que não são só MCs, tem estudantes lá, estudantes que tão pesquisando pra fazer um trabalho, já teve estudantes que levaram batalha dali tiveram de levar batalha dentro da faculdade, então dali dá pra criar muita coisa, então eu penso que a batalha é isso, então desde a premiação até as atrações e eventos é sempre pra quem busca evoluir e eu acho que a batalha vai conseguir de alguma forma fazer isso, então gravação, estúdio, assim como aquele estúdio que tá começando, que também tem um trabalho bacana mas tá começando e quer dar o ponta pé naquele projeto, apresentadores ao longo das batalhas, nas edições mensais eu sempre pegava apresentadores aleatórios, não era o Malcon fixamente, pegava um MC aquele que começou lá na batalha, depois de algumas edições desenvolveu e eu comecei a fazer que tinha um papel já de mestre de cerimônia, que é diferente, então Madjer, vários outros, uns amigos meus também que eram público, começava a apresentar de vez em quando, porque ajudava também eles a evoluir quanto a presença de palco

(Dulce) O Malcon é o Bruno Pilone

(AR) Isso, o Malcon ele começou como MC lá, tem um amigo meu que nunca batalhou e era público, também já teve uma época que apresentou, porque aí eu comecei a ver que tava preparados pra aquela disciplina ali que a rua exige, que eu digo, e eu achava que ia ajudar de certa forma eles a se desenvolver, que ajuda muito né, comandar ali um grupo de pessoas e ter a voz, porque representam a identidade da batalha, de certa forma tudo que tu diz vai influenciar ou não o público a formar uma opinião daquele evento, então achava que, onde der, onde dava pra abrir espaço pra outras pessoas participar, via que se encaixam naquilo eu chamava pra não só pra agregar no evento, mas pra ajudar a desenvolver aquela pessoa, naquilo que de repente ela, algumas talvez não quisessem, mas muitas que chamavam sempre foram pessoas que usavam de qualquer oportunidade pra si, pra evoluir em alguma coisa, então todos eles usavam bem o espaço, tem um que fala até hoje, o Madjer, que ele começou lá, chegou lá sem ninguém, chegou lá sozinho, e aí aos poucos foi desenvolvendo, aí quando eu chamei ele pra ser mestre de cerimônia, ele já não batalhava mais, ele já queria cantar rap, gravava música e tal, ele disse “Are, tu me ajudou muito a ser apresentador, porque hoje eu consigo lá no palco, quando eu vou cantar”, e ele tem feitos shows locais, “me desenvolver bem melhor, que a batalha em si não iria me ajudar assim, ela me ajudou numa parte, agora eu apresentar o evento é outra coisa, eu vou conseguir improvisar no palco, eu consigo me comunicar com as pessoas, com o público” então sempre foi esse o meu objetivo, de dar espaço pros grupos, aí lá eu via que tinha muita gente que fazia beatbox que não via a hora da batalha terminar pra ter roda de freestyle pra fazerem beatbox, a batalha a capella, aí introduzi o beatbox nos aniversários, as danças também, as vezes rolava roda enquanto a gente tava esperando vim mais gente pra batalhar, ficava pessoas dançando lá, eu levava minha caixinha de som, uma pequenininha, levava pen drive e ficavam dançando, então também, começou a ter batalha de dança ou apresentação de dança nos aniversários, então sempre foi isso, tentar inteirar todo mundo, dar espaço pra todo mundo que ajudou no desenvolvimento da batalha e levou o nome dela de certa forma

(Dulce) Eu ouvi uma vez, de um entrevistado, uma pessoa que disse o seguinte que ele quando viu que o vizinho dele sabia fazer rap, começou a fazer um vídeo, ele pensou “eu também posso fazer isso”, o que que tu acha disso?

(AR) Eu acho show, porque tem muita coisa que tu não tem esse desenvolvimento dentro de casa, não tem, é uma coisa que talvez tu admire e nem sabe da onde que vem, então quando tu vê uma pessoa fazendo tu se identifica ou não com aquilo e tu se identificar é bom porque tu, te ajuda a te desenvolver aquele subconsciente teu que tu nem sabia que gostava ou não, então tu ver outra pessoa fazendo faz tu querer também, de repente se tu te identifica tu vai lá e busca aquilo, daí tu se descobre, desperta a vontade, porque se tu não tem esse estímulo dentro de casa tu nunca vai saber, se tu não vê outra pessoa fazendo, outra pessoa gostando talvez uma coisa que tu descubra anos depois, assim, vendo um vizinho ou alguém fazendo, então acho ótimo

(Dulce) Tu já usou estúdio de gravação né?

(AR) Já

(Dulce) Tu ainda pode falar como é que anda isso aqui em Porto Alegre...

(AR) Ah, cresceu bastante, bastante, hoje tem, antes não tinha esses estúdios, tinha um, dois, três específico com rap, hoje tem bastante que trabalha com todos os tipos de cultura, na época eu lembro que era uma casa mega simples que a gente foi, aí num quarto, ele era todo equipado assim pra fazer isso, não era um estúdio fixo, era a casa do próprio produtor e hoje eu vejo o pessoal se puxando bastante pra trabalhar com isso só, hoje tem uns três estúdios que eu posso até contar sempre, se eu precisar dar como premiação ou alguma coisa do tipo porque tão bastante envolvidos com rap local

(Dulce) Tem também muita troca nesses estúdios, ou cobra barato, quando a pessoa não tem condições ou tem menos dinheiro, ou faz troca de serviço também, tá acontecendo muito isso?

(AR) Tem, tem bastante, tá acontecendo bastante, porque os estúdios querem crescer e dependendo os MCs não tem condição, mas eles tem ali algum nome que se eles levarem o estúdio junto, os dois crescem, então eles trocam bastante, mais em questão, diminui o preço ali, porém faz uma divulgação bem forte sobre o estúdio, fazem materiais, uma coisa que eu acho bacana, fazem materiais uma coisa simples de making off pra divulgar esse relacionamento com o estúdio, então tá crescendo bastante isso

(Dulce) Que que tu acha que, a batalha geralmente, o mais comum dela, é na garganta, no gogó, mas aí tem aqueles dias especiais como as eliminatórias ou o aniversário que tem todo equipamento sonoro e midiático ali, tu acha que ganha e o que que ganha com todo essa montagem?

(AR) Eu acho que a gente acaba chegando um pouco mais nas pessoas que tão ali, que tão, que querem ouvir, porque nas edições mensais as pessoas não, muitas delas já é um público consagrado, vai lá pra conversar, enfim, um momento de entretenimento, eu acho que no aniversário a gente consegue fazer uma troca muito grande com o público mostrando muito mais a força da cultura e do rap em si, então eu acho que a gente ganha nisso, a gente chega mais forte no nosso público-alvo ali

(Dulce) Vou fazer duas perguntinhas mais pra gente finalizar, tu acha que, eu acho que tu acha, mas qual que é a relação do rap com gênero, classe social, cor, raça, etnia...

(AR) Eu acho que ele é totalmente voltado a isso, a questões sociais, então hoje socialmente falando é muito mais que só relacionamento, tem questão racial, a parte, o gênero em si, então eu acredito que ele é muito forte, mas hoje ele tá muito comercial também, então é uma coisa que a gente tem que desenvolver muito, tava conversando até recentemente com o Mark B da gente fazer umas oficinas pros MCs entenderem qual é o papel social do rap, porque não tá acontecendo, porque depois que foi, que ele apareceu na mídia, ele tá muito mais como um gênero musical, que é, mas ele tem um papel muito forte social que tá ficando esquecido, só acaba abraçando isso quem tem uma associação com a cultura hip hop, que é diferente, era pra ser a mesma coisa, mas agora eles tão dividindo o rap como um gênero musical, como também pode ser um papel social, não né, ele de certa forma ele faz totalmente parte da cultura hip hop, então a gente tem um trabalho forte pra associar, porque ele cresceu muito rápido e não acompanharam a essência do rap, que é extremamente importante, ainda mais nessa fase que a gente tá vivendo, se o pessoal abraçasse muito mais o rap como papel social a gente ia chegar muito mais forte nas comunidades, nas crianças e ajudar ali a desenvolver um pouco, através da arte, a cabecinha deles que principalmente as crianças que tão presenciando coisas fortíssimas né, hoje na TV, em casa, na comunidade, na escola e o rap, ele é possível resgatar, se usar dessa forma social, resgata e faz com que eles conheçam através dali tantas outras artes que a cultura hip hop pode abraçar então, eu acredito no rap como papel social, mas ele ainda não é visto assim, hoje ele só é visto por pessoas que conhecem a cultura hip hop, sim, tu vai ver o papel social dentro do rap, mas tu vê pessoas que simplesmente admiram rap, é muito comercial, então eles se preocupam com a parte de estúdio, com flow, a maneira que tu tá cantando o rap, mas não a mensagem que tu tá passando e isso é uma preocupação que a gente tem forte, porque não tem, hoje em dia a gente quer escutar uma música, a gente quer curtir, curtir a batida dela e tudo, mas se ela tem como mudar, por que não usar ela pra mudar algumas cabeças? Ou ajudar a mudar... Então isso tem que trabalhar bastante, infelizmente não tá forte essa questão e poderia tocar muito porque é um momento que, quando eu escutava rap era Racionais e eu escutava na rádio lá em casa, porque eu acessava o computador quando eu tava na minha vó final de semana, quando eu não tava na minha vó, não tinha isso, então eu torcia pra que tivesse rap nacional na rádio Eldorado e de vez em quando tinha Racionais MCs, que toca muito forte, a questão social, então é aquilo ali que ficou na minha cabeça e eu comecei a interpretar esses raps sociais, qual era a mensagem que eles queriam me passar, então eu lembro que Racionais me passava um tipo de mensagem, Faccção Central me passava outra, de maneiras diferentes me passavam uma mensagem, e hoje eu não consigo identificar isso, as vezes eu me pego gostando de uma música que não tá falando nada com nada, mas eu to gostando na batida dela, porque aos poucos eu to entrando nessa, nessa comercialização que to fazendo do rap, e eu acho que, pra mim que conheço a cultura hip hop é tranquilo, mas poxa crianças, adolescentes, esses jovens que tão, que veem as batalhas lá na internet, de repente tem essa regra, não dá pra sair muito e tal, eles sim tinham que tá recebendo esse rap mensagem, que daí vai ajudando no meio social onde eles vivem, na escola, de repente uma sessão de freestyle lá no recreio faz com que todo mundo comece a desenvolver aquela arte ali, e aí era pra ter uma mensagem positiva disso, ainda mais hoje que a gente tá com uma educação tão precária, então, às vezes dentro de casa não se tem nem tempo pra dar aquela, aqueles ensinamentos básicos sociais, então rap tem muita força de fazer isso...

(Dulce) Tu mencionou um grupo aí, eu queria tocar num assunto que talvez, eu ouvi algumas vezes em batalhas e também de gente que grava vídeos, sobre rap que representa o crime também, não é muito comum, não é o que mais se faz, mas se faz, tu tem alguma experiência disso, conhece, sabe por que que isso tá acontecendo...

(AR) Olha, eu acho que tive uma vez, que eu fiquei até confusa, esse próprio grupo que começou, eles começaram a cantar assim, uma questão bem forte de crime, “ah, eu porto isso, eu porto aquilo” e eu tentava entender qual era a mensagem que eles tentavam passar dali, se era realmente uma questão de apologia ou se é um, só tu tá falando de uma realidade que tu presencia, vive, na verdade não é tu, mas é uma coisa que tu vive, então a gente tem que tentar interpretar bem, muitos cantam comercialmente, aí não faz apologia nenhuma, não pensa em levar, em desenvolver aquilo na cabeça de alguém, é só pra realmente saber que pessoal tá gostando de músicas assim, e tem outros que tão se expressando ali, então tem que saber entender todo contexto social e qual é a mensagem que eles tão querendo passar, por isso que eu digo, MC mesmo ele não faz só a música, ele não canta alguma coisa assim só por cantar, ele ou tá falando alguma verdade, não que ele não vive talvez, tranquilo, ou alguma coisa que ele vive, por isso que é uma mensagem de reflexão muitas vezes, porque sempre tem uma coisa ali por trás que ele tá querendo passar, então nas batalhas eu acho que isso é um pouco automático, freestyle então eles acabam falando não só isso, mas questões raciais, homofobia, acontece muito, mas é o que eu digo, ali é o reflexo da sociedade que a gente tem, então isso vai acontecer, a gente não pode dizer que não pode, eu não boto isso nem como regra, porque eu quero realmente que aconteça pra que o público ali consiga julgar e ele possa sentir na pele o que que é tu fazer uma, tu ofender alguém, e hoje em dia, como essa questão tá muito forte, o público tá, julga, e aquele MC nunca mais volta como já aconteceu ou volta no outro mês totalmente diferente, porque a repressão do público pega, quando tu quer, porque eles tão ali pra ser reconhecidos, eles querem ser o centro da atenção ali, não é só uma troca de aprendizado, num primeiro momento eles querem ir lá pra ser reconhecidos, então quando eles veem que não deu certo, que aquele público lá repreendeu ele, se aquilo ali faz parte dele, ele não volta, agora se ele usa aquilo ali como evolução, ele volta diferente, então tudo é um contexto daquela própria pessoa que a gente tem que saber analisar, as pessoas vão falar “ah, o rap é isso”, mas não é, o rap é formado por várias pessoas, com

vivências diferentes e muitos deles não é comercial, então tem uma mensagem ali que a gente tem que saber entender qual é e aí se identifica ou não, ou simplesmente só entende

(Dulce) Tu tocou numa questão que eu acho que é bem importante, eu to levantando entre as pessoas que eu to conhecendo, que um perfil mais ou menos do jovem, até seus 28 anos no máximo, homem, e não se fala em homossexualidade, a mulher começa a aparecer, as meninas tão se organizando com uma força bem legal agora, mas não é, não tá sendo muito fácil pra elas também, como é que tu vê essas questões na tua prática?

(AR) Eu tenho, eu já parei pra pensar que não poder que no rap não tenha algum homossexual...

(Dulce) Não tem gay?

(AR) Eu acho que é uma coisa que tem que ser muito trabalhada assim e aí que entra a cultura hip hop, com oficinas, com palestras, não só essas batalhas assim, pra que todo mundo saiba que o rap abraça tudo, todo tipo social, toda questão, ele tá ali na sociedade, tem que abraçar a realidade, então isso é uma curiosidade que eu tenho também forte, eu nunca vi e eu tenho certeza que com certeza tem, mas é uma coisa que eu acho que as batalhas não abraçam muito, eles usam como rima ofender um homossexual, então nunca que vão assumir numa batalha, uma pessoa tem que ter muita coragem pra fazer isso, então a gente tem que através, usar esse público da batalha e fazer dali um ponto de encontro que a gente possa desenvolver isso um pouco mais, porque as batalhas não fazem tudo sozinha, a batalha acontece num momento e do público presente e não, ninguém ali vai parar uma batalha e dar uma aula, uma palestra, então dali tem que surgir outros movimentos, e as mulheres, o bacana é que elas tão tendo mais, como tá muito na mídia também isso, da representatividade feminina, elas tão, elas querem ter algum protagonismo e tão se descobrindo através dessa vontade, é isso que eu tenho identificado, então admiro ali o rap, a dança de rua e elas aos poucos vão se descobrindo se é aquilo ali ou não, ou se é uma produção pra ser feita ou não, acho que esse empoderamento que tá acontecendo é isso, as pessoas já chegam ali só admirando e tentando se encontrar, é isso que eu tenho notado nas meninas

(Dulce) Quem são teus principais parceiros, pra gente fechar?

(AR) A Jaque, é uma pessoa que eu não digo parceira pra montar projeto, mas são pessoas que eu converso e me alimentam assim, a Jaque, o Malcon, que é o Bruno, o Madjer e aí minha mãe, é uma pessoa que me escuta bastante e diz “segue”, “não segue”, difícil dizer que não segue, o Rafa, Rafuagi, Mark B, muitas pessoas, são pessoas que... tem a Cléia Torres também, que eu acho que tu não conhece, ela fez um evento, ela começou a fazer também, Rap na Usina, um evento bem forte que tinha, a ideia dela era que assim, fosse um espaço onde o público da batalha pudesse cantar, porque na época a gente só fazia no aniversário da Batalha show, ainda é assim, ela queria fazer um evento mensal praticamente, onde ela pudesse usar, ela me disse que foi assim “cheguei lá na batalha e vi que não é só MC de batalha, ele tem música, onde é que ele vai cantar, se os eventos fechados não contratam” então ela criava esse evento na Usina do Gasômetro, ela foi uma pessoa que me inspirou bastante a pensar no pós-batalha

(Dulce) Não tem mais esses eventos?

(AR) Não tem mais, uma porque a Usina foi interditada e aí eu acho que ela diz que tá querendo estudar e voltar melhor como é que vai ser feito esse retorno

(Dulce) Como é que ela chama?

(AR) Cléia Torres

(Dulce) E quem mais?

(AR) Acho que são esses... é muito difícil, costumam perguntar referência, eu não costumo dizer porque às vezes tem uma pessoa nova que chega na batalha, que não tem essa vivência com a cultura, com as batalhas, mas já me traz bastante aprendizado assim, eu costumo pegar os pequenos pontos, a minha conversa contigo com certeza vai me trazer algum aprendizado, tudo que é diferente, que eu não vivenciei, eu vou tomando como referência pra mim, então não consigo dizer, tem uns MCs novos que são referência pra mim, trazem uma outra ideia, que me ajudam a pensar que não é só batalha, é oficina que eles precisam ter também, porque daí eu vejo neles uma coisa que precisa ser desenvolvida e daí automaticamente eu me desenvolvo também, porque daí eu fico pensando como a gente pode mudar isso

(Dulce) Eu me lembro, por exemplo, que quando eu comecei a acompanhar as batalhas do Mercado, tinha o Join, tinha o Cromado, e eu nunca mais vi esses caras

(AR) É verdade, o Join ele foi pro Rio, ele era de lá e ele voltou pra lá e o Cromado ele tem essa questão que é responsabilidades, é responsabilidades mesmo, essa questão também do rap, família, eu, por exemplo assim, ultimamente eu ando, eu fazia tudo, eu não descansava, ia pros eventos, marcava, fazia essas entrevistas, e hoje eu penso um pouco mais na família também, a gente fica às vezes repensando até que ponto tu tem que abrir mão, porque é uma coisa assim que a gente tá lidando com pessoas, a gente nem sempre agrada todo mundo, às vezes tu fica repensando se vale a pena tu abrir mão de, da tua família, já deixei de ir em vários aniversários, já gastei muito dinheiro apostando num projeto, não apoiando, mas no meu deslocamento, tudo isso, que não me trouxe retorno, às vezes nem aprendizado assim, então vai, com certo tempo tu começa a repensar até que ponto, já fiquei doente, com pressão alta por isso, muito stress, muita preocupação, então é isso, muita gente abre mão e não tiro a razão, porque é uma questão que era pra ser um pouco mais, era pra abraçar mais a cultura hip hop e o rap em si, mas com essa marginalização que ficou, de ser comercial, de ser uma coisa de mídia, acabou não sendo tão social, as vezes não é uma troca, que é o que eu gosto de que tenha assim, posso me entregar, perder um final de semana todo assim, mas eu quero ver aquilo ali sendo melhor de uma certa forma, nos MCs sendo melhores depois ou reconhecendo a cena, e as vezes isso não acontece, então isso me faz repensar e muitos desses desistem né, não querem continuar, tem a família, tem que trabalhar, não tem esse retorno financeiro, então é complicado, nem todo mundo fica firme assim, até o fim...

- Parte 3

(Dulce) Tu ta falando do MC de batalha?

(AR) Isso, é, eu acho que o ideal é a gente descobrir o que que eles querem, se a batalha é um momento só, de visibilidade, que acontece muito, ou se dali eles querem ser um rapper ou...e trabalhar realmente com música, muitos vão dizer que sim, mas qual é o meio? Como eles pretendem fazer isso, qual é o ... eles querem alcançar a sociedade com isso, ou eles querem só ter um reconhecimento por fazer rap, que é uma coisa que tá visível? Qual é o meio que eles vão, que que eles tão fazendo pra conquistar o sonho deles? E principalmente essa questão que é muito difícil assim, eu como trabalho estudo e sei que é difícil tu associar tudo né e eles assim que que pretendem fazer? Será que pretendem fazer uma faculdade, entendendo que vai ser difícil conciliar? Vão optar por uma faculdade ou investir nisso? Tem mais a opinião da família, então tudo isso acho que é o bacana, porque dai tu consegue ver que que eles realmente querem né, a vontade deles, com o que eles conseguem realmente, que que tá no alcance deles né pra conquistar isso, acho que é o melhor mesmo é conversar com os MCs assim.

Transcrição 2. **DA.** Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (45 min.). Porto Alegre, RS, 1º . de setembro de 2017.

Entrevista com “Fulana” que a partir de agora será chamada de DA. Hoje é primeiro de setembro de 2007 sexta-feira estou aqui na FAGED UFRGS

Dulce: qual é a tua principal ocupação? e qual é a tua principal atuação na cena rap, o que tu faz na cena ?

DA : eu sou estudante da educação no campo, ciências da natureza. eu sou MC e hoje eu me questiono muito sobre como eu falo, se é MC , se é rapeira , se é rapper,eu estou com uma crise de identidade. eu prefiro dizer que eu faço rap. eu sou música, né? eu componho, eu crio, porque o mestre de cerimônia tem, que ele apresenta, né? tem Freestyle, eu não faço Freestyle.

Dulce: então tu nunca participou de batalhas?

DA: sim, participei. eu comecei nas batalhas, que eu acho que é o fator pulsante do hip hop, principalmente do rap bom então eu sou MC, vamos dizer assim, eu faço rap a minha relação com a cultura hip hop é o elemento rap.

Dulce: então tu começou em batalhas e aí?

DA: sim eu comecei batalhas fazendo Freestyle. eu morava em Passo Fundo, sou de Passo Fundo, sou natural de lá, bom e tinha uma galera que andava de skate, aquela coisa, e nós gurias a gente também queria anda de skate. e a coisa foi evoluindo Então a gente foi pro centro da cidade, que tinha pista de skate .

E lá então era um centro onde todas as juventude do município se encontravam . e aí tinha a galera que fazia rap.e aí fazia o Freestyle e aí estar na roda vai te incentivando, da vontade para saber como é, como faz o improviso. e aí você não ver meninas então eu também quero, porque não tem meninas. Ou então porque tem outras meninas e você também quer. e aí a gente começou. E começou a fazer sentido, o Freestyle eu digo a gente porque eu não entrei no rap sozinha, né? a gente era um grupo de gurias da Vila, a gente andava de skate, a gente já tinha a nossa tribo, a nossa identidade. e aí o rap foi incorporado dentro dessas nossas vivências. a gente foi escutar SN J, e aí tinha a Cris, e aí tinha biografia feminina, aí ela já deu um outro conceito pra nós do que era o rap, porque biografia feminina dela faz um apanhado histórico né?foi fundamental pra nós, ela fala das mulheres ao longo do tempo então ali a gente já viu , nossa, a gente não é as únicas, né? tem outras mulheres, e elas gravam as músicas. Então a gente precisa botar nossos Freestyle numa folha, a gente precisa decorar. aí gente as suas associou muito a poesia né e outras pessoas do hip hop também associavam o rap a poesia então, tudo o que a gente compreendia como poesia era o nosso rap. o Freestyle foi, tipo, o passo inicial pra desenvolver, foi a prática. depois a gente foi para a escrita. As nossas rimas de Freestyle eram falando sobre de onde tu é, o que é que tu gosta.

O que é que tu não gosta, falar mal de fulano. no outro tu fala mal da polícia, tu começa a desabafar, colocar em questão, né, a gente mais refletia sobre as questões do nosso cotidiano, né? é diferente das batalhas de hoje né, nós não tinha Batalha de sangue, era MC MC. E não era o que atacava mais o outro, era quem tinha mais domínio de conteúdo a gente tinha que ler, a gente tinha que dominar. tipo, eu tenho que rimar com um prédio, ou a Dulce e com a garrafinha dela. então tinha um domínio de realidade, isso que contava para nós.

tu tinha que estar atento a tudo, né, não era atento só no indivíduo que eu vou atacar. era onde eu estou e o que havia ao redor. ele era muito mais político. a gente refletia muito mais. e a partir desta reflexão é que a gente começou a se organizar sobre o que era cultura hip Hop. aí a gente tinha os sindicatos do movimento estudantil, porque a gente era estudante e a gente via que aí era uma forma também né, porque vinha uma galera mais velha e dizia: ah, não adianta vocês só tocar rap outro tem que viver o rap. está ruim, mas você precisa melhorar. então sempre teve uma terceira pessoa para nos politizar. foram homens né?! hahhaa.

mas aí, a gente viu que a gente tinha um baita de um espaço ali a gente também tomou protagonismos. e aí a gente vinha(para a capital) com o sindicato, com movimento estudantil desde o Cepergs até os bancários . a gente vinha com qualquer um para capital hahhaa

E aí é que a gente via a cena, né?, tinha os manos daqui. A gente conversava com eles sobre o que estava acontecendo aqui. " ai, aqui existe encontro de B-Boys " nossa, a gente precisa fazer um encontro de B-Boys lá " bom ai, aqui rola grafiteagem coletiva ". Nossa, lá precisa de grafiteagem coletiva. então a gente se organizava a partir do que acontecia na capital.

Dulce: então a tua referência era o que estava acontecendo aqui na capital?

DA: isso. daí a gente sabia da Bonja*do Do DMA Mc's, do HJ, do amarelo. os meninos de Canoas que era um irmandade catraia. tinha as gurias de São Léo, que era o trio NB, negras na batalha.essas eram as referências aqui em Porto Alegre e no sul para nós. A gente sabia que existia racionais, que tinha sabotaje porque a gente pegava no camelódromo muita referência de música do eixo Rio SP, mas referência política era quem estava próximo aqui, que era essa galeraque a gente encontrava. " ah , eu sou MC de tal morro" ah, que legal, a gente é MC lá de passo fundo, mas no meu morro é assim, assim, assado . E aí tinha a história do CD, e o CD era muito precioso para nós.

Dulce: isso quando?

DA: isso 2003, 2005, por aí.

Dulce: quanto tu começou, Dany?

DA: eu comecei, eu comecei andar de skate com 12. até os 14 eu andei de skate . aí já desse período dos 14 em diante eu já fazia rap. aí a gente tinha esse problema, que não tinha atividades lá (em Passo Fundo). Então a gente organizava as atividades.ia na prefeitura pedir som , e a gente se organizava assim, e não parou mais.

Dulce: e tu tá com quantos anos hoje?

DA: eu tô com 28.

Dulce: E por que por CD era tão importante?

DA: porque a gente não tinha outro " lugar " para escutar outro rap. era limitado correto, a informação sobre a música rap. era diferente de tu chegar em uma livraria e tu ter todas as revistas, tipo não estão antes, você tinha várias opções, tinha Green Day, tinha sepultura, existia material para esse público. A gente não tinha material . a gente chegava numa livraria, o máximo que a gente tinha era rap nacional. e tinha meses que o livreiro não comprava nacional. e aí o rap nacional era de São Paulo né então trazia só esses artistas. então era legal tu ter o CD do mano daqui. Porque tu não ia escutar ele na rádio. pra nós tinha esse valor de comunicação mesmo né, então a gente tava levando aquela informação, o CD era informação para nós

Dulce: e como é que eram essas trocas de cds?

DA: a gente comprava, a gente trocava. que uma revista que chamava " de boa ". Quem cuidava da " de boa " era o " correria ". ela vinha com CD junto, o rap longa vida aí ele fazer uma seleção de músicas, gravava num CD, e botava numa caixinha feita com caixinhas de leite daí veio o nome rap longa vida. e foi aí que eu conheci Flora Matos, nathy MC, o Emicida, o Criolo ...esse e aí foi ah outra geração, porque primeiro foi a Cris, que a gente comprava no camelódromo o " espaço rap " que vinha com 20 músicas. vinha desde facção Central, todos e aí ele (o Correria) apresentou pra nós essa outra geração e nesse meio tempo já tinha o Orkut mas não era tão acessível, ainda não tinha lá house então as nossas informações partir daí pra gente construir o nosso rap nosso hip hop e servia muito de referência. Nossa, como é que eu vou fazer um rap, vou fazer uma rima. o que é o flow? O que é estilo? eu não criava o meu, eu escutava outro pra dizer, Ó, encaixa aqui, ele tem três palavras até..., né então o outro rap servir de referência pra gente escrever os nossos. Até os temas. Eu não gosto do que facção central fala, mas eu gosto dos Racionais. então eu vou seguir a linha dos Racionais. Eu digo nós porque era eu e a Jordana, a gente era um grupo. era uma dupla de Mc's, era La conduta . porque tinha uma marca de skate que se chamava A conduta e aí, com a falta de criatividade, a gente uma camiseta quer da marca, que era a conduta, então a gente botava um ele . porque a gente tinha aula de espanhol no colégio
Mas a gente nunca gravou nada.

Dulce: e agora, **DA?** porque isso foi lá atrás, mas hoje vamos pensar que mudou um pouco modo de fazer rap, que era muito baseado no modelo patriarcal, que é como as coisas se apresentava naquele momento. E hoje, o que é que mudou?

Dany: não mudou muito. porque ainda continua sendo uma cultura voltada aos homens, é produzida por homens, para os homens. eu vejo a cultura hip-hop como uma extensão ainda, ela não mudou porque posturas que tinha antes eu ainda tenho hoje, principalmente quanto a questões de gênero, questões de classe, questões de cor. as minhas posturas ainda são os mesmos claro que eu acumulei mais coisas. eu sabia que havia uma diferença entre os mano e as mina, mas eu não sabia qual era essa diferença. hoje eu entendo qual é essa diferença. o que mudou foi a forma que eu trabalho frente isso dentro do rap. Então continua pra me continua a mesma coisa. Agora, em questão de comunicação, de produção, a gente deu um salto. Eu não digo que está democratizado, mas hoje a gente tem um acesso maior aos modos de produção do rap é a gravadora, você consegue ter um estúdio em casa. você consegue fazer o teu beat. Você não precisa de outro rapper de referência só pra você fazer a tua música, você pode escutar uma MPB. eu quero tirar um sample de lá, abri as portas para você produzir, você tem mais acesso, para produção e a informação.

Mas como é que é essa informação é outro papo . Então eu acho que mudou sim, em questão de produção. melhorou. A gente tem acesso. Tipo antes, eu não conseguia gravar uma música. Hoje eu também não consigo, risos. se eu fosse ver estúdio, quanto que é um *beat*, eu não consigo trabalhar né. eu consigo só estudar. Até porque, a gente sabe qual é a dificuldade de um trabalhador estar no ensino superior. Mas eu não teria esse dinheiro vamos supor R\$ 1000, para investir numa música. mas aí eu não preciso ter R\$ 1000, eu tenho R\$ 100 então eu invisto.

Dulce: então que que você faz com esse R\$ 100?

DA: A, eu negocio primeiro eu começa com afinidade, quem é o mano ? quem é a mina? eu posso escolher com quem eu quero fazer. Não há mais uma monopolização Então eu tenho R\$ 100, mas eu sei que aquele mano não vai fazer por R\$ 100. Mas eu sei que tem um outro mano que curte muito fazer e que está precisando R\$ 100 e ele não iria me cobrar então vou usar esse R\$ 100 com ajuda de custo, não é uma bonificação, é um apoio mesmo. Porque ele sabe também que eu não tenho né, então fica mais fácil dialogar. e assim que eu faço. Quando não tem dinheiro, gente faz os escambos de outras coisas. A gente faz vídeo, a gente tenha selo verde. aí a gente viu seguinte: eu consigo gravar a minha música, eu consigo gravar um IP e por na internet. porque Webber também hoje não sai caro mas, como era Caruanas fazer um CD um LP.

Dulce: quanto é " não é caro " hoje, **DA?**

DA.: hoje tu faz 10 cópias por 100 em R\$ 150. Então, dentro do mercado isso não é caro. porque hoje tem várias gráficas e você consegue gravar o teu CD casa e depois só mandar fazer a capinha. hoje é mais acessível você fazer pouco claro, não é aquela mega super qualidade. mas você já consegue fazer a informação circular. e a gente está falando de uma era em que só fala não adianta. você precisa ver e escutar você precisa ter outras sensações. aí você tem que, você tem o YouTube. YouTube é uma rede social hoje. Você tem que ter um vídeo no YouTube hoje. Então a gente pensou, então vamos começar a fazer vídeos para essa galera poder também se ver de outra forma, né? porque não basta só a gente ter música, a gente de shows, e a galera precisa demais, e assim mas é o audiovisual, então vamos fazer. E aí a gente troca. Tipo: tem um estúdio lá, vou pegar um exemplo, o incógnita recodes de Viamão, o Joe. ele grava. E ele faz beat. É um beat vale um web vídeo. E a Gravação e a Masteriz ação vale outro web. vídeo então a gente troca uma faixa musical pronta por dois web vídeos a gente não tem aqueles instrumentos de ponta, de qualidade. mas a gente tem uma tecnologia boa e que fica bom. a gente tem duas câmeras, tripé, agora tem um microfone, que a gente comprou na internet, e assim, quando humano não tem um escambo para nós, a gente tem um preço né, hahhaa que é 150 e o que a gente faz? A gente compra os equipamentos. a gente começou como uma Samsung branquinha pense vizinha gravando, depois a gente comprou uma que não ia mais lentes e fez uma prestação de conta para os humanos. e aí a gente mostra que a prestação de contas, que a gente tirou 50 pro nosso custo de passagem de alimentação, da luz. Né. Porque daí também vencer uma forma de subsistência nossa ,
Então o rap também traz isso, a gente trabalha com a informação e a gente recebe também por ela. Porque a gente era muito preso a outras esferas. Por exemplo, a gente precisa ter um estúdio e precisa pedir para prefeitura precisa de uma política pública, a gente também era muito amarrado enquanto movimento para difundir nossas informações. gente via ainda no poder público nosso braço de

transitar e se organizar. Com o tempo essas redes mudaram né, até a gente ter acesso a coisas que antes quem tinha eram outros e não nós e aí isso então para as minas eu e o Leandro (montiel) agente acordou que a gente não cobra. a gente não cobra 150 a gente não cobra nada. mas elas falarem as passagens, sim as passagens sim porque a gente tem essa compreensão nem a gente sabe, que o modelo ainda o mesmo, bom precisamos dar forma de acesso pra gente tar ocupando esses espaços. mas ainda é o mesmo jogo escrotinho. Raha o Leandro andava de skate né e no skate tem isso que a gente tem que filmarentão a gente não precisa mais fazer um fórum de hip hop para conseguir uma máquina para filmar galera., ou para ter um estúdio. a galera aprendeu a se articular, não individualmente, de uma forma autônoma, mas coletivamente. a gente ainda entende que " sozinho eu ando bem mas com você eu ando melhor ". a galera tem essa ideia de coletivo. eu sinto isso com a galera que eu convivo, porque tem outros que não, o que é super natural, né, porque a gente vive numa sociedade que assim, né, não tem muito que fazer. a gente tentou barrar esses processos. No rap também existe gente conservadora.

A fu ! principalmente a galera mais velha do que eu. Ou da minha idade que são conservadora a fu com a molecada que vem " porque isso não é rap de verdade ". mas essa galera que eu vivo não, a gente não tem reuniões para falar sobre a ser verde. é mais assim: mano eu estou com uma música aqui, tem um beat, rola fazer um vídeo?, Fechou. Tal dia, tal hora, vamos. Fechou acabou divulgo aqui, divulgo ali. Tomo uma breja. Da uma sezada . falo que tem pra falar. E assim a cultura né. Só que a gente não sabia antes. E eu acho que essa gurizada sabe. Eles entendem na sua forma.

Dulce: **DA**, eu estou vendo que tem mais importância é que tu faz pra ti, que tu faz com o rap 4for love pra diversão, mas estou vendo também que tem uma proposta pra circulação, de fazer esse rap circular. porque tu faz um vídeo pra uma mina, tu acompanha essa circulação?

DA: sim, mais na selo verde. Porque a gente fez uma playlist no canala gente faz os vídeos, depois manda por e-mail. E tudo é muito por e-mail, pelo WhatsApp, pela internet né. Os nossos caminhos são trilhados pelas redes sociais. então a gente foi lá, gravando um domingo. ou a gente abre um grupo no face e vai enviando já picoteado, " tu gosta ou não gosta? ". aí está pronto, tu posta lá no teu canal, aí a gente cria uma playlist, e a partir do teu canal a gente cria essa playlist no selo verde. e a gente criou nosso portfólio. está no teu canal, a gente te divulga.

Aí a gente criou o brota aí tipo perfil assim que tem no Rio de Janeiro com a gente viu o jonga, que teve um perfil, teve um outro também e essas tendências também pautam a gente que não é só pra reproduzir mas é também pra multiplicar. porque se isso é característico do rap, então pode ser aqui também. Porque a gente trabalha dentro de uma territorialidade dentro do rap, mas a gente esquece que o rap ele não é a partir de territorialidade, ele é globalizado já. Portanto aqui, mas estou falando com Mc's de todo mundo. então não tem graça, a copiou. ou imitou. Porque o Happy é em si, é a produção do rap, é que nem McDonald's, então o McDonald's daqui está imitando o McDonald's dos Estados Unidos não né? mas o nome né bom a gente fazer alguma coisa tipo: A aqui em casa. aí eles vêm em casa agente conversa com a galera. É daí eles brotam aqui então daí saiu nome Drop aí aí tem também relação que a gente trabalhe jardinagem, trabalhem morta. por isso tem relação também com o broto, O brotar , ou viver. aí ele falou assim pra mim: olha, o vídeo rendeu 16 inscritos no canal foram pessoas reais que viram esses vídeos. .

Dulce: quem tu quer ser no rap **DA**?

DA.: eu não quero ser ninguém. uma vez eu quis esquecer uma pop star. Eu queria ser que nem fulana, ciclano. É legal! E não mais, não mais. Já virou estilo de vida. Uma cultura. Está ali. eu faço educação pro campo eu dou uma aula e to ali no mato mas estou escutando rap no mato. Eu poderia estar escutando sertanejo. Mas é um estilo né. Estilo próprio de uma cultura só pra mim. Hoje é um estilo musical né. ele está inserido de uma forma, não é subjetiva, eu sequer está ali. E o rap não fazer as vezes agente brinca sobre isso nas rimas, mas pra mim ele não é lazer, não é esporte. Ele não é uma utopia de vida pra mim. Eu vejo ele sim como uma mudança, mas eu vejo ele ali , ele está ali. Ele existe. a gente escuta, a gente escreve. Faz parte do meu cotidiano. eu vejo as exata questão da própria roupa. porque antes eu só usava calça larga, boné e tinha que ter a trancinha aqui. hoje não. Não existe mais estereótipo pra mim no rap . eu não preciso mais ser alguém para ser aceita. eu posso ser eu como sempre fui. E o rap simplesmente estar ali. E eu vejo ele assim tipo: ah, tu não quer me escutar? agora tu vai escutar!

Dulce: tu acha que tu consegue passar uma mensagem, uma voz, um interesse através de rap?

DA: eu acho até que eu consigo, mas as vezes as pessoas não entendem. As vezes eu digo pra minha irmã: Fulana, eu fiz uma música nova. E ela me diz: eu vi o vídeo, mas eu não nada do que tu falou .aí me pergunto: será que a minha mensagem que é estranha? Será que é ruído? aí eu tento achar formas de dizer a gente sente, a gente vê que as pessoas, não gosto, ou não falam, né? pode ser isso, mas pode ser também uma questão de gosto. se tu usa uma palavra em gíria , ela não é acostumada escutar a gíria. Então quando vê tem gíria e a pessoa não entendeu.

Dulce: se a pessoa não compartilhar aquela gíria ela não consegue participar do rolê? Ou, ao contrário, se ela compartilhar aquela de ela estar mais está mais faço de entrar no rolê?

DA: A, está mais fácil. se for um cara os caras vão ficar meio assim e ser for mina as mina vão ficar meio assim quando chegar no rolê. Isso conta muito né. É o personagem aí. O rap tem muito disso né "não mas não é eu, é um personagem". . Mas até que ponto é um personagem?nas várias vezes né. Quando conhece Vanessa, disse:, jurava que tu era uma ento Jada . então tem muito disso né, como as pessoas te veem de quem é o descolado, o tênis da hora, a roupa, ele também te requer isso quando ai não é solar no meu tempo. Agora também tu sente Claro que com modos diferentes.. Com estilos diferentes. mas é nítido, tu vê. Eu pelo menos vejo né?

Dulce: e quais são os conflitos na cena?

DA: tem um incômodo histórico. Vamos partir desta questão da roupa. Chega um mano que está usando, sei lá, um Nike. No meu tempo, que convivia mais com Freestyle, Nike era símbolo de playboy. Hoje não é mais. Então eu acho que tem muito assim como de conflito social, sabe? Esse que ainda perpetua no rap como esse tipo de incômodo: "- ah , o teu rap é pra playboy". Ou, tipo: "- eu não escuto Costa Gold". Porque tem esses conflitos na cena da maneira como as pessoas se apresenta, da gíria do rolê, da roupa, acho que isso influencia muito nesses conflitos. Poxa, eu sou underground. Peraí: "- o que que é underground?" Mas eu acho que existem esses

conflitos, né? Eu sou underground, mas eu faço trap bom, eu vou em tal festa, mas eu não vou pra festa X, bom, agora dia sete vai ter uma festa que se chama “raiz rap”. A gente sabe que público que é: é o público que não vai numa hot.

Dulce: e quem é o público que vai numa hot?

DA: é uma galera mais de boa, assim, a classe média, que tem mais para consumir. tu vai numa Hot, ai tu sabe vai tal do duaine.

Dulce: Quem é o Duaine?

DA: ah é um cara skate, que é da Digi Kei. Adige Kayky que todo mundo usando né para dizer isso e a galera que da outra cena desse é porque é um Playboy, porque estrela, porque se acha. mas Duwayne tem toda uma história, ele foi criado naquele contexto parece que a galera que está organizando arpejo raiz que eu acho que é o Eduardo, é, porque o Eduardo é um símbolo né. Ele contesta o sistema. ele é político. Ele é revolucionário (sendo irônica).

Dulce: e o slam? Aconteceu nesta lógica de origem de algum outro lugar comigo surgiu Slam aqui no Rio Grande do Sul?

DA: A foi assim eu e a Vanessa estamos vendo umas batalhas de Freestyle e teve uma que foi a primeira batalha das meninas. E postaram um vídeo que era a kiss e uma menina que eu nunca mais vi na vida. isso me dá uma raiva! Ela era aqui, dá rataria, agora acho que ela não faz mais rap, que ela tá grávida. até é mãe. Porque também tem isso né. É uma fase pra uma galera. nossa nesse meio tempo passou muita galera, são muitos ciclos e é muito rápido né, não é isso que eu quero. Porque o rap não é um dom. Ele te exige uma resistência sabe? uma atenção, um cuidado e às vezes a vida por si só... Porque as vezes tu escutou um rap de festa e tu acha que aquilo só. O rap tem algumas responsabilidades.

Dulce: tu acha que tem a ver com aquilo que agente quer da vida?

DA:..é. É. E as vezes a galera está nessa fase que não sabe. principalmente a galera que chega, tipo assim, todo dia nasce 10 Mc's, né, sobra cinco. Mas não é porque eles são ruim., que eles não vão dar certo, mas é porque é uma fase, e um dia que ser a Shakira e onde ele vai ver que não é isso, mas também que a realidade não deixa. que nem, seilá, mini engravidou, arrumou namorado chato pra caramba, que não deixa ver eu também tenho isso são dois caminhos está meio que fazem a galera desistir.

Dulce: tu acha que o conflito de classes é evidente no rap na cultura hip-hop?

DA: acho que confeito está presente, mas não é o Hecke confronta o vejo ele com um produto, na realidade. Ele já foi cultura, mas agora ele é um produto. Ele é fabricado ele é um produto cultural, um produto humano. e quando agente fala de produto todo mundo quer dar o seu valor, ele é meu, é teu. Então eu acho que esse conflito não seria de classe, mas seria de valor. de valores monetários. Eu acho que o rap já foi sim questiona dor, de classe. o rap já foi de um grupo, mas hoje já não vejo mais assim. hoje eu vejo mais diluído, eu não preciso mais usar uma roupa larga para dizer que eu sou do rap. eu estou assim e sou do rap.

Dulce: retomando a questão do slam, como é que aconteceu?

DA: sim. A gente viu as mina batalhar na batalha das minas da batalha do mercado. né mina que estava batalhando Paques ela não tinha tanta desenvoltura como tinha quis, porque aqui já vinha de outras batalhas. ela já batalhá com os mano. então a gente disse: e, tem algo errado aí não é a batalha das minas deser sangue. O problema é, onde que essa mina ta exercitando isso? porque nem todas nós temos o carão de ir enfrentar os manos uma batalha. As mina tem vergonha. Elas se sentem constringidas. tadão vamo criar uma batalha de conhecimento pras minas. vamos tentar pegar matriz, a gente convida mana de skate. a gente leva uma cerveja, gente faz uns Freestyle. vamos fazer rosa roda de Freestyle pra elas irem treinando. Flow. métrica. Fazer essa análise de contexto. de realidade. o que a gente na realidade fazia antes né. Então assim, vamos preparar elas pra guerra ra ra ra a gente queria que essas meninas estivessem preparadas. e que elas soubessem que, mesmo que fosse com outra mana, que elas tivessem esse domínio da técnica. o Freestyle tem técnica. precisa né. Então a gente viu também que estava rolando os slams em São Paulo. então a gente viu que estava formando uma rede de resistência, todas aquelas informações que vem pelas redes sociais. então que tal a gente juntar também um slam aqui. Pras mina terem também essa coisa do campeonato né, porque o Freestyle já é uma forma né mas você nao botas manda de frente. então a nossa intenção era fazer as manas se duelar, mas como se fosse treinar, tipo uma esgrima, ninguém se machuca. isso a partir da poesia, porque antecede a rima né. Antecede o flow, a métrica., a melodia. to declama, solto a voz e ficar mais faço aquilo pra você cantar, pra você rimar. pra você escrever. então decidimos fazer islã das minas. Daí a gente foi atrás. A gente viu que tinha em Brasília a gente o que tinham São Paulo. daí a gente mandou pras mana, disse que a gente tava fazendo a partir disso que acabei de falar com no primeiro momento exilara sua reclamação hoje ainda acontece, mas as mina cada uma que leva vitória pra todos né. a dona Maria, ela começou no Islã, a declamar, agora faz happy. isso é muito legal. Então nosso objetivo foi alcançado. então as meninas não estão indo para as batalhas. Mas elas estão indo para outrosslams aí eu vi isso semana passada, que uma menina do Slam Peleia que teve uma menina que ganhou, mas ela teve número de compartilhamentos inferior ao do que os manos que ganharam. então os outros Islands também começa a fazer esse recorte. Isso significa que sim não sobe de objetivo está sendo alcançado. Se é pra ser local para as manas se instrumentalizarei. Sentir acolhidas e irlevar suas diversas pautas, sejam individuais ou coletivas então significa que está dando certo. A gente tem alguns furos de organização de tempo, mas a gente também não se prende muito a isso pela porque quando ver estou reproduzindo práticas que reproduzia 10 anos atrás, que reproduziram comigo, que eu sair muito machucada dessas tentativas de organizar o movimentopoliticamente isso

Então a gente sabe que ele está sendo, estão sendo levadas nossas pautas. e é essa proposta. então temos lá, depois a gente faz o verso livre, depois de uma batalha de conhecimento o verso livre a gente criou pra quem não está batalhando e quiser utilizar esse tempo para declamar uma poesia sua. Daí os mano ocupam o espaço do verso livre quando é o islã das mina. Porque eles entendem que aquele não há espaço porque existe outros pra eles competir. Mas mesmo assim a gente tem esse recorte para eles. Porque também importante né e as vezes nem acontece a batalha. as minas chegam a as vezes para fazer rap. então tá dando também um outro sentido para nossa luta, Slam a gente sabe quais são as características do Islã, as regras. mas além de ser um campeonato, gente tem nem também utilizar ele para o empoderamento das mana ponto pra elas se sentirem mais potência risadas. Daí as mina de Santa Maria entrar em contato pra gente que elas querem que seja, das minas de Santa Maria legal.

Dulce: como é que está rap for love? agora o grupo está crescendo já são 17 qual é a lógica de agregar as gurias?

DA: a gente abriu pra outras gurias porque a gente quer ser uma banca. Primeiro era eu e Vanessa negra Jaque . daí a negra Jaque saiu.

Dulce: e ficou tudo bem quando ela saiu?

DA: não, teve treta. Foi bem sinistro. Ah, não treta, treta assim gente guardou ressentimento porque a ideia era assim, uma mina chamar as outras, faz o convite pra gravar uma música. a Vanessa que convidou mas ela disse que não daí a gente disse: ah, é só uma música. Daí ela disse: não, eu estou atrás de uma produtora . Ficou mal entendido. ela deixou a gente na mão bom mas daí o rap4 love começou a crescer e não é que a gente esteja excluindo ela e era para ela estar ali como protagonista e aquele também muita coisa no junção das gurias , porque u-junção estava tendo uma característica de movimento, e aí começou ter uma organização burocrática, alguém cuida das finanças, começou a se demandar tarefas mas não se discute a demanda das tarefas. Daí para mim perdeu sentido. daí pra Vanessa também perdeu sentido. mas agora no rap4love a gente está com 17 meninas e agora a gente faz os colab . Colaborações daí a gente chamou a Ximeno que é argentina e mora em Santa Catarina. então nós começamos a convidar outras meninas né. Então tá, vamos fazer as sete Bruxas. aí a gente faz uma reinauguração com convitesaí a Vanessa, a Babi, Allisyn vão fazer um colabore. Eu a pérola e a dona Maria e Haddad vamos fazer outro Clabe. E assim a gente vai circulando as meninas não se inserindo. Daí a gente explica o que é o rap for love. Porque na sideia mesmo fazer uma rede de desenvolvimento., é pra gente se conhecer e fazer mais trabalhos juntas. Daí a gente viu a gente está fazendo música, gente está botando da internet está faltando..... Se apresentar né. Mas a gente não vai ficar por aí pedindo espaço em festasentão vamos fazer a nossa festa. então também tem esse papel de dar visibilidade pras manas serem as protagonistas do rolê.

Então nós somos 17 então dá pra todas cantar na festa e aí nessaeu vou ser MC mas na próxima vai ser outra mana

Dulce: acha que rodízio entre as funções proporciona o quê?

DA: a experiência né. porque legal e todo mundo sabe fazer todos as partes, aí a gente acaba entendendo melhor os desafios, as vitórias.

Transcrição 3. **EVL**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (32 min.) Porto Alegre, RS, 09 de novembro de 2017.

EVL, Produtor de Conteúdo na empresa Portal RAP Gaúcho e Técnico em informática na empresa Digisom Eletrônica Ltda. Mora em Porto Alegre, Rio Grande do Sul

18 DE AGOSTO DE 2017 10:39 Vocês agora estão conectados no Messenger.

28 DE AGOSTO DE 2017 16:02

Dulce_Salve, "Fulano"! Tudo certo? Estou fazendo uma pesquisa sobre o rap e uma parte dela é um questionário. Queria saber se tu pode participar. Pra responder é só clicar no link : <https://goo.gl/forms/Bf56E8zYynhIkjMpl> (AUTORIZOU ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO PELO LINK ACIMA).

EVL ta feito!

28 DE AGOSTO DE 2017 20:13

Dulc_Opa...Valeu!

26 DE OUTUBRO DE 2017 13:44

Fulano, queria também conversar contigo sobre o Portal RAP Gaúcho

27 DE OUTUBRO DE 2017 08:00

EVL Bom dia, ja estamos por aqui, qualquer coisa só chamar

27 DE OUTUBRO DE 2017 10:22

Dulce_Bom dia, estou fazendo uma pesquisa sobre o rap na região metropolitana, como já tinha comentado no questionário, e queria te fazer umas perguntas sobre o portal.

QUI 09:07

Dulce_Vou te perguntar por aqui, tu me responde quando puder, tá bem?

Dulce_Queria saber se tu administra o portal RAP Gaúcho e o perfil Sul Rap TV no Youtube.

Dulce_Quando surgiram os dois canais?

Dulce_Como o rapper/MC podem entrar em contato e como o vídeo é postado?

Dulce_Quem seleciona?

Dulce_Também queria sabe se ele é o único ou mais importante no RS e quantas pessoas acessam

;))

EVL Oi, eu sou responsável pelo portal, o canal é administrado pelo Filipe Maciel assim q possível já te respondo as perguntas

Dulce_ótimo, obrigada!! 😊

Dulce_Tu mesmo criou o portal?

QUI 10:24

EVL sim eu mesmo que criei

EVL Quando surgiu o portal: O portal teve início em 2012 e na época se chamava Hip-Hop Tchê, era um blog voltado a cultura Hip Hop num todo, RAP, Graffiti e Break – dança -, festas e eventos relacionados a cultura, o blog ficou ativo por uns 2 anos e tive que dar uma parada por motivos de trabalho/profissão.

EVL Após esse hiato de 2 anos, em Setembro 2016 retornei com o projeto porém agora voltado apenas a música RAP, o blog então virou o site Original Tchê que no ano seguinte em Março de 2017 passou a se chamar RAP Gaúcho.

EVL Como o rapper/MC entra em contato, como o vídeo é postado e quem seleciona: O Portal possui o e-mail ezequielvl@rapgaucho.com que pode ser enviado material, muitos entram em contato mandando mensagem direto na página no Facebook, porém temos uma lista com mais de 300 grupos/mcs onde monitoramos todos os dias, então a grande maioria do nosso conteúdo é gerado diretamente por nós, isto é, nós vamos atrás da informação para produzir conteúdo.

A 'seleção' do que vai ao site é bem dizer livre, isto é, não temos rígidos critérios, o material tendo um mínimo de qualidade nós divulgamos, o espaço é de todos, é muito comum de ver no portal em destaque na primeira página um grupo renomado ao lado de um mc que acaba de lançar a sua primeira música, a música sendo boa nós estamos apoiando.

O conteúdo do site também conta com a colaboração do Canal Sul RapTV que produz conteúdo em vídeo, também temos o apoio do pessoal do blog Rap Caxias do Sul que produz conteúdo exclusivo de tudo que acontece no RAP em Caxias do Sul e como colunista a mc Dany Alves que produz conteúdo relacionado as mulheres no Rap.

EVL Se o site é único ou mais importante no RS e quantidade de acessos: Existe diversos blogs/sites gerenciados por gaúchos porém o Portal Rap Gaúcho é o único site com foco e conteúdo exclusivo no RAP Gaúcho.

Quanto a quantidade de acessos podemos contar a partir de março que foi onde se deu início ao projeto 'Portal RAP Gaúcho', nesses 8 meses o acesso vem crescendo a cada mês, hoje alcançamos a média de 900/1000 visitas mês, números que me agradam pois iniciamos com uma média de menos de 100 acessos e com uma taxa de tempo quase zero, o usuário acessava e saia, hoje 60% das pessoas que acessam o site ficam uma taxa de tempo de 4 minutos, isto é, acredito que muitos estão assistindo/escutando a música – conteúdo – direto no portal e isso é muito positivo, 40% tem acessado mais de 1 link no site, ele chega ao site através de um post na página no facebook por exemplo, visualiza o conteúdo, se interessa e acaba por vezes acessando outros artistas ou matérias dentro do portal.

A nossa página no facebook que em março tínhamos menos de 1000 seguidores, em 8 meses passamos a mais de 2000 e seguimos crescendo obtendo novas curtidas diariamente e isso tudo de forma orgânica tanto os acessos no site quanto no facebook.

EVL esse é o amigo do canal sul raptv: <https://www.facebook.com/filipemneris>

QUI 12:24

Dulce_bah, muito obrigada pelas informações.

Dulce_tu tem quantos anos?

EVL To com 34.

Dulce_Esqueci de te perguntar o objetivo geral do portal em relação ao rap. ou seja, o que tu espera que o portal proporcione e o que as pessoas estão buscando nele.

Transcrição 4. **FM**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (43 min.) Porto Alegre, RS, 10 de novembro de 2017.

QUI 09:13

Dulce_Salve Fulano, tudo certo? estou fazendo uma pesquisa sobre o rap na região metropolitana e queria saber se tu pode me ajudar com algumas perguntas sobre o canal Sul Rap TV no Youtube

Dulce_Tu também é MC/Rapper, né? E tem a produtora Real Família junto com outros caras...queria saber quando ela surgiu e falar do canal, me avisa quando tu puder, ou eu coloco as perguntas aqui e tu me responde quando puder. valeu, abraço!

Eu gostaria de usar as informações na minha pesquisa. Para isso preciso da tua autorização.

Após a leitura do termo abaixo, indique se concorda ou não em participar da pesquisa:

Fui convidado(a) a participar como informante do estudo “RACIONALIDADES DO CONSUMO MUSICAL: práticas culturais juvenis na cena rap porto alegre”, que tem o objetivo de investigar o consumo do rap na região metropolitana de Porto Alegre e as novas formas de circulação midiática da música. As informações colhidas serão usadas apenas para fins de pesquisa e manuseadas somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas, com a garantia total de sigilo e confidencialidade. Os resultados deste estudo, além de constar de uma tese de doutorado, poderão ser apresentados em congressos ou revistas científicas, divulgados sem revelar nomes, ou qualquer informação que esteja relacionada à minha privacidade. Minha participação neste estudo será responder ao questionário a seguir. Estou ciente de que poderei responder livremente às questões. Estou seguro que tenho livre acesso a informações e esclarecimentos adicionais sobre este trabalho e de que não receberei nenhum tipo de compensação financeira por minha participação, entretanto todas as despesas para coleta de informações estão a cargo dos pesquisadores. Caso eu me sinta constrangido ou aborrecido com o estudo, reservo-me o direito de desistir de participar, ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bastando para isso apenas informar os pesquisadores responsáveis. Caso seja necessário, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS através do fone: (51) 3308-3738 ou no endereço: Rua Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 - Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, em Porto Alegre/RS, que aprovou o projeto de pesquisa. Assim, tendo sido orientado(a) sobre o conteúdo do trabalho e compreendida a natureza e o objetivo deste estudo, manifesto meu livre consentimento em participar desta pesquisa.

Sim, concordo em participar ()

Não concordo em participar ().

Dulce_Ótimo! Obrigada “Fulano”. Só preciso agora que tu diga se aceita participar e se me autoriza a usar essas informações na pesquisa.

FM_Oi. Claro. Pode mandar. 12:34

Sim, concordo em participar (x)

Não concordo em participar ().

Dulce_Aqui vão as questões :

Dulce_Quando surgiu o Canal Sul RapTV ?

Dulce_Qual o objetivo do canal?

FM_Surgiu a 1 ano atrás pela carência que tínhamos em achar conteúdo relacionado ao rap feito aqui no RS. O meu objetivo sempre foi unir a galera que faz parte da cultura.

Dulce_ah, bacana! E como os conteúdos são selecionados?

FM_Eu escolhia o conteúdo de acordo com que eu achava que o pessoal precisava ver/saber, mas parei de fazer vídeos no formato vlog, agora no canal vai ser lançado apenas Cyphers e Projetos solos. Os participantes eu escolho de forma aleatória.

Dulce_Ah, também fiquei com uma dúvida...como tu diferencia o formato vlog, de cyphers e projetos solo?

FM_Vlog é aquele formato de video que os Youtubers fazem. Eu na frente da câmera dando informações. Cypher reúne vários MC's diferentes em uma única música. Solo é apenas um artista

Dulce_ah, que legal! muito obrigada pelo teu apoio. boa sorte com o canal e as novidades!

Logo mais divulgo no meu perfil informações sobre a tese, se quiser acompanhar.

FM_Certo. Vou querer sim. 🙌

Enviada pelo Messenger

Transcrição 5. **FSF**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (33 min.) Porto Alegre, 14 de outubro de 2017.

(Dulce) O que eu quero saber mais de ti, principalmente me interessa, é tu tem uma trajetória no rap...

(FSF) Isso.

(Dulce) Tem uma trajetória, uma história importante que ajudou a construir o rap aqui em Porto Alegre, uma das pessoas que mais fizeram as coisas acontecer, queria que tu fizesse uma breve apresentação, por favor, dessa trajetória, como foi que tu começou, onde é que tu tá agora...

(FSF) Bom, como foi que eu comecei, a minha história então, ela começa, se retrata, lá nos anos 90, 91, 92, foi aonde eu conheci realmente o movimento rap de verdade, como ele era, então eu sempre morei na Zona Norte de Porto Alegre, aqui, numa comunidade pobre, aonde na verdade não se tinha muitas coisas pra fazer, era no bairro Jardim Leopoldina, então são muitos edifícios, muitos prédios, ali e tal, então a molecada ficava só no meio, no miolo daqueles prédios ali, com a cabeça meio vazia, sem ter muito o que fazer, então o convívio era só aquele dali, então quem era de jogar bola, jogava bolsa, quem era de ficar nas esquinas ali, a questão do tráfico, aquela coisa ali, ficava ali também aquela meninada de 14/15 anos já era um movimento bem forte dessa coisa assim, e eu tentando me inserir no meio daqueles grupos ali, ficava um pouquinho de cada, aquele ali era o meu círculo de amizade, não tinha muito o que se fazer...

(Dulce) Tu tinha quantos anos?

(FSF) Com 14 anos de idade, e aí num belo dia surgiu lá, não sei do que, que cargas d'água, um evento na praça onde a prefeitura colocou um palco e tinha vários artistas lá se apresentando, então eram vários estilos musicais, só que como a comunidade não tava acostumada com aquele tipo de coisa, quem era de jogar bola, continuava lá no canto jogando bola, quem tava nas esquinas continuava nas esquinas, e o pessoal caminhando pela volta, e na frente do palco tocando simplesmente as atrações e ninguém, ninguém indo pra lá aí foi quando de repente me chamou atenção, quando subiu um grupo de rap lá pra cantar, um pessoal cantando rap e mais um pessoal dançando, logo depois disso aí entrou até um ícone aqui do Rio Grande do Sul que era o Mário Pezão, na época, até destaque bastante que foi uma das influências assim pra mim, e eu lembro que fui só eu e mais dois meninos a gente foi pra frente do palco assim, o resto ninguém tava dando bola pra aquilo que tava acontecendo, mas foi eu e mais dois meninos a gente foi lá pra frente do palco e ali eu fiquei assistindo, assisti toda apresentação, vi o pessoal dançando e cantando, aí eu pensei pra mim assim "é isso que eu quero fazer, acho que a partir de agora é isso que eu quero pra minha vida", esperei os meninos descerem do palco e aí perguntei pra eles "ô em qual lugar que vocês se encontram, onde é que vocês fazem e tal..." e daí o Mário ele até me falou que morava na Restinga e tal, mas que acontecia, e o pessoal que dançava falou que tinha atividades bem próximas de mim, aqui no Centro Vida, que fica aqui na ar, e aí me falaram os dias que tinham ali, nas terças, quartas, não sei o que, vai lá que, até na época eles chamavam até Funk do Vida, aí eu falei "vou lá pra conhecer", aí deu na terça, foi no final de semana, aí na terça seguinte eu já tava ali no Centro Vida ali pra conhecer, aí fui ali, conheci e depois nunca mais larguei, a partir daquele momento me inseri através da dança, comecei dançando, dançando ali, daí dentro dali conheci várias pessoas que curtissem mesmo aquele tipo de movimento, de dança e tal, e pela primeira vez eu vi alguém cantando, escrevendo, elaborando uma letra na minha frente, que foi o Francisco, que era um amigo meu que até me ajudou, foi um dos primeiros integrantes do meu primeiro grupo e quando vê, eu vi ele cantando, eu só dançava, já tinha feito várias apresentações dançando e a partir desse momento me despertou a vontade de cantar também, falei assim "não, vou tentar fazer umas letras, porque eu acho legal as letras dele", porque as letras dele eram bem fortes assim, falavam dessa questão social, falava assim, criticando governo, falando da realidade dele, que dentro de casa a geladeira e as panelas tavam tudo vazia, pensei "bá, que legal quero cantar uma coisa assim", aí me juntei com ele e comecei a fazer as minhas primeiras composições e a partir dali nunca mais parei, comecei a cantar junto com ele, a gente começou a fazer algumas apresentações e tal, e daí formamos o grupo, que era Ss do Rap, o nome no início, eu e ele, aí muitos me conheciam como MC Fábio, sempre me botei como MC F, aí depois da criação dos Ss do Rap é que começaram a me chamar muito assim "Ah, o cara ali é o S," daí só pra organizar isso depois eu peguei e "eu não quero perder meu nome então vamos botar SF no final que é pra me identificar" e aí que ficou o SF, relacionado ao grupo, mas aí foi, a gente começou a se destacar, a gente começou a cantar junto, aí começou a procurar o movimento que já tava acontecendo mais pro lado do Centro, a se integrar com esses grupos que já tava mais organizados...

(Dulce) Isso aí já era mais ou menos quando?

(FSF) Isso aí já era 96, por aí, 95 ou 96, então a gente começou a procurar as pessoas que faziam mesmo a história acontecer e começamos a se encaixar, a gente viu que tinha um movimento que tava querendo se organizar, tinha um movimento que tava querendo criar um CGC próprio, pra participar de licitações, pra fazer eventos, pra conseguir espaço, então eu me apaixonei total pela cultura assim e acabei me engajando muito com eles assim nessas causas mais militantes assim, de buscar algo a mais pro movimento em si, não só, antes era muito com meu grupo, "quero que o grupo cresça", mas quando eu vi que tinha uma amplitude e que a cultura hip hop, na verdade, não era só aquele Funk do Vida que eu aprendi no começo ali, tinha quatro elementos, tinha toda a história, o contexto e tal aí eu comecei a me encaixar muito mais nessa questão militante e comecei a militar junto com os meninos também, pra conseguir fazer com que esse movimento crescesse dentro de Porto Alegre, aí então foi que eu comecei a ir pro Centro, aí conheci lá o pessoal que já tava criando o movimento hip hop organizado já, então conheci o Rafael, conheci o Gera, que era da antiga, o Neso, irmão do Rafael, mais as meninas que faziam a parte disso aí, que é a Carla e a Rose, que era do grupo Zamp e tal, então comecei a me encaixar, a trabalhar junto com eles e comecei a ajudar nessa questão de construção mais do movimento, comecei a pegar gosto disso, mas nunca deixando o grupo de lado, sempre cantando e fazendo isso tipo de coisa, e aí foi aonde a gente foi ganhando destaque, ganhamos destaque, surgiu a ideia de se fazer a carteirinha do movimento, a gente tava lá organizando as carteirinhas, tudo isso cedido no espaço que antes era a sede do PT, que era ali embaixo na João Pessoa, então eles cediam o espaço ali pro movimento poder se organizar, pra gente fazer as reuniões e tal, automaticamente isso aí foi entrando a política, a política foi entrando assim, porque a gente participava de algumas reuniões ali e tal, e aí começaram a colocar aquela importância na nossa cabeça de "não, olha, é importante vocês estarem dentro da política, se organizar, fazer dessa forma" e a gente começou a receber ajuda de tudo quanto era tipo, do movimento negro unificado, e tal, tudo mais, e mesmo assim a gente foi criando, dando nossos próprios passos, ali né, aí a partir disso depois que a gente conseguiu criar o movimento, a gente conseguiu lá fazer um registro da organização cultural Movimento Hip Hop, conseguimos correr atrás do registro, conseguimos registro, CNPJ, tudo direitinho e aí eu sei que a gente começou a se encaixar também nessa questão muito mais politizada, a gente fez parte dessa questão política assim, nessas caminhadas, e tanto da gente correr, correr dali e tal surgiu a primeira oportunidade assim, que a gente teve, de tantas coisas que a gente tava tentando angariar e não conseguia, que uma da principal era conseguir uma sede pro Movimento Hip Hop, "a gente tem que ter uma sede nossa e fazer e tal" e a gente viu que tava

muito difícil de se conseguir, aí quando surgiu as eleições pra governador, agora eu não vou lembrar muito assim a época que foi exatamente isso, que era até do governo Olívio aqui, e aí a gente fez uma proposta de que o movimento hip hop em si, de Porto Alegre, a cena de Porto Alegre, apoiaria a candidatura dele se em troca eles nos dessem um programa de televisão, aí a gente já tava alçando uma coisa um pouquinho mais além, mas tava todo mundo assim “será que vai ter mesmo? Será que vamos conseguir?” e “Não, acho que a gente consegue, espaço na TV Cultura ali e tal”, sei que a gente foi, apoiou a candidatura ali e tal, foi quando ele ganhou realmente e a primeira, uma das primeiras coisas que ele cumpriu foi com nós, compromissos com o Movimento Hip Hop e nos deu espaço lá na TVE, onde a gente entrou pra fazer o programa “Hip Hop Sul”, então e aí, a partir daí começou cada vez mais a questão profissional da questão da música, de querer cada um cantar, gravar seu CD mesmo, e nós ali na frente da TV querendo se profissionalizar também naquela parte de televisão, de apresentação e tal, e eu fui fazendo também parte daquilo ali, parte de mim, e aí todo mundo entrou muito cru assim, frio assim, ninguém entendia nada de televisão, mas de palco, de rua, a gente entendia muito bem, de fazer um evento, de ser apresentador, apresenta, chama grupo e tal, então a gente fazia na verdade um verdadeiro palco ali, aquela vitrine que era a TV, colocava alguns grupos pra cantar e aí tinha o cara que apresentava, que era o Gera, era a linha de frente ali, o Rafael também, aí eu acabei ficando ali com um quadro, que apresentava as novidades e tal do hip hop, que eram os CDs que tinham sido lançados e tal, e aí a gente foi indo, foi trabalhando, foi trabalhando e a partir do momento ali que a gente começou a buscar mais profissionalização ali dentro da Cultura ali, foi onde eu fiz o curso de radialista, fui lá me interessei pelo curso de radialista, pra poder ter esse registro de radialista, apresentador de TV, rádio e aí logo depois que eu terminei o curso, terminei o curso e saí a gente já tinha passado os 4 anos de TV já, já tava indo pro quinto ano, porque daí já tinha terminado o mandato já e a gente tinha mais um ano a seguir ainda, tava indo pra 5 anos de TV já, aí logo que eu terminei meu curso de radialista eu vi que eu despertei muito mais interesse pra estar na frente dum rádio do que pra na frente da TV, que era o que eu já tava quatro anos ali, peguei muito mais gosto pelo rádio do que pela TV, então eu não via a hora de sair dali da TV e arranjar um programa de rádio pra mim, alguma rádio, alguma coisa assim, pra poder se destacar, e aí foi quando um amigo meu arrendou a rádio Metro, a Metro FM ali, e ele acabou me convidando, perguntando se eu não queria fazer um programa de hip hop lá, ali dentro da rádio, foi aonde eu comentei com os meninos, falei “ó, fui convidado pra fazer um programa de rádio e tal, acho que vai ser mais a minha cara, então to deixando vocês aqui”, foi aonde eu saí da TV e fui direto pra rádio, que aí foi o programa Reação Black, na rádio Metro FM, e aí pra isso eu convidei um outro amigo meu, que era o Nego Di, o Eder, aí quando vê, aí a partir dali do programa Reação Black a gente durou um ano mais ou menos o programa no ar, aí a rádio pegou, a RBS comprou a Metro, aí eles estavam mais interessados no samba e no pagode, aí o samba e o pagode foi e aí o meu programa foi um dos que, o do hip hop foi o único que não foi pra RBS, aí eu fiquei de fora, aí foi quando eu me juntei com o MM aí, a gente fez a nossa rádio comunitária ali no Sarandi, o MM já tinha as caminhadas das rádios comunitárias, comecei a trabalhar com ele na rádio comunitária...

(Dulce) Chamava Sarandi mesmo né?

(FSF) Isso, FM Sarandi, aí logo depois nós fundamos a rádio Reação FM, começou na casa dele, isso aí te contando assim por cima né... O grupo ele teve várias fases, o grupo Ss do Rap, até ele chegar depois no nome mesmo que nós criamos que foi Família Ss, Família Ss, aí eu sei que o nosso primeiro trabalho gravado mesmo foi lá em 97 mesmo, porque a gente se destacou muito rápido assim na cena do rap, 97 a gente gravou o primeiro que era o “Tri legal do rap”, que era pela gravadora Raízes, aonde tava o Ss do Rap, o Big Boys e também o grupo Dependentes, então foi nossa primeira gravação profissional assim, de áudio mesmo, a gente tem de discografia foi esse esse, depois dali o grupo teve vários integrantes que entraram e saíram, MM, DJ, foi um dos primeiros a ir junto comigo, Francisco, aí depois foi um dos primeiros DJs logo depois do Funnk do Vida que nos levou pra festas assim, tocando, ele sempre tocou em bailes e tal, então DJ era uma coisa que no grupo trocava direto, até perdi as contas de quantos DJs nós tivemos no grupo assim, mas a ideologia do nosso grupo foi sempre essa assim, da gente ter consciência de que a gente precisava fazer o nosso próprio crescimento, mas fazer também o movimento hip hop que tava ao nosso redor crescer junto ali, uma coisa foi levando a outra, se não existisse o movimento hip hop aqui gaúcho não tem porque o nosso rap também existir, a gente sempre trabalhou muito isso, a gente via conforme o movimento andava, tu não pode querer, antes tinha essa uma coisa que regra assim “não adianta tu querer só no palco”, subir no palco só pra cantar, tu tem que ter a questão social, na tua comunidade lá, pensar em alguma coisa lá na comunidade, fazer alguma coisa pela comunidade, então isso sempre ficou muito dentro de nós assim, então sempre que a gente fazia um show, fazia alguma coisa, a gente sempre tentava voltar de alguma forma pra comunidade, ou fazer uma festa beneficente, arrecadando alimentos, arrecadando agasalhos e devolvia isso pra comunidade ou chamava pessoas da comunidade pra participar do evento, sempre dessa forma assim...

(Dulce) E daí foi uma fase que o rap ficou bem popular assim em Porto Alegre, né?

(FSF) Bem popular, na verdade a gente conseguiu popularizar na verdade a TVE, porque a TVE ninguém assistia, a TV Cultura ninguém assistia, então através do Hip Hop Sul lá dentro da TV a gente popularizou dentro das comunidades a TVE, porque quando o pessoal via nas comunidades um carro da TVE chegando, eles já saíam correndo atrás do carro, “Hip Hop Sul”, e não era, era só o jornalismo, que tava lá dentro da comunidade, mas pra ver como foi importante assim pro movimento, e foi uma época que, eu podia dizer, foi um curto período de tempo que saí daquela questão que eu via aquele palco lá na minha comunidade e resolvi trocar por rap, então essa era uma época que aqui dentro de Porto Alegre a cada semana surgia uma gangue diferente em um bairro, numa esquina, era uma ganguezinha se degladiando nas festinhas, nos lugares, na rua e tal, eu puder perceber a real mudança, depois que entrou o programa no ar eu consegui ver essa mudança dentro das comunidades, dentro das comunidades que eu ia, ao invés de gangues surgindo, surgiam grupos de rap, eu tava vendo assim nascer, a cada semana surgia um grupo de rap novo, com um nome novo e tal, eu pensei “pô, legal, tem uma realidade que tá mudando aí e tal”, então eu pude perceber essa mudança assim, essa mudança foi aonde o movimento deu aquela crescida assim no geral, não só aqui em Porto Alegre, deu pra ver assim o quanto a gente era assistido no interior do estado, Rio Grande, Pelotas, que sempre foram muito forte lá também o movimento lá, várias vezes a gente conseguiu ir com o movimento pra lá, Tapes também, foi muito, uma geração que cresceu assim com um, com uma ideologia assim muito boa com essa questão do hip hop...

(Dulce) A gente pode falar em gerações do rap?

(FSF) Gerações do rap, claro que sim...

(Dulce) Aqui em Porto Alegre?

(FSF) Claro que sim, pode sim, surgiu na mesma época que lá em São Paulo, na década de 80, que na verdade muita gente assim, o de São Paulo foi mais divulgado, mas na verdade eu tenho essa consciência assim de que na verdade na década de 80 o hip hop surgiu,

mas ele surgiu em tudo que é lugar ao mesmo tempo, em todos os lugares ao mesmo tempo e tinha uma raiz, só que é lógico que com mais força, com mais atividade mesmo foi em São Paulo né, onde a galera sempre fala que é o berço do hip hop, mas com certeza na mesma época tava surgindo, tinha alguém aqui cantando, tinha alguém dançando já aqui também na mesma época que tava acontecendo lá em São Paulo e em qualquer parte do Brasil, sabe... Então aqui teve ícones, eu já cheguei a conhecer, que é o Bira Power, o próprio Neso, o pessoal que era do Pega dos Balecas, eu mesmo cresci assim dançando as músicas assim, que era do J Clipe, grupos que eram mesmo assim antigos sabe... Até consegui pegar ainda nessa fase que eu tava transitando pra essa questão de rap, consegui pegar os últimos bailes que tiveram do grupo Jaramusisom aqui, que quem é mais antigo que eu consegue contar uma história bem mais assim sabe... do que que eram as festas blacks, como surgiram, como é que eram os negócios assim, eu peguei a finaleira, quando já tavam terminando assim, eu consegui ainda ir, num prazo de 1, 2 anos assim eu consegui curtir algumas festas, e depois se terminou, aí eu consegui pegar o gostinho ainda né...

(Dulce) Tu tem quantos anos?

(FSF) Eu tenho 40.

(Dulce) Te perguntei porque tu disse que pegou o finalzinho do black, então eu queria uma contextualização. Tu teve desde sempre uma relação forte com esses meios de comunicação, rádio e TV?

(FSF) Isso.

(Dulce) E agora tu tá indo meio que total pra TV, como é que é isso? Como é que é essa transformação?

(FSF) Totalmente, bom, na verdade assim pra mim eu como, depois que eu participei do programa Hip Hop Sul, depois tive essa oportunidade de trabalhar com rádio até como eu to trabalhando hoje né, eu tipo assim, eu já tinha mais ou menos assim me excluído dessa parte de televisão, falei assim “televisão pra mim já não é mais”, tanto é que o curso de Jornalismo que era pra mim tá fazendo a faculdade de Jornalismo, eu desisti do Jornalismo, fui pro Serviço Social, acabei me encontrando mais, até por questões de perspectivas assim sabe, fiquei pensando assim “pô, eu já trabalho nessa área, já faço radialismo, então pra que eu vou enfrentar uma faculdade? 4 anos na faculdade, só pra pegar um canudo e lá na frente quando eu terminar a faculdade eu não tenho um norte assim, aonde é que eu vou trabalhar?” conheço o pessoal aí dentro da mídia, conheci até o próprio Manoel Soares, que tava dentro da RBS ali também, é um dos nossos amigos, que iniciou com a gente lá no programa Hip Hop Sul também, foi escola pra muita gente, então eu não conseguia mais me imaginar, TV já não me desperta mais assim o interesse de tá dentro do Jornalismo, e aí peguei e continuei assim como to agora fazendo aí faculdade de Serviço Social e aí agora por último surgiu essa oportunidade da gente retornar agora pra TV e retornar fazendo aquilo que a gente gosta, trabalhando a questão das rimas, trabalhando a questão do rap, junto às escolas, as escolas municipais, que é o projeto da Batalha do Conhecimento, então esse foi um projeto pra TV, foi bem direcionado pra TV, junto às escolas assim, que eu tive o maior prazer de participar, participei querendo mesmo fazer, porque eu vi que a gente ia conseguir de alguma forma mudar, porque o hip hop sempre teve muito presente dentro das escolas, a gente sempre pensou “o hip hop tem que tá”, “a música tem que tá lá dentro da escola”, mas a gente fazia de que forma? A gente levava pra lá o MC, levava pra lá o DJ, levava o grafiteiro, levava ali o B-Boy, o cara que dança, a gente entrava pra dentro da escola virava quase que uma apresentação, tipo tá toda a escola ali no saguão, via nossa apresentação, a gente dava algumas oficinas ali e tal, mas aí a gente... não tinha uma continuidade, quem gostava ali no primeiro momento que visse, poderia até seguir, mas de repente quem não se interessava muito dava aquela dispersão, não chegava a segurar, já com a Batalha do Conhecimento o que deu diferença foi que o, os próprios alunos viraram protagonistas de suas próprias poesias, suas próprias histórias, eles contando, é eles falando sobre a própria escola deles, que é não deprender a escola, respeitar o professor, respeitar os colegas, sabe então isso a gente viu isso mudar, através dele, poxa Batalha do Conhecimento, acho que esse é o papel, esse é o canal de fazer com que a escola se torne realmente mais atrativa, porque a gente conseguiu ver ali uma integração entre alunos e professores, e todo mundo se ajudando, com aquela questão ali de querer fazer com que os alunos participassem e tal, e foi onde a gente conseguiu enxergar assim “pô, é exatamente isso”, em uma das oportunidades que fui até uma escola explicar eu até falei pra eles “olha, na época que eu estudava, eu acho que não deve estar diferente agora também, sempre que eu entrava pra dentro da sala de aula e olhava pela janela eu me sentia muito mais atraído pelas coisas que tavam na rua, do que o que tava acontecendo ali dentro de sala de aula”, então sempre foi muito presente isso pra mim, e eu acho que as questões de evasões que já tinham na minha época e as que tem agora também não muda, são esse tipo de coisa, porque qual é a professora que vai gostar de repente ela tá dando a aula lá e tá o menino no fundo da sala de aula lá batendo, fazendo batidinha, cantando, não é o teu momento, mas aí se tiver a oportunidade da professora dizer “não, olha, teu momento não é agora, mas logo mais ali tu vai ter um momento pra fazer isso” já é um caminho, do que simplesmente dizer “não faz, não quero, aqui dentro da sala não, já vai pra sala da direção” e ta, essa coisa toda então muda essa questão, a gente consegue fazer essa transformação dentro da escola, então isso foi prazeroso pra mim, sabe, trabalhar essa questão aí dentro, e já do rap e junto com a TV, pra mim foi muito prazeroso, a gente fez com muito prazer, a gente a primeira temporada junto com o Manoel Soares e logo depois que ele foi contratado pra Globo ele subiu, e aí nós fomos convidados pela RBS pra fazer a segunda temporada só eu e o Beltrano, que é o que tava ali comigo junto no júri, e aí nós topamos, abraçamos, fizemos, foi maior sucesso, porque a gente conseguiu movimentar o canal virtual deles, que é o G1, não foi só diretamente com a TV então a meninada que tava dentro da escola eles tinha que mandar um vídeo pela internet, pelo G1 e através dali a gente fazia uma seleção e aí depois que foi cada um selecionado aí ia pra televisão pra uma enquete pra galera poder votar em quem era o melhor, isso aí rodou o Rio Grande do Sul todo, a batalha conseguiu pegar uma amplitude muito grande e foi um sucesso enorme assim, essa segunda temporada da Batalha...

(Dulce) E como tu via essa relação assim da moçada que fazia o próprio vídeo, subia o próprio vídeo, é muito diferente da segunda geração dos 90...

(FSF) Aham, eu vi, e assim, muita gente encontrou muita dificuldade em fazer isso, porque tem muito menino de escola pública, que não tinha o acesso do computador ali, não sabia como enviar, não sabia como mandar, ainda mais pelo canal do G1 que era um pouco mais complicado, tu tinha que ir lá, entrar, tem que fazer o teu cadastro, tem que não sei o que, gerou assim uma expectativa da galera querendo participar, mas só que muito, eu confesso que assim muitos queriam participar mas não participaram porque não conseguiram enviar o vídeo deles a tempo, porque às vezes a molecada tá com o smartphone na mão e tudo mais mas ali, mas não sabe realmente utilizar a ferramenta pra fazer esse tipo de coisa, não foi um tempo assim hábil pra ensinar, aprender, nós mesmo assim, dentro dessa divulgação da Batalha a gente criou isso, através da TV assim, ensinando pra eles como é que faz, como faz o cadastro, como que faz pra enviar o vídeo, quantos mega tem que ser, e aí conseguimos criar aqui no Mário Quintana uma organização do pessoal aqui que tem o projeto Mídia de Vila, que eles fazem um jornal virtual e tal, através de vídeos, conseguimos fazer uma parceria com eles, pra

eles pegarem as cinco escolas que tem aqui da região e eles mesmos marcaram dentro da escola um certo dia, determinado dia, pra ver quem tinha interesse de mandar o vídeo e eles iam lá, gravavam os vídeos e eles mesmo enviavam direto lá pra nós, isso aconteceu e deu bastante certo, então foi ótimo assim, foi bem legal, eu consegui ver essa diferença mesmo assim foi que o pessoal se interessou e quem conseguiu mandar, mandou, mas ainda é, tem esse déficit, essa questão da comunidade pobre, às vezes o pessoal não tem nem um computador e tal, entra essa dificuldade ainda de poder tá um pouco mais avante assim, essa geração poder mandar, mas eu acredito assim, que se vier a próxima, essas outras aí, a galera já vai tá mais antenada, mais ligada...

(Dulce) Não tem planejamento, não tem em vista uma terceira temporada?

(FSF) Até tinha, mas com essas questões aí de greve escolar, mau pagamento dos professores e tal, paralisações e tal a gente não conseguiu fazer agora que era nesse período que a gente ia fazer de outubro pra cá, até o final do ano, a gente também teve que parar também, setembro também porque entrou o Desafio Farrroupilha no nosso espaço ali, que era todos os sábados, então a gente teve que dar uma pausa, porque tava mais ou menos programado pra gente fazer uma terceira temporada, aí no fim, parou essa dificuldade aí a gente não colocou, acabou não fazendo...

(Dulce) A iniciativa é de vocês ou é da RBS?

(FSF) A iniciativa é nossa.

(Dulce) E é um projeto que vocês têm em conjunto?

(FSF) Isso, em conjunto com a RBS, Batalha do Conhecimento

(Dulce) E nesse sentido, tu acha que altera ou não a relação, a circulação do rap nesses lugares, nesses polos, que a forma de fazer muda, a moçada tem gente que não conhecia e acaba conhecendo o rap, tu acha?

(FSF) Sim, com certeza, com certeza, porque muitas pessoas até hoje, olha há quanto tempo eu trabalho com hip hop aqui dentro de Porto Alegre, aí eu tava semana passada no teatro com meu amigo e ele falou “bá, meu, que legal esse negócio de vocês na televisão aí cara, tu vê como muda, eu tava numa lotação e tinha umas duas tiazinhas na minha frente conversando: ‘bá, tu viu que agora tem uns moreninho agora na RBS, na TV e tal, que bom que veio pra cá agora esse negócio de hip hop e tal’ e daí ele pegou e pensou ‘bá, agora’, aí ele cutucou ‘ô minha senhora, só pra dizer que isso aí é uma coisa que me interessa, eu até faço parte também, mas hip hop não veio agora não, já tá aqui faz tempo, só porque a recém foi mostrado na mídia que todo mundo acha que a recém vai acontecer o hip hop aqui, mas já faz anos já que acontece”, essa é a perspectiva, então eu acho que muda sim, acaba conhecendo muito mais, porque a mídia abriu espaço...

(Dulce) E tu, particularmente, teve uma boa experiência?

(FSF) Tive, particularmente sim, pra mim foi ótimo, então, na verdade, eu revivi os meus momentos de Hip Hop Sul, acabou aflorando de novo aquela questão, então pra mim foi ótimo assim, aquela experiência de gente poder fazer o hip hop televisionado, como a gente já fazia antes, só que agora com uma amplitude um pouco maior, então foi muito boa pra mim, foi ótima, foi gratificante, questão de experiência e coisas que a gente não fazia, na TVE, a gente pode fazer nesse primeiro momento agora, que foi as entradas ao vivo no ar então isso nos trouxe assim um pouquinho mais de experiência, também conhecimento, o acolhimento lá da RBS também foi muito importante pra nós, que nos acolheram bem, tiveram momento assim pra tentar nos preparar pra questão assim, a gente teve uma semana de reuniões lá com pessoas muito importantes um dos primeiros a sentar com a gente e ficar conversando mais de uma hora conversando foi o Elói, do jornal, do telejornal da noite, o Elói então foi um dos que sentou e ficou mais de uma hora comigo e com o Fulano B conversando, sobre quanto tempo ele tá na RBS, como é que é a experiência, que dá pra ser feito ali dentro, que que não dá, falou da nossa própria importância de tá ali dentro ali, porque essa questão comunidade quem fazia mais era o Manoel, então a gente ali dentro era os representantes da comunidade, que a própria RBS não tinha e tal, que sempre teve uma questão assim de visão muito elitista, da elite assim, e não consegue contemplar essa imensidão que é as comunidades, a periferia, então a gente é só uma pequena parte ali dentro que pra eles era muito importante, então eles nos abriu também a mente pra essa questão e tal, e a gente começou a partir daí a pensar mais “bá isso aí é uma verdade mesmo”, talvez era um pensamento que a gente não tinha do tamanho que era a gente poder se ver ali...

(Dulce) Por que que não tinha?

(FSF) Acho que por falta de representatividade, Manoel ali dentro pra mim, era pra mim ali, dentro do Jornal do Almoço era o único que me representava realmente, por questões de cor, gênero, tu quer se ver uma comunidade, tu quer se ver um preto ali e ele era o único que tava ali, praticamente todos os dias ali na TV e ele com quem eu disse “não, ali ele me representa, ali eu consigo me sentir representado”, dá pra gente ver que é pouca, a parcela é pequena, mas a gente consegue, pelo menos a gente tem espaço, acho que a gente fica sempre nessa questão de migalha assim “não, é só ele que tá ali, se contenta, porque né, não adianta, não vai ter mais, antes tá ele do que ninguém”

(Dulce) Mas tu acha que então que essa tua representação na forma e desses meninos que participaram, é uma migalha importante?

(FSF) Acho, achei demais, demais, demais...

(Dulce) Uma geração que tá vendo isso acontecer né...

(FSF) É verdade, é verdade, e que bom, é uma coisa que eu sempre lutei, continuo lutando até hoje, que bom que eles possam ter ali pessoas que são realmente legítimas dessa cultura ali fazendo o que é pra fazer ali e representar eles na linha de frente.

Transcrição 6. **MB**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (21 min.). Porto Alegre, RS, 15 de outubro de 2017.

Entrevista com **MB**, hoje é 15 de outubro de 2017, a gente tá na batalha do Mercado, eliminatória pré-nacional.

(Dulce) Bom, a primeira pergunta que eu te faço, **MB**, é assim, queria que tu te apresentasse, um pouquinho, rapidamente assim, a tua trajetória, a tua relação com o rap aqui na região de porto alegre:

(**MB**) Bom, eu sou “Fulano”, dentro do hip hop meu apelido é **MB**, faço parte da cultura hip hop há trinta anos já, apesar da cultura ter 44, sempre trabalhei e trabalho até hoje com o hip hop como uma forma de movimento social, de inclusão e isso, eu me encaixei do hip hop por causa disso, porque através da música, da arte, tudo mais a gente consegue chamar atenção do pessoal e incluir elas dentro disso. E nossa, já morei em São Paulo, onde eu gravei um CD com um grupo de lá, chamado AEF, depois voltei pro Rio Grande do Sul, por achar que eu poderia ser mais útil pro hip hop aqui no Rio Grande do Sul do que em São Paulo. O meu apelido **MB** é uma abreviação de Fulano Brown que era o meu apelido quando comecei e quando fui pra São Paulo passou a ser MB, gravei um CD lá com várias participações, fiz várias amizades e hoje eu trabalho dentro do hip hop, vivo o hip hop e tenho a oportunidade de poder levar o hip hop pra tv aberta e algumas outras propostas aí que a gente tá sempre trabalhando e movimentando, além de sempre através do hip hop criar algumas associações. Eu criei uma associação em Gravataí, chamada Associação Labirinto e aqui, em parceria com pessoal aqui da Zona Sul, com a minha esposa, nós criamos o Coletivo Zona Sul, que também usa o hip hop como base, mas faz vários trabalhos sociais assim...

(Dulce) É, pra além do hip hop e do rap como música, como gênero de música, vocês fazem lá, no Coletivo Zona Sul, outras atividades, de que tipo?

(**MB**) Nós fazemos atividades sociais, de arrecadar alimentos, de distribuir alimentos, nós fazemos a cada dois meses uma festa de debutantes totalmente gratuita pra debutante, elas enviam cartas pro face e a gente avalia ali as cartas, vê as que de repente são merecedoras e partimos pra fazer uma visita in loco pra ver se realmente a situação é real, se ela não tem condições de fazer a festa e aí nós conseguimos através de doações. Então, o salão é doado, os salgadinhos são doados, buffet é doado, refrigerantes são doados, toda festa é de doação, de pessoas parceiras que acreditam nessa proposta né e realizam. Nós temos algumas regras, que são básicas, tipo não pode passar de 100 convidados, a festa vai no máximo até a uma hora da manhã, nós sempre tentamos fazer na quinta ou na sexta, e a menina tem que ser merecedora, tem que tá estudando, realmente tem que ser aquela menina que quer realmente um futuro, que realmente infelizmente ela não teve a possibilidade de ter uma festa e aí a gente tem essa possibilidade de poder fazer isso.

(Dulce) E relacionado ao rap, o que que vocês conseguem realizar lá, ou não lá em outro lugar que seja com a tua participação?

(**MB**) Lá nós fazemos as batalhas de rima, nós fazemos lá, nós fazemos os saraus que também é no mesmo espaço, e os saraus são totalmente relacionados ao rap, são várias letras de rap, a gurizada que escreveu letra de rap, que não transformou em música, e aí ele vai nesse sarau e pode expor as músicas deles, as batalhas que a gente sempre faz uma vez por mês, que a gurizada vem em peso pro lance das batalhas, que é rap puro assim, muito legal de poder ver o rap sendo feito ali na nossa frente, da forma que ele é feito, que a gente não tem, que a gente preza por não colocar grandes estruturas e tal, exatamente pra que seja um rap mais puro, mais cru como a gente diz assim...

(Dulce) Em relação a isso das estruturas, tu tem trinta anos de rap né? Tu tem quantos anos hoje?

(**MB**) 46

(Dulce) Nesses trinta anos de rap, tu viu alguma diferença em relação a essas estruturas que são organizadas pra uma festa, ou até mesmo na hora de fazer uma gravação ou na hora de fazer um vídeo? Que que mudou nesses trinta anos? Que que tu consegue observar?

(**MB**) É inevitável de perceber um investimento maior dentro do rap né, quando a gente começou ainda era a época do vinil, fita K7 e tal né, depois veio o CD, mas isso acabou gerando shows, e a medida que a tecnologia também foi chegando as coisas foram ficando mais confortáveis pro rap, vamos dizer assim. Então, a gente cantava, a gente erguia as mãos pro céu, a gente tem uma gíria que eu sempre digo pros caras, que quando a gente começou a gente cantava com o microfone da Xuxa que era um daqueles de plástico, que ia se esfurelando na mão. E hoje não, hoje a gente canta com microfone de lapela, com mesmo, com qualidade superior, os estúdios hoje investem muito mais pra se ter uma gravação de rap, tanto que naquele tempo era difícil se ter os estúdios pra gravação propriamente ditos, o cara que tinha um estúdio de gravação, cobravam um valor exorbitante a hora, a gurizada trabalhava pra pagar, hoje tu tem estúdios muito mais técnicos, tecnológicos, com uma qualidade muito melhor e um valor mais acessível, mas a qualidade muito melhor, há um investimento muito maior hoje em dia no rap, naquele tempo tu lançava a música, hoje em dia se tu vai lançar, tu vai lançar a música, um web vídeo, um videoclipe, já lança ela nas mídias sociais, já faz um trabalho muito maior de divulgação dela, naquele nosso início era bem mais complicado de se fazer, com certeza.

(Dulce) E além desse lado que é mais profissional assim do rap, tem também o lado pouco mais artesanal, de quem faz as coisas não talvez em estúdio. Como é que tu vê isso aí e nessas novas, nessa nova geração de rap?

(**MB**) A nova geração ela tá mais autodidata e eu acho isso muito bom, acho muito bom, pelo seguinte, porque o rap passa pela fase das grandes gravadoras, das grandes gravadoras querendo os artistas de rap e eu acho muito legal quando eu vejo a gurizada, como eu disse antes, autodidata, fazendo. Eles pegam aquele computador antigo, com uns gigas de memória razoável, digamos assim, e partindo pra cima mesmo, baixa o programa na internet mesmo, as vezes eles vão na lan house pra conseguir baixar o programa, colocar num pen drive e levar pra casa, instalar e começar a mexer no programa, eles têm vídeo aula, baixam vídeo aula de youtube e eu acho que isso é a modernização do que já acontecia antes, é a mesma situação só que com a tecnologia a favor né, que no começo a gurizada que dançava, por exemplo, chegava em casa e ia treinar, treinava num chão de concreto, sem nenhuma informação, chegava em casa cheio de hematoma, machucado e arranhão e tal, depois com a informação eles descobriram, coloca o papelão de geladeira, tu pode dançar e não vai te machucar, é a mesma coisa que acontece, que eu vejo assim acontecer hoje, sabe assim, a gurizada, eles tem a vontade e não tinham a informação, só que com a internet eles conseguem a informação, então eles sabem se eu pegar o programa tal, eu vou baixar o programa e vou começar a fazer em casa, e a gurizada hoje ela tem esse acesso e isso facilita muito no seguinte, eles vão pra escola, voltam da escola e passam o resto do dia em cima daquilo até aprender, e isso acaba se tornando uma geração de renda também, porque eles sabem eu pego isso aqui, um microfone, uma placa de áudio, um fone de ouvido, pronto, eu tenho um home estúdio, um estúdio básico que posso gravar e a qualidade disso vai ser através do meu conhecimento, a gurizada consegue gerar renda através disso, geralmente os grandes estúdios cobram por hora, a gurizada cobra por música, então fica mais fácil, os grandes estúdios

não são tão maleáveis assim, já quando é na quebrada, a gurizada da vila, sempre é maleável, a gurizada sabe qual é do sofrimento então eles acabam valorizando mais essa correria, acho muito importante isso aí...

(Dulce) Rola muita troca assim, por exemplo eu faço um beat e outro edita a pista?

(MB) Rola direto, é o que mais acontece com a gurizada, às vezes o cara tem uma letra, uma ideia de uma letra, “ba eu queria botar uma base nessa letra”, “ba tem o fulano lá da Restinga que tem, que faz umas bases, uns beats muito bom”, entra em contato com ele, entro em contato com o ele, o cara: “ta, vem aqui então, a gente grava aqui”. A gurizada tem muito disso assim, porque rola uma coisa que é muito importante dentro do hip hop que é a palavra, a palavra é muito importante, então se eu disser pra ti “não, bota a voz aqui, bota a voz aqui no beat que eu vou fazer”, sabe, aí tu vai lá bota a voz, amanhã ou depois quando tu tiver outra música, vai voltar em mim “ô negão, fiz outra música, eu queria outro beat, agora eu tenho como pagar, pode ser?”, “vamo fazer”, rola muito essa troca de programas, eu mesmo tenho dois, três programas que eu tenho pra gravar em casa que foi um amigo meu que “não ô meu, eu acho que tenho um programa pra ti gravar, acho que vai ser uma boa”, vai lá, eu tenho um microfone hoje em dia, que é um microfone melhorzinho que um amigo meu disse “ô fulano lá tem um microfone, quer se desfazer do microfone, ele arrumou outro melhor, quem sabe tu entra em contato com ele?”, sempre rola essa troca dentro, eu acho que é importante isso, é importante porque a gente tá sempre num, não digo num, é um círculo de amizade, de contatos, da gurizada que se conhece, que há muito tempo ou há pouco tempo, acho que é muito legal também de falar isso, essa integração que rola entre o pessoal da chamada velha escola e o pessoal da chamada nova escola, tem uma gurizada que tem uma integração e que tem um respeito, acho que isso é legal...

(Dulce) Tu comentou uma coisa que é importante, o hip hop tem 44 anos, aqui tu tá há 30, em Porto Alegre circulando, tu consegue ver se antes de tu começar tinha já uma geração fazendo rap e como é que, se pode falar em gerações?

(MB) Sim, sim, já tinha uma geração anterior a minha, que já fazia a dança, que era o mais forte assim, não se tinha tanto a coisa do cantar música, mas já se tinha a cena das festas blacks, já se tinha uma cena dos grupos de dança, inclusive a gente tá próximo aqui a um local onde a gurizada se reunia pra dançar. Nós estamos aqui no Mercado Público, o pessoal se reunia na Esquina Democrática, onde já tinha os chamados caminhões de som assim, que se tinha, onde rolava o racha, que a gente chamava o frente a frente, então na verdade eram os caminhões mesmo, com uns paredões assim, uns caminhão com um paredão, tipo na direita, um caminhão com um paredão, vou dar um exemplo, “Geramusison” em frente a ele outro caminhão com equipamento montado “Mirage in concert” aí eles começavam a disputar quem tocava as músicas mais atuais, que fazia mais viradas de DJs, quem tinha mais animação, qual que mexia mais com o pessoal, nesse meio tempo entre os dois caminhões se juntava a gurizada que dançava, o break, o charme, todo tipo de dança se encontrava nesse espaço, então eu sou um fruto disso, como vários da minha geração são frutos desse pessoal, eles que começaram tudo lá em 85, 84 por aí já rolava isso, pessoal da antiga, eu me lembro que tinha “Hackers Crew”, “Somente para seus olhos”, era um pessoal que dançava também, inclusive esse pessoal tu ainda encontra por aí, são aqueles que vem hoje em um encontro como esse da gurizada e fica assistindo, vendo o que pra eles é um orgulho, ver essa evolução e tal, então eu sou fruto daquela geração e hoje eu venho aqui e vejo uma gurizada que é fruto de uma geração que veio depois da minha, sabe, eu acho isso muito legal e o mais legal é essa interação entre todos, eu gosto de dizer isso, tem uma gurizada da nova escola que eles querem saber como que começou isso, quem que começou a fazer isso, quem foi que começou a fazer esses encontros de danças, quem que começou a fazer esse lance, então é, é muito legal ver isso acontecer, e sim tem uma geração bem anterior a minha assim...

(Dulce) Não dá pra dizer quantas gerações a gente tá falando, mas...

(MB) Eu acredito que umas duas gerações antes da minha assim que era um pessoal que se encontrava no Sindicato dos Metalúrgicos em Porto Alegre, lá na Assis Brasil, um pessoal que se encontrava lá na Restinga, no SECORES onde tinha umas festas, um pessoal que se encontrava na Zona Norte ali, que se encontrava em Gravataí no Estúdio 59, umas duas gerações antes da minha sim...

(Dulce) E tu teve uma oportunidade agora de acompanhar um pouquinho dessa nova geração a partir desse projeto das escolas que foi um projeto que veio já do Manoel, com o você e o Fábio, com os três, que foi a Batalha do Conhecimento com a RBS, queria que tu comentasse um pouquinho como é que foi pra ti essa experiência e, depois, o que que tu observou nessa gurizada que vem fazendo um rap diferente, um rap digamos aí que tá relacionado mais ao conhecimento?

(MB) É, na verdade assim, a Batalha do Conhecimento foi legal pelo fato de que eu já conhecia o Manoel e o Fábio por causa das atividades enfim, a gente sempre conversou sobre várias coisas, mesmo o Manoel quando tava lá dentro da RBS, sempre tentava levar alguma coisa, aqui mesmo onde a gente tá hoje, a gente fez um lance do pessoal do hip hop contra violência, fizemos uma espécie de uma marcha, então a gente sempre costurava alguma coisa e aí ele me chamou um dia pra nós tomar um café e conversar, porque ele queria colocar alguma coisa de hip hop dentro da RBS, ele não sabia como, mas ele queria alguma coisa que ligasse o hip hop com a escola, porque a gente sempre teve essa relação com as escolas, através do hip hop, através das oficinas, das oficinas culturais que a gente fazia em escolas, apresentações de hip hop, de dança, de grafite, enfim, o hip hop sempre teve dentro da escola, mas o Manoel queria mostrar isso mais e aí conversando com ele eu disse, sugeri: “olha, tá rolando uma coisa muito legal que são as batalhas de freestyle”, que no caso ia interagir muito bem com a gurizada, “são duas modalidades, pelo que tu tá me falando acho que a que fecha melhor é a de conhecimento, que é onde a gurizada vai puxar algum assunto específico pra fazer a rima e tal”, aí ele disse “ba, essa aí ia ser legal, porque aí a gente poderia botar a escola como o tema da batalha e aí dentro disso a gente pode ir mostrando *n* coisas que acontecem, entre a batalha e a escola”, e aí nós fomos lá pra TV, pra ter uma reunião com o pessoal lá, até então eles não nos conheciam, nem eu nem o Fábio, aí o Manoel foi lá, nos apresentou e tal, nos apresentamos também, aí nós fomos pra primeira temporada. Na primeira temporada, nós optamos por convidar um pessoal que já tivesse algum conhecimento, alguma bagagem, pra TV entender o que era a Batalha do Conhecimento e aí entrar de cabeça na segunda temporada. Fizemos a primeira temporada numa escola, no Rubem Berta, e fizemos a final na Restinga, a final da Restinga, escola lotada, num dia das mães, uma festa de dia das mães, fechou tudo certinho assim, pessoal da tv ficou maravilhado, adorou, aí nós partimos pra segunda temporada. No início da segunda temporada, o Manoel recebeu o chamado, um convite pra trabalhar na Rede Globo, e aí nós ficamos meio receosos de que aí a gente ia ter que acabar com a Batalha, e aí nos chamaram pra uma reunião, nós sentamos lá, conversamos com o pessoal da tv, e desde o início a tv nos deu total liberdade pra fazer a Batalha da forma que nós quiséssemos, sugerir o que nós quiséssemos, e tivemos apoio e suporte pra poder fazer tudo...

(Dulce) Apoio do tipo?

(MB) Apoio geral, na final da primeira batalha, essa que foi na Restinga, nós tínhamos concorrendo, pra final, um mano de Caxias do Sul, um mano de Pelotas, um mano de Santa Cruz do Sul e o outro de Campo Bom, a tv pagou transporte, pro que veio de fora ela pagou estadia, no dia nós tinha uma van com todo suporte, quando chegamos na escola tinha todo suporte também pra gurizada, pra

gurizada poder ficar bem, ficar tranquilo pra fazer o seu rap. Então nós fizemos da forma que nós quisemos a primeira temporada, na segunda essa liberdade continuou, aí nós sugerimos no meio da segunda batalha “a gente quer mostrar além do hip hop que acontece nas escolas” e aí eles perguntaram “como?”, “bom, lá em Gravataí acontece uma oficina de cinema em uma escola, um dos meninos que mandou o vídeo pra Batalha ele faz parte dessa oficina” e ele disse “seria legal mostrar essa oficina”, fomos pra Gravataí, eu recebi pelo Messenger do face um vídeo de um amigo meu fazendo uma oficina de dança com as crianças no fundo da escola, numa laje, ele fazendo break dance e uns quinze, mas o mais velho dos 15 tinha uns 13 anos, e aí eu disse “ba olha só, isso aqui era muito legal de mostrar”, lá em Arroio dos Ratos, vamos lá em Arroio dos Ratos, fomos pra Arroio dos Ratos, filmamos a matéria, pra ver o quanto esse lance acabou movimentando e a gente mesmo não tinha essa consciência, a gente tinha ciência de que estava movimentando, mas não tinha a consciência do quanto estava movimentando. Então, eu marquei com esse menino de Arroio dos Ratos, vamos gravar contigo aí em Arroio dos Ratos uma oficina normal e ele “não, tranquilo, pode vir”, chegamos em Arroio dos Ratos, o pessoal da escola nos levou pro ginásio lotado, cheio, só pra ver a gente gravar a matéria.

Transcrição 7. **MLC**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (50 min.). Porto Alegre, RS, 09 de novembro de 2017.

- Parte 1

(MLC) (...) Com banda entende? eu tenho essa visão, na verdade eu nunca, não é, não gosto é de fazer rap, eu sempre escrevi rima entendeu? Desde sempre, eu sempre rimei, não interessa se é o background, se é de... Claro o rap no sentido contexto geral do hip hop, universo hip hop né, essa é a primeira vez que to num grupo, inserido no contexto geral, a gente tem um dj, a gente tem né a sretch, a gente tem mixagem, a gente tem beat, a gente larga beat, a gente tem dois MCs. Essa é a primeira vez que eu to de fato inserido num grupo de hip hop assim, que se assume grupo de hip hop mas a Filtro, que é uma banda tipo Range Against the Machine, que é uma banda tipo Ultramen, que é uma banda tipo Red Hot, que são bandas que tem muita rima, tem muito rap né, rap com instrumental de funk, rap com instrumental de rock, rap com instrumental de samba né, e a gente, eu como sempre fui o vocalista né, nunca toquei, eu sempre escrevi rima, sempre, sempre, sempre, se não vai ter toda música rimada, o verso vai ser rimado pelo menos, tipo Limp Bizkit, tipo Matsiarro, tipo sei lá, pensando... o rap é muito (...)

- Parte 2

(MLC) O rap deles...

(Dulce) Ultramen?

(MLC) É, Ultramen, pra mim eles são ídolo muito forte de rap, hoje em dia não mais, mas eles focaram muito nisso e esse é um viés que a Filtro percorria, Range Against the Machine que é rima braba, no caso braba no sentido de música de protesto, entendeu? Range e Red Hot as vezes, o Range mais tem todas, o Red Hot nem tanto, mas o nosso foco é esse, pegar os funks, os negócios e botar letra pra incomodar, a gente já foi censurado duas vezes na TVE, tipo a gente tem um monte de história assim...

(Dulce) Num programa?

(MLC) Aham, no Radar

(Dulce) Radar?

(MLC) É, a gente foi censurado uma vez daí eles pediram, não pode né, sabe que não pode, não pode censurar, aí na outra vez a gente foi e eles falaram “você não vão poder cantar isso” e a gente “mas a nossa música é assim”, “não vocês não vão poder tocar”, “então tá, a gente vai ver” e se fez de louco na real, daí a gente cantou certo, porque a gente tava na real de cara com essa posição deles, sabe?

(Dulce) E foi ao ar?

(MLC) Foi ao ar ao vivo, mas depois não subiu essa parte da música. Essa música se chama Índole, da Filtro, e conta o refrão dela é, se chama Índole Renegade, foi em homenagem ao Renan Calheiros, que foi o maior caso brasileiro, e a gente fala na música que a gente quer ver ele morrendo, levando choque na cadeira e afogado na banheira, é uma música, tipo “Eu quero matar o presidente”, do Gabriel, o Pensador agora, tipo “eu quero ver o Calheiro tomar choque na cadeira, não sei o que” e essa música eles censuraram...

(Dulce) Inteira?

(MLC) É, mas na hora, no dia eu falei que eu queria ver o Júnior, o Marchezan, aí eles ficaram mais puto ainda, entendeu?

(Dulce) Inteira, eles censuraram inteira?

(MLC) Depois sim, mas ao vivo saiu né... As pessoas viram ao vivo, mas eles sobem o programa pro ar, subiu sem a última música, a gente tocou duas das nossas músicas de trabalho, A queima roupa, que é a do tiro, uma música legal, Sopros na lua, também tem muito elemento do rap, eu rimo ela toda, só o refrão quase que não, tem muito reggae também... A Filtro é uma bem mais, abrange muito mais, é por isso que eu digo, a Jardins é muito mais englobada nesse universo hip hop e mesmo assim a gente destoa um pouco dos outros tipos de hip hop porque a gente tem muito elemento fora, entendeu? E até o nosso papo acaba fugindo um pouco e isso eu gosto de falar pro Maurício, o Maurício é um cara que quer muito ser um rapper, entendeu? Um rapper de um grupo de rap, também quero, acho muito legal, mas eu não quero que a minha música seja vista só como um rap, eu quero que o cara olhe esse disco e seja atemporal, entendeu? Como é um disco do Ultramen, como é um disco do Big Boys, entendeu? Ai é rap, tem um monte de coisa louca, mas é um disco de rap. Como é um disco do Fudiz, da Lauren Hill, é rap, tem um monte de coisa, um monte galhofa.

- Parte 3

(MLC) Enfim e tem o outro estúdio na Zona Sul, que a gente ensaia também, aí a gente aluga...

(Dulce) De quem que tu aluga?

(MLC) O outro a gente aluga é...

(Dulce) E na tua casa é estúdio, como é que é?

(MLC) É, na minha casa os meus pais, eu não moro mais com eles né, eu moro com a Paulinha, a gente mora junto faz uns 3 anos, 4 anos, o estúdio lá é o seguinte, eles compraram o terreno faz uns 6 anos, 7 anos e começaram devagarinho a montar uma casa no terreno lá, como começou do zero eu pedi “bá, faz um compartimento a mais, sem janela, só isso”, no quarto que seria meu, supostamente eles fizeram um quarto achando que eu fosse morar lá, mas enfim eu fui ficando mais velho, deixa o quarto aí né, faz o que tu quiser, só faz um apêndice e eles fizeram, com uma entradinha da rua, não tem janela, pedi pra botar um ar condicionadinho qualquer ali só pra não morrer, não pode ficar... e aí a gente mandou fazer uma porta de encaixe, grossa assim, e aí tem um vão, a gente encaixa a porta, deu, vira um estúdio, é isso, e aí os equipamentos com o tempo a gente foi adquirindo, tem um amplificador de baixo do Léo, por exemplo que ele comprou, deixa lá, tem o amplificador de guitarra do Rafa, que é o guitarrista da banda, deixa lá, tem agora fiz aniversário agora, depois de muito tempo, eu to há horas já, não tenho muita grana pra ajudar, mas eu to há horas confabulando com meu pai dele poder me ajudar a botar uma caixa de voz, que é o bagulho mais caro que tem de todas as caixas, daí ele me deu agora de aniversário semana passada, foi super legal, a gente ensaiou, deu um up extremo assim, e aí os equipamentos são esses assim, os equipamentos nossos, mas que muitas vezes saciam assim, são coisas que a gente faz show e tem a bateria que o pai do Leonardo, que é o baixista, um dia comprou pra gente, tipo “Tá galera, eu vou comprar, vou ajudar vocês, pra vocês terem a bateria”, porque a gente sempre teve problema de baterista, aí a gente tem batera, o batera tá agora mas a gente sabe que não vai ser uma coisa... não sustenta muito

(Dulce) Assim, eu queria que tu contasse como foi essa decisão de fazer um disco com outros caras que, mais ou menos, tu já me disse mas eu queria gravar agora e mesmo que tu já fizesse rap antes, como tu disse agora mesmo, não é igual o, é diferente...

(MLC) A recepção é diferente...

(Dulce) Até o modo de produzir, tu decidiu fazer uma produção diferente que não seria o rap tão tradicional....

(MLC) É, isso, eu não sei nem se é o rap tradicional, porque o rap tradicional pra mim é essa coisa moderna que tá vindo agora, é muito vídeo, muita produção parecida, muita mixagem de voz parecida, tu não sabe que é o A ou B que tá cantando, e eu tinha um pouco de medo disso, quando eles me convidaram, porque foi assim que eu conheci eles, eu fui fazer um show da Filtro na Serenata Iluminada, lá na Redenção, a gente tava tocando, eu conheci o Maurício, ele gostava das letras da Filtro, sabia que era rap, gostava da vibe, essa coisa, que é uma vibe que eu tenho, que a Filtro e que a Jardins têm, que é essa coisa de protesto, de não querer falar bobagem, elevação, waking, não comer carne.

(Dulce) Tu é vegetariano?

(MLC) É, eu e a Paulinha a gente tá sem comer carne faz um tempo já... E enfim toda essa coisa de ir pra cima, não pra baixo, na escala, essa é uma coisa que eu sempre tive na Filtro, como eu sou vocal, eu falo mais, e o Léo que é o baixista ele também fala bastante, ele é um cara que se dá muito bem com as pessoas então eu na Filtro eu acabo sendo meio carrasco assim, eu só falo coisa odiosa, eu só falo só, eu to o tempo todo no personagem da Filtro, o Léo é o cara que faz o “Oi, e aí, a gente é a Filtro, não sei o que, tudo bem? Bom dia, boa noite, não sei o que”, eu até dou um... mas eu fico mais emburrado até porque é uma coisa que me desperta bastante ali entendeu, é uma parte que eu gosto bastante do rap e do hardcore e do punk, o punk é muito parecido com o rap, o hip hop, que é essa raiva, essa ultra padrãoão, o sistemão clássico, e outra coisa, essa raiva e a gente quer colocar o dedo, cutucar “ô meu, olha o que tu tá fazendo”, tipo “ah deixa cada um na sua”, não, não eu quero cutucar, eu não quero que o bagulho ruim esteja acontecendo do meu lado, que se eu fechar os olhos eu to sendo cúmplice, sabe, eu vou lá cessar, e aí a Filtro tinha muito isso e aí o Maurício foi com o Martin, que é o Dj, ele tinha, o DJ tava na Austrália, que caiu, e aí ele tava voltando, o Maurício falou “eu conheci um cara” eles fizeram um EP juntos, faz bastante tempo, mas um EP, legal pra época, mas comparado com o nosso trabalho agora, super simples né, eles querem que mixaram também, imagina a evolução deles agora e aí ele falou “conheci um cara, que faz umas rimas legal e ele pilhou de fazer umas músicas comigo”, o Maurício falou pro Martin e eu tinha de fato pilhado, tinha feito aquela música “Ocupe”, dito “Maurício, escreve aí, vamo fazer uma música, vamo gravar junto” que ele tem os equipamentos, o Maurício, é um cara que tem uma família com mais estrutura assim, ele tem um microfone condensador, tem placa de áudio, tem um material, parafernália pra gravar, que é um bagulho que é um investimento que tem que fazer em algum momento, que é um mil pila pra cima né, e não são muitos que tem, tu conheceu o Jow né? Jow lá de Viamão? Não? O Jow é um cara mais humildão mas que também tem os equipamentos, batalhou, conseguiu. Jow, é amigo do Mallmann, não tem grupo, conhece o Mallmann? Lucas Mallmann, é um carequinha, baixinho, gosto muito dele, cara que escreve muito assim também, ele é um cara que se aproximou bastante da gente porque ele foi ver um show um dia e depois foi falar com a gente “pode crer, não imaginei que vocês fossem falar isso”, por que tocou um grupo de rap antes, mas um grupo de rap falando de malote de dinheiro e cocaína, tipo pra mim é o, eu fico brabo na real, não consigo nem levar na boa, eu fico mordido, quando eu falo na Filtro, na Jardins no show eu falo exatamente isso “não vamo dar moral pra isso”, eu

falo puto, eu fico puto, eu fico bem de cara mesmo, aí o Maurício falou “conheci um cara” aí eles foram lá os dois, o Maurício e o Martin foram lá na Serenata Iluminada assistir o show da Filtro né, tipo e eles curtiram muito na real, a pegada, a vibe braba e daí o Maurício falou “Tá o meu, vamo fazer com ele?” daí ele me falou “Esse aqui é o Martin, vai ser nosso DJ, tu pilha de fazer o grupo?” , “Pilho, mas sabe como é que né, a gente vai gravar Ocupe, aquela música que eu te mandei a letra e vai ser tudo nessa vibe” eu falei né, “não vai se passar, não vai dar uma de Cachopa”, que o Cachopa fez a música, aí ele “Não, não, tá, vamo ver”, a primeira música que a gente fez, Seletiva, não, mentira, a primeira música que a gente fez teste, antes de Ocupe, Ocupe tava escrita já, mas o beat dela não tava feito, o beat dele é muito grandioso pra gente e o beat não tava feito, já tava escrito, aí o que a gente aconteceu, a gente pegou Sete Maravilhas, que é o funk que o Leonardo tocou no baixo, que era uma outra letra, e a gente botou a letra de Seletiva, primeira música que a gente escreveu e aí daí a gente escreveu a letra de Seletiva, aí o Maurício com o tempo ele desenvolveu, mas ele era empacado pra escrever, era um cara empacado pra escrever, e aí ele me chamou muito tempo de “coach”, eu fazia coaching com ele de escrever, que de fato tu precisa de incentivo, aí a gente fez um intensivão de coaching lá, eu fiz uns ghostwriting assim pra ele, a gente gravou e eu falei “Mas ô Maurício, não, não vamo escrever música assim, escreve tua parte e já era”, “mas tá bom”, “mas eu escrevi, ta cantando que nem eu canto, que nem eu penso a rima” aí eu falei “vamo fazer outra” “vamo então” aí fomos pra Ocupe.

(Dulce) Na música em geral isso é importante, mas no rap mais ainda, quem canta faz a rima

(MLC) É importante, mas é bem comum ghostwriting, é bem comum, assim o fantasma escritor, mas eu não gosto, eu gosto muito de escrever, eu acho que eu escrevo bem, gosto, to sempre procurando evoluir, leio muito, muito, pra caralho, to sempre lendo um livro, esse é um fator bem diferencial mesmo, que não é muita gente, o Martin, que é o DJ, médico, eu fechei muito com ele, porque ele é um cara que lê muito, ler livros, não é comum, eu leio muito, o Martin lê muito, a Paulinha lê, a gente tem costume de ler, e eu noto isso, acaba fazendo diferença, até no que escrever, no que falar, e aí o Maurício que é um cara que, eu te falei tem um background bem, ele é formado numa faculdade já, não é um cara ignorante assim, então ele é um cara que agrega bastante, por mais que ele seja meio perdido na vida dele, meio desorganizado, muito dinheiro às vezes, ele é meio desorganizado, mas o Martin nem se fala, o Martin é médico, o cara acompanha os pré natais das crianças, ele é um cara muito genial, muito bom, e é um cara que lê bastante, gostou bastante de mim, falou isso fora do Maurício já “ô meu, gostei muito de te conhecer por causa disso, porque o Maurício é meio lost” e eu falo pro Maurício isso, que ele é meio lost, eu fecho com o Martin, com o doctor, porque ele é um cara centradão, troço Jim Carrey assim e aí enfim, a gente pilhou de fazer as músicas, tava falando como que a gente se conheceu, aí eu fiz o ghostwriting pra ele e falei “não vale a pena, vamo fazer a música”, daí ele escreveu Ocupe, Seletiva, ele fez os beats, daí a gente gravou as duas e aí a gente lançou

(Dulce) E ele fez os beats no estúdio que ele tem em casa?

(MLC) Isso, ele fez os beats no computador, porque beat não é estúdio, é PC né

(Dulce) É porque tem, rola muito de trocar tu faz o beat e eu faço a música...

(MLC) É, mas foi uma coisa que eu falei pra ele, “vamo fazer nós tudo”, eu sou um pouco a favor disso, até porque o Martin tem expertise afu, ele estudou afu, muito, muito, tanto que ele levou um ano pra mixar, mas com muito carinho, porque a gente já fez, já fiz com a Filtro três músicas em uma tarde, prontas, não tem carinho nenhum fazendo isso, é um estúdio que o cara faz, é fast food

(Dulce) Um terceiro, estúdio de outro?

(MLC) É, um estúdio que a gente alugou e eles tão cagando pra música

(Dulce) Você pagou por hora?

(MLC) É, mesmo que a gente não queira fazer correndo, a tendência é fazer tudo muito rápido, sem intenção, e aí no estúdio da Jardins, nosso lá, a gente, nossa, a gente mixava, ficava duas semanas ouvindo, daqui a pouco mudava todo o mix, de fato, realmente ficou muito melhor, e isso é uma parte que a gente fez bastante e eu acho que faz muito parte, tá muito dentro do hip hop também, que é pensar os beats, que é pensar os samples, não é só largar um beat, eu sei que às vezes as pessoas, é ruim falar isso, as pessoas não tem oportunidade, mas não é legal tu pegar um beat do YouTube e fazer uma música em cima, não é, entendeu?

(Dulce) Mas as pessoas estão fazendo?

(MLC) Isso, até porque é muito comum, eu digo porque às vezes as pessoas até não tem condições de criar um beat ou conhecer alguém que crie, e fazer música e tá certo tem que fazer muito, só que no que tu puder te especializar e fazer, tu vai, hoje em dia, eu sei que claro tem que ter isso que eu to falando, a gente tem uma realidade, e o Jow tem outra realidade, mas não é, se é teu sonho investe, não necessariamente dinheiro, mas investe tempo, de buscar forma de aprender, porque vai diferenciar eu acho, que por mais que a gente não vá fazer

sucesso com o trampo, com as músicas, porque enfim, não fala o que as pessoas querem ouvir, eu considero ele muito atemporal, nesse sentido, eu conseguiria pegar ele como eu pego um CD do sei lá...vou dar um exemplo idiota, do Planet Hemp, Usuário, escuto hoje ele é um CD ainda que tá dentro da sociedade, não que eu escute isso, foi só um exemplo que eu pensei agora, que é uma pauta bem escrachada, e aí é mais isso... a gente acredita nisso, o Martin até, o Maurício tem um pouco dessa birra que ele quer ser rapper, não quer ser músico, eu falo "Maurício, a gente faz, nosso estilo é hip hop, rap, mas a gente é músico", tem tudo que é tipo de elemento aí, só que o nosso instrumento é a voz e a nossa métrica é rima, tipo...

(Dulce) No que que tu diferencia um rapper e um músico?

(MLC) Eu? Eu não...

(Dulce) Então ele, por exemplo

(MLC) Ele quer diferenciar, eu não quero, pra mim o rapper é músico, ele não, ele não considera, ele acha que o rapper é mais conceito e falação, acho que tem que ter planejo também, saber como falar melhor, o que falar melhor, quando falar melhor, quando juntar, quando não juntar, tem que ser produtor também, se produzir

(Dulce) Vou falar duas coisas, acho que tu não vai gostar muito mas eu acho que vai ser legal de tocar nesse assunto

(MLC) Não, claro

(Dulce) Assim, tu comparou com o punk, eu acho muito legal essa comparação, só que punk, tem um contexto europeu, mais ou menos na mesma época, tu tem um contexto europeu, estadunidense, de uma classe média, branca, o rap é oposto, pobreza e racismo

(MLC) Sim, o oposto, nesse sentido sim

(Dulce) Aí quando tu diz que os dois são de protesto, me interessa muito, porque tu é um cara branco, classe média, fazendo rap

(MLC) Exato, o que eu ia dizer, o que me interessa é a questão da necessidade do protesto, de chamar atenção pro que não tá legal, isso o punk tinha bastante, tipo eu quero te mostrar que isso aqui não é normal, isso aqui também existe, isso aqui também tá aqui, o punk era muito, nesse sentido eu não gosto muito dessa vertente, ele era um, muito elitizado, mas esse conceito, do punk, punk cru mesmo, o punk roots, esse conceito pra mim é muito próximo do hip hop, que é sair da bandinha, do Beatlezinho, organizadinho e tentar chacoalhar o bagulho e dizer "a gente existe também", nesse sentido, mas realmente não se compara, nesse sentido, até porque a realidade dos dois é completamente diferente, a opressão é completamente diferente

(Dulce) Eu to te provocando desse jeito assim porque a nossa conversa tá sendo muito diferente do que a conversa que eu tive com outros rappers, ou MCs, gente que tá fazendo sua batalha, ou que gravou EP, porque, claro, eu to falando contigo, tu é um cara que estudou, os teus companheiros no grupo também estudaram e essa é uma realidade um pouquinho diferente da que eu to encontrando com os outros jovens entende?

(MLC) É, eu imagino, até porque a gente convive também com vários, Cachopa, é um cara que melhorou muito, não to dizendo que a gente melhora ou piora, no sentido de...

(Dulce) Ascensão social tu diz? Ou melhorou de ideia?

(MLC) Melhorou de cabeça, de ideia, de como tu olha o mundo, isso que é importante, como tu te olha pro mundo, como o mundo é pra ti, isso aí ele mudou muito, isso a gente nota que não tem muito, que acaba sendo uma necessidade de querer, até agora teve essa onde de cypher, a necessidade tá muito de botar a cara e não botar a ideia, eu realmente não gosto, realmente não gosto disso, inclusive tem as ilustrações nossas, eles queriam por foto e eu falei "foto nem pensar, vamo deixar no lúdico assim, bota ilustração, bota... é mais legal, deixa as pessoas imaginarem, vai ter clipe já, deixa as pessoas", não ficar dando carinha a voz, ainda mais isso a gente já fez boneco branco, vamo botar a nossa cara aí, que que isso, enfim... mas é verdade, a gente nota bastante que a galera não tá muito preocupada com conteúdo às vezes e com o mudar o pensamento do outro, é mais eu quero falar o meu bagulho e falar mais brabo que o outro só

(Dulce) E quanto a mudar o próprio pensamento, tu acha que esse tipo de música faz com que a gente mesmo pense no que tá fazendo...

(MLC) Depende do cara aí, se tu faz, o quanto tu matuta, eu, por exemplo, eu devaneio muito escrevendo, quando eu to fazendo a música ali, eu sinceramente eu "grosseiramente" perfilo o rapper pela letra, na hora, todos os que conheço, eu vou atrás, vejo uma ou duas músicas, posso dizer se não gostei, falo mal, se gostei, falo bem, falo mal no sentido de não gostei, não vou nem me aproximar, fica lá, que eu fico aqui, não vou nem me envolver, porque daí as vezes tem umas coisas, como eu te falei, eu fico brabo, eu não tenho cabeça as vezes pra dialogar, pra tentar

explicar, pra conversar é tipo talksense with nazi, tu não fala conscientemente com nazista, não tem conversa racional com nazista, as vezes eu escuto coisas absurdas que me afastam só, mas é que eu devaneio muito escrevendo, pra mim é muito importante, muito importante, é mágico, a palavra é mágico, total, sempre foi, e eu tenho muito a antroposofia, do Rudolf Steiner, que é a mistura da ciência com a espiritualidade, gosto muito disso, acho que isso tá muito aplicado na nossa vida, no dia a dia, isso é um lado positivo, por exemplo, se alguém escreve alguma coisa mais pra esse lado, já viu o Síntese, rapper, Síntese pra mim é, não acreditei quando eu vi, porque ele tem uma cara de mais um e eu fui ler a letra e realmente, é até isso que eu to falando, é legal porque eu falo isso, quando a gente começou eu não conhecia eles, eu fui ouvir Síntese agora há pouco, eu até me arrepiei agora falando, eu não acreditei que tivesse alguém fazendo exatamente o que eu acho legal de tá fazendo, educando do jeito certinho assim, não tem muitos, pra mim Racionais, fazia o trabalho completamente errado do negócio, pra mim

(Dulce) Por que?

(MLC) É legal, porque tu dá a voz a pessoa que não tem voz, mas tá incentivando ela a ser uma pessoa ruim para o mundo, a letra tá dizendo, não incentivando, mas acaba tendo essa repercussão, que nem o Gangster Rap, tu quer matar o cara, tu quer ter mais que o cara, tu quer tá de fuzil, não, velho, não, tu não quer tá de fuzil, tu quer tá com energia renovável, fala sobre isso, entendeu? Ou tu tá falando de fuzil, fala que absurdo a gente tá de fuzil na mão ainda, não fala “vamo aí todo mundo de fuzil”, eu não gosto, minha opinião, tem gente que se sente muito bem, tem gente que se sente representado, eu acho que faz um desserviço, pra mim faz um desserviço, no contexto geral da sociedade, faz um desserviço, é tipo tu...

(Dulce) Me lembra os filmes do Tarantino, assim... É que eu odeio o Tarantino e quando começa aquela cena que o cara tá matando todo mundo e tipo não tem, não vai saindo aquilo, não tá provocando nada...

(MLC) É um desserviço, e o pior o Tarantino não tá induzindo nada, Racionais, eu acho, tá induzindo o magrão a lutar contra o outro magrão, o magrão vai se sentir mal porque o outro magrão tem alguma coisa, e a vida é assim infelizmente, falo até na música que infelizmente os outros magrão tem umas coisas que a gente não tem e a gente tem que aprender a conviver com isso, ou batalhar, whatever, não... enfim, to dando um exemplo, eu sei que é muito fácil falar, mas é fácil tentar buscar também, é tipo ser vegano, tu não é vegano, tu tenta ser vegano pro resto da vida, eu vou sempre buscar ser mais, mas não tem como tu ser vegano já top, tu sempre pode tentar ser mais, pra mim é a mesma coisa, tu sempre vai tentar te conscientizar mais, ainda mais que tu tem o poder da palavra, na música, esses caras tem, o rapper tem muito poder, representa muita voz pros caras, pros piás, isso pra mim é uma coisa muito importante, de trazer isso à tona, e aí pra mim o Racionais não traz, quem traz pra mim... É que eu tive um bloqueio nessa época de Racionais e essas bandas, RZO, eu tive um bloqueio daí, porque muitos falavam sobre ser bandido e gostar de ser bandido, ser droga e gostar de ser droga, usar droga e gostar de usar droga, falar de puta e gostar de falar de puta, sabe, tem, sempre tem um verso, nem que seja um só, a música tá toda linda, mas eu to aqui com meu malote, eu já não gosto, não, que tu quer dizer com isso, tu quer dizer que tu traficou, que tu passou por cima de alguém, tu roubou, não entendi, que que é o malote? Eu to sendo advogado do diabo agora, mas pra mim eu tenho problema com isso, muitas dessas bandas tem, o Costa Gold, falam de cocaína, falam de não sei o que, que que mais tem aí? Tem um monte de grupo por aí que falam, é que não me atento muito, na verdade, eu sou um pouco alienado disso, por causa disso, por ser tão fiel a minha escrita, eu fico meio alienado com esses tipos de música, eu não escuto, os guris me mandam “olha esse beat aí”, eu começo a escutar, quando eu vejo quem é o cara, eu já não consigo escutar, eu tenho preconceito, bloqueio...

(Dulce) Proteção...

(MLC) Receio, tanto que, tem aquele músico Freud, do Rio de Janeiro, ele veio fazer um som aqui e o Maurício, ele é envolvido com um cara lá que faz camisetas, como ele tem grana, conhece gente que tem grana, e aí o cara ia patrocinar umas camisetas pro Freud, ele queria que o cara fosse lá, pegasse umas camisetas e eles iam fumar um baseado, e o cara disse “não, manda as camisetas e me manda o baseado”, o cara fez assim, falou isso, isso é uma atitude que eu achei muito palha, o cara, o magrão queria endossar ele, trocar uma ideia os caras tavam envolvidos no evento também, ele preferiu tirar o dele, entendeu? Isso pra mim são atitudes que vão me pontuando, aí eu não escuto ele, por exemplo, aí saiu um som muito foda dele, Flow não sei o que, foda-se ele é um bosta, é como se o Trump tivesse um lançamento foda, como se o Temer tivesse feito um rap bala, foda-se ta ligado? E aí é mais ou menos por isso...

(Dulce) Tá e aí tu falou das cyphers, que o cara vai lá, dá a cara...

(MLC) E sem conteúdo, a maioria delas tá sem conteúdo, eu...

(Dulce) Como é que tu vê as cyphers, como é que eles têm feito?

(MLC) Eu não vejo sentido, pra começar não tem sentido, não faz muito sentido pra mim, cypher, não tem conceito, às vezes, não tem na verdade, aquele Rap Box, não faz sentido pra mim, aquele universo de lança um

som e tá já é, eu acho pouco, acho quantidade sem qualidade, não é improvisado, é super bem produzido, super bem arquitetado, só que eu acho que eles arquitetam pra pensar num X, então eu vou me esforçar pra pensar num X, consegui arquitetar exatamente o que eu queria, mas pô por que tu não pensa em mais coisa, nesse sentido, por que que tu não inventa mais? Enfim, é uma opinião muito própria mesmo, mas eu não vejo, não vejo vida no negócio ali, pra mim eu quero porque eu quero lançar mais um som

(Dulce) Pra aparecer e tal

(MLC) É, não sei, eu gosto, imagina eu adoraria fazer show todo dia, aparecer em todas as redes sociais, todos os streaming, mas eu não sei até que custo, eu tenho um pouco disso, até porque a Filtro já teve oportunidades de escrever músicas mais padronizadas assim, com produtores, que eles iam nos encaminhar e a gente não quis, a gente “não, não, a gente não vai falar isso”, eles queriam que a gente falasse tal coisa, fizesse tal instrumento, tal coisa, a gente disse “não, a gente não é essa vibe, a gente não quer mostrar isso, a gente, inclusive, é contra isso”, “a gente quer falar isso que a gente é contra”, “não, não, mas isso vocês não podem falar”, “a gente não vai fazer com vocês”, e a gente sempre se quebrou muito por conta disso, mas é que realmente, não é tocar a qualquer custo, a ideia é ser mais Jesus Cristo do que Michael Jackson

(Dulce) Tu disse duas vezes já sobre Jesus, tu tá querendo dizer sobre Jesus mesmo, no sentido religioso, espiritual...

(MLC) Eu digo como um messias...

(Dulce) Mas tu é defensor de religião, crenças...

(MLC) Não, não, eu sou defensor da antroposofia

(Dulce) Você não é católico?

(MLC) Não, não, catolicismo não, catolicismo é contra os negros, não dá pra ser católico

(Dulce) Eu to perguntando só porque tu disse duas vezes de Jesus

(MLC) É só que é uma referência boa

(Dulce) É que tem rapper hoje que quer levar mensagem de alguma religião

(MLC) Não é meu caso, Jesus pra mim é só mais um messias, é Buda, é Órus, é o sol, eu tenho tatuado aqui, essa é minha representação da minha religião, que é o sol, todas as religiões são baseadas no sol, Jesus é baseado no sol, Órus é baseado no sol, todos... na Ocupe inclusive eu falo isso, no terceiro dia o sol se alinha ao leste, que Jesus renasceu no terceiro dia, Órus ressuscitou no terceiro dia, não sei quem ressuscitou no terceiro dia, todos eles porque no dia 22 de dezembro o sol desce 3 graus e ele sobe 1 grau por dia, todos elas são baseadas no sol, então eu fiz aqui, a minha religião é baseada no sol, todos são baseados no maior doador de energia, no maior provedor de energia do mundo, na real galáctico, do Sistema Solar

(Dulce) Tu te diferencia muito, tu diferenciou o rap consciente na tua fala

(MLC) É isso

(Dulce) É só o que tu quer produzir?

(MLC) A gente não pode falar bobagem, não pode falar bobagem, não ser, 2017, tá ligado? Sabe a resposta do presidente do Canadá “Ah, por que que tu fez isso?”, “Porque é 2017”, já passou faz horas

(Dulce) Faz música?

(MLC) Muito, muito, porque eu acho que eu domino muito, 200% a vontade, parece que eu nasci pra aquilo ali, eu tenho essa sensação, e não só pra tocar, pra cantar, pra passar a minha mensagem, por isso que eu falo brincando do Jesus Cristo, eu falo brincando na música né “pra vocês eu sou Jesus Cristo”, pela aparência, agora eu to sem barba, mas é realmente, pra mim é demais assim, sem palavras, tanto a banda quanto rimar, não interessa onde se é uma goteira caindo, já aconteceu disso, ter uma goteira caindo em algum lugar e a gente brincar de cantar uma música, meu negócio é falar, sempre fui muito falador, sempre falei pra caralho, muito e aí eu descobri que aí é um meio musical que eu posso falar muito, muitas palavras, de uma forma popularmente aceitável e que eu gosto, porque a gente na Filtro tentou iniciar de uma forma mais melódica, mas eu não me sentia à vontade, os caras viam que eu não me sentia à vontade e aí quando eu começava a cuspir no microfone, brabo, reclamar, é isso, suar, ficar vermelho, aí eu vi é esse êxtase que eu preciso, e aí é muito nossa, muitos devem ter isso, mas eu queria sentir mais, até pela letra, tu cantar uma coisa que parece tá vindo dentro de ti e tu cantar algo que parece que não tá vindo muito de dentro de ti parece que não me desce, eu, inclusive a gente tem algumas músicas, acho que no disco até não, no disco a gente foi bem carinhoso assim, mas é que eu tenho músicas solas eu tenho 13, gravadas

e não lançadas ainda, já tá gravada, eu gosto muito de escrever, escrevo muito, compulsivamente, escrevo uma música por dia

(Dulce) Uma por dia?

(MLC) Possivelmente

(Dulce) Tu tem um caderno? Ou vai direto pro computador?

(MLC) Depende, já gravei até em áudio, uma por dia no sentido de que eu escrevo um verso, meia música por dia, um tempo, uma conclusão, entendeu? Uma logística e uma conclusão conceitual de alguma coisa, porque eu tenho esse problema, essa chatice, isso eu acho chato mesmo, eu falo pros guris, eu tenho medo do que eu to cantando, fico muito cuidadoso com as palavras, eu fico muito pisando em ovos, até eu achar o que eu quero e às vezes eu gravo e depois fico tipo puta merda, mas eu tenho esse cuidado

(Dulce) Ou seja, tu trabalha o texto até ficar do jeito que tu...

(MLC) É, mudo muito, o Maurício é um cara muito engraçado, porque ele escreve e tá escrito, ele escreveu do 0 ao 100 ali, pode levar duas semanas, vamos supor, mas ele escreve do início ao fim, eu não, as vezes não, “ah, esse verso vai ficar muito bem no fim da música”, entendeu? É tipo é uma coisa muito aleatória, eu pego muita música, como eu escrevo muito, as minhas músicas as vezes são uns frankenstein, tem dez versos diferentes, de dez dias diferentes, de dez situações diferentes da minha vida, na mesma música, a Piscina de Moedas é mais ou menos assim, até porque tem várias referências, eu não pensei tudo num dia, até porque não teria, é isso, eu fui escrevendo e foi coisas que foram aparecendo, foi coisas que foi melhorando “olha pra direita vai morrer”, antes era só “olha pra um lado, porque eu vou, são coisas assim que dá pra, são detalhes que vão evoluindo bastante, que pra mim depois fazem bastante diferença e não sei se as pessoas vão ouvir o som da gente como eu escuto o som das pessoas, mas se escutarem acho que algumas coisas vão tá preenchidas nesses quesitos, e são coisas que eu as vezes escuto, as vezes tem, às vezes escuto, as vezes não tem

(Dulce) Tu trabalha já com a criatividade, o teu trabalho remunerado ele é de criatividade, aí tu vai fazer música que também requer criatividade, mas talvez uma concentração mais, tempo mais lento assim...

(MLC) Eu tenho, desculpa te interromper, eu tenho mais facilidade em sentar a bunda e escrever, sentar a bunda e me organizar na música, do que no trabalho, mas eu trabalho bem...

(Dulce) Onde que é mais fácil pra ti?

(MLC) Na música, escrever, trabalhar com as palavras, trabalhar com as sílabas, trabalhar com as tônicas, é mais fácil

(Dulce) Será que é porque te dá mais prazer?

(MLC) Isso, gosto mais, matemática da música eu gosto muito

(Dulce) Não é fácil ser músico no Brasil, de maneira geral não é fácil ser músico, viver só de música, tu tem sonho de viver só de música?

(MLC) Tenho, mas o meu problema é esse, não a qualquer custo, “ah, mas tu vai ter que falar isso, pra turnê brasileira agora”, aí eu digo “bá, será?”, vai ser uma situação muito ruim pra mim, porque vão ser duas lutas muito fortes, querer tá no palco e na hora cantar outra coisa, que nem eu fiz na TVE, ou de não ir me envolver, não vou botar minha foto com esse texto, não vou assinar embaixo, e aí eu sonho, mas eu sonho numa música ideal, que algumas pessoas conseguiram, de fato, alguns músicos conseguiram cantar aquilo que eles querem de fato, que é o que, te dei agora o exemplo do magrãozinho mais novo, que é o Síntese, ele fala o que ele quer falar, bem direitinho, ele ainda as vezes, eu pelo menos, parece pra mim, que ele força as vezes o raso, que é pra pegar mais gente na letra, ele força ir pro raso às vezes, falando umas coisas assim... clichê, tava indo tão bem, entendo, porque as vezes eu tento me policiar a fazer isso, de não deixar tão, “tu não é um cientista, não força, não te aparece”, tento deixar uma coisa digerível

(Dulce) Cotidiana

(MLC) Isso, exato, mas ao mesmo tempo tenta dar aquela cutucada, tenta dar aquela cutucada tipo “olha o que ele falou”, que é o que eu tento sempre, tento sempre prestar atenção, nos raps que eu escuto dos outros, eu escuto a letra, escuto a letra toda, pra tirar uma frase foda ao menos, uma frase, uma frase que definiu a música pra mim, e muitas vezes eu não acho, muitas vezes são frases que eu e o Maurício a gente já escreveu mil vezes e descartamos porque, então essa é a busca que eu faço normalmente, o Tuts, é um cara que faz muita música, volta e meia eu vi uma música muito foda dele, mas como ele faz muita, acaba sendo muita quantidade, qualidade tem algumas, pra mim, e aí eu até eu falei com os guris, eles queriam lançar muitas músicas agora, muitas, uma atrás da outra, eu falei “tá, vamo fazer essa estratégia então”, a gente lançou um disco agora conceito, vamos fazer isso, vamos ver

o que vai dar, mas eu sinceramente acho que perde um pouco a força do conceito da música, acho que a magia de, tipo quando o cara é mais novo e ouve música, tu ouve uma banda, a track tal, tu viaja, tu tem uma viagem astral, tu tem uma viagem neural na música e aí isso é importante pra mim, o cara tá ouvindo a música e o cara ser transportado com a música e muitas músicas hoje não me transportam, músicas que me transportam do rap, Síntese, é legal, eu gosto, moderno, tem aquele cara que é o Djonga, que ele é professor, que é um cara super inteligente, eu não gosto das músicas dele, porque pra mim ele força ser grosseiro, ser nojentão, não parça, mas é que ele quer o público esse, eu não gosto e a galera toda pira nele, “a letra dele é muito foda”, “é muito inteligente”, de fato ele é muito inteligente, mas eu acho ele burro por tá escolhendo fazer isso nesse espaço que ele tem, messiânico, de poder doutrinar muita gente, ele é professor, como é que ele não tá falando coisa mais importante, eu gosto do trampo, acho legal, ele não fala bobagem, mas com esse espaço que ele tem, ele poderia falar muito mais coisas importantes, isso pra mim é outra coisa, outras bandas que tem assim, tipo, deixa eu pensar, eu escuto muito, ultimamente, eu ando escutando muito rap australiano, porque, por causa do sotaque, fico meio enjoado de ouvir rap, brasileiro eu não escuto muito por, escuto só Síntese, na verdade, e Ultramen as vezes, mas é que Ultramen eu já ouvi muito na vida, eles não lançam trampo novo, de rap novo, lançado agora, escuto Síntese, escuto a Lai, uma menina, ali em casa, que ela é, só porque eu gosto da matemática dela, da métrica dela, só, brasileiro só, é errado até, eu fico quebrando a cara o tempo todo, fico quebrando a cara, quebro a cara com Haikaiss, quebro a cara com Costa Gold, quebro a cara com 1Kilo, quebro a cara com sei lá quem mais tem, e aí pra mim, chega a ser chato, o que eu escuto de brasileiro Síntese, Jardins Suspensos, eu escuto muito nossas músicas, eu gosto, Filtro, por exemplo eu não escuto, algumas músicas eu não escuto, não gosto de escutar, é pesada, não de instrumento, o teor, desgasta o cara de ouvir, ainda mais ser eu, que eu que sei o que eu pensei na hora, e a Jardins é uma coisa que é mais digerível, tem umas letras que é uma coisa mais funny, umas coisas mais fun, mais engraçadinha, aí eu escuto mais, aí eu escuto muito Jardins Suspensos, Síntese e as minhas músicas, as 13 músicas minhas que eu tenho 12, 13 que pra mim é o exemplo vivo do que eu queria ouvir sempre e já, o Caetano, que é o cara da produtora que se sensibilizou com a gente, é o cara que eu mando todas as minhas letras sempre, ele é um cara vegano true assim, o cara mais vegano que eu já conheci na minha vida, e tem veganos que dizem isso, que ele é o cara mais vegano que conheceu, porque ele é muito vegano, nunca bebeu, nunca usou drogas, nunca fumou, muito, tipo, muito a frente, eu gosto muito dele e ele gosta muito de mim, uma coisa legal, até me perdi...

(Dulce) Você tava falando do Caetano que... Também fui entrando na coisa do vegano

(MLC) Falando da coisa da letra, eu mando as letras pra ele, como ele é um cara muito consciente, dez patamar elevado, ele sempre gostou do que eu escrevia, na faculdade, primeiro semestre, eu nem tinha banda e nem tinha grupo, eu tinha sei lá, 19 anos, a gente entrou e teve fazer um trabalho em grupo, a gente tinha que fazer alguma coisa, Publicidade 1º semestre, quase um colégio, aí a gente tinha que fazer um trabalho criativo de alguma forma, algum meio de comunicação, aí a gente escolheu fazer uma música, aí ele gostou muito que eu escrevi a música na hora, um cara que tocava violão fez uma base e a gente fez a música, dali ele se colou em mim, eu me colei nele, eu gostei porque gostei de ter um fã, gostei de me dar endosso, tipo “meu, continua escrevendo”, eu sempre escrevi em casa, só que ninguém sabia, escrevia pra mim

(Dulce) Desde quando? Quando tu começou?

(MLC) 14, 13 anos, desde sempre, desde que Blink era famoso, sabe Blink 182? Digo não eles tocando, eles eram famosos na mídia, tipo 2010, 2008, 2009

(Dulce) Tu nasceu em que ano?

(MLC) 91, escrevo desde piázinho, inclusive volta e meia tem uma pasta que não é a mais antiga de todas, que eu perdi, mas é uma pasta muito antiga de 2009, 10, 2009 não, desculpa, 2011, 2009 é a primeira, no computador, e volta e meia eu leio e faço esse estudo

(Dulce) Tu ainda gosta?

(MLC) Não, não, eu faço esse estudo até pra ver que que gosto, que que não gosto, que que eu melhorei, que que eu piorei, tem coisa que o cara piora, eu sou meio chato, meio cri cri com isso, por isso até que o Maurício me chamava de coaching, porque eu não, não tem um ponto fora da vírgula, um ponto fora do nó, então aí em 2010, uma mesma com mesmo conceito, rimas, tudo rimas, umas rimas mais bobas, umas rimas quadradas, rimas pobres, é uma coisa que as pessoas não dão bola, mas se eu posso não fazer rima pobre, até pra dentro da poesia rica, se eu posso, não me apego tanto a isso, mas é só pra ter um viés de poesia, que eu gosto bastante de escrever e escrevo desde sempre. Enfim, o Caetano eu sempre mandei as músicas, ele sempre gostou muito aí um dia eu juntei a Filtro, disse “escrevi umas músicas, to com uma banda, quer ir lá assistir um ensaio?”, “tá, fechou, gostei muito”, continuei escrevendo, escrevendo, escrevendo, mandando pra ele todas, ele manda e diz “bá, não gostei, “bá, gostei”, se ele não gostou, eu pergunto por que, ele fala porque, mas eu não concordo, eu uso, mas eu concordo, eu não uso, pra mim ele é um conselheiro, mas ele não sabe que eu tiro, ele não sabe a responsabilidade que ele tem assim, com as letras que eu faço, mas eu tiro ele muito, porque pra mim ele é muito uma cabeça perfeita

ouvindo o que eu quero dizer, não o que eu quero dizer, mas o que tem que ser dito e assimilando da forma correta, claro, é um cara tem estrutura, é um cara estudado, mas ele é um cara que quer ser do bem, quer fazer diferença, te falei, super vegano, ele quer fazer a diferença, ele quer que todo mundo se dê bem na vida, ele quer que todo mundo seja feliz, porque sim, isso é importante pra mim que um cara assim avalie minha letra, isso é muito importante pra mim na real, a avaliação do Caetano

(Dulce) Bacana

Transcrição 8. **NJ**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (45 min.). Porto Alegre, RS, 08 de agosto de 2017.

(Dulce) Entrevista com JLBL, no dia 08 de agosto de 2017, na Fabico. tu me falou que prefere ser chamado de J, mas tu não me disse se tu tens um nome artístico...

(NJ) É, só tem um nome antes, é NJ

(Dulce) Tá, onde tu nasceu, onde é que tu mora e o bairro, se tu puder dizer?

(NJ) Eu nasci em Porto Alegre, eu moro atualmente no bairro Morro Santana, bairro Protásio Alves, que é um dos bairros do Morro Santana.

(Dulce) E quantos anos tu tens?

(NJ) Tenho 24 anos.

(Dulce) A tua ocupação?

(NJ) Eu sou estudante, estudo Publicidade e Propaganda e também faço estágio na área.

(Dulce) Como tu te identificas em relação à raça, cor, etnia?

(NJ) Eu me considero negro, afro-brasileiro.

(Dulce) Qual que é a tua classe social?

(NJ) Eu me colocaria em classe C +.

(Dulce) E como, com quem tu vive, com quantas pessoas?

(NJ) Eu vivo com a minha mãe e a minha irmã mais velha.

(Dulce) As pessoas com quem você convive gostam de rap?

(NJ) Sim, sim, de certa forma sim, a minha mãe não tanto, mas a minha irmã gosta.

(Dulce) Quais os gêneros musicais que tu mais gosta?

(NJ) Eu gosto de rap, mpb, funk, pagode e jazz.

(Dulce) E o que que tu gosta de fazer no teu momento de lazer?

(NJ) Quando eu to de lazer eu escuto música, gosto muito de escutar música em casa assim, gosto de ver, vejo um pouquinho de televisão, uma coisa que outra, Netflix é uma coisa que eu tomei gosto de assistir, que eu não gostava antes mas agora assisto bastante e gosto de sair assim também pra me divertir, ir em festa, em eventos culturais, curtir com meus amigos...

(Dulce) Tu participa de um Crew né? Qual é mesmo?

(NJ) Eu tenho um coletivo que chama Lado Sul Hip Hop Corporation.

(Dulce) E quantas pessoas fazem parte? Quais são os componentes?

(NJ) Atualmente, a gente tem seis componentes no grupo, tem eu, o Nagô, o Negrite e o Didal, são o pessoal que faz rap, tem o Kaynan que é o nosso DJ e tem o Marcelinho que é o nosso produtor, é o cara que entra em contato com as casas ou com os contratantes que negocia toda nossa contratação quando a gente vai tocar nos lugar.

(Dulce) E com isso tu pode me dizer quando foi a última vez que vocês fizeram apresentação ou gravaram um disco, ou gravaram uma música, ou fizeram um clipe, ou seja, qual foi a última atividade de vocês?

(NJ) A gente tocou sexta retrasada, sem ser a última sexta agora, a outra, no Manifesto do Rafael Braga, que foi ali no viaduto da João Pessoa.

(Dulce) Que é o Brooklyn né?

(NJ) É viaduto do Brooklyn, isso.

(Dulce) E vocês tocaram com outras pessoas?

(NJ) Sim, tocamos com outros grupos, vários outros grupos.

(Dulce) Ta, eu queria saber o que que a música é pra você? Que que te importa?

(NJ) Essa é uma pergunta bem profunda assim eu diria...

(Dulce) O rap, o que que o rap é pra você? O que que o rap significa na tua vida?

(NJ) O rap pra mim foi um instrumento de, primeiro de tudo, de conscientização, educação, eu diria, foi o que me fez entender, me perceber como ser humano, enquanto negro na sociedade que eu to e me fez de repente ser uma pessoa muito melhor do que eu seria se não tivesse tido contato com o hip hop então eu costumo dizer que o hip hop, ele é a minha religião, assim sabe... é o que eu sigo, o que eu acredito, o hip hop pra mim assim é um estilo de vida, é o que mais define, é um estilo de vida.

(Dulce) Quais são os rappers que tu mais escuta, respeita, admira? Como profissional também, como um cara que faz música?

(NJ) Então, a pessoa que me fez virar assim, um “eu sou um ouvinte de rap”, foi o Sabotage, foi o primeiro cara que eu parei pra escutar e fique “ba que que esse cara ta falando” e comecei a escutar mais. Racionais tem que citar, acho que é uma referência, acho que tem que ser uma referência pra todo mundo que tá no hip hop e assim, mas as pessoas que me colocaram no rap de fato, deixar de ser alguém que, de só escutar e começar a fazer, eu dou muito crédito ao Emicida, Projota e o Criolo, foram os caras que, porque como eu não nasci numa favela, a maior parte da minha vida eu cresci num condomínio fechado, então eu fui pra lá muito pequeno, então eu não me lembro até então, quando me conheci por gente eu já morava lá... então talvez por eu não ser, apesar de ter toda uma vivência como negro, eu posso falar de racismo, tenho propriedade pra falar de racismo, eu nunca, eu não morava numa favela, eu achava que por isso eu não tinha, eu não poderia fazer rap e quando surgiu Criolo, Emicida, Projota, esses caras que traziam uma essência do rap, não dá pra dizer que não é rap, é muito rap, mas eles conseguiam falar da sociedade, dos problemas da sociedade, das opressões da sociedade numa forma que conseguia alcançar outros públicos, aí quando eu vi “de repente eu tenho coisa pra falar também, eu não vou falar daquilo que eu não posso, mas eu tenho muita coisa pra falar, e eu tenho muita mensagem pra mandar também”, aí foram esses caras que fizeram eu entrar no rap.

(Dulce) E de que que fala o tu rap?

(NJ) Então, eu costumo dizer que meu rap ele é eclético sabe, eu gosto, eu não gosto muito, até por uma questão de política dentro do hip hop mesmo, tem um conservadorismo muito grande dentro do hip hop assim do pessoal que a gente chama os guardinha do rap, que a gente chama, na comunidade assim, que é o pessoal que fala que o rap de verdade é só que fala de protesto, é o rap que fala de morte, que tem sangue, tal e qualquer outro tipo de rap ele não é rap de verdade então ele não merece o mesmo respeito... Eu era um cara que quando eu comecei a escrever as minhas músicas elas não falavam de violência, nesse sentido de voar sangue, mas era o que eles chamam de rap de mensagem, que a gente chama de rap de mensagem, que era o rap que tentava passar uma ideia assim mais política digamos assim e quando eu comecei a notar, mas eu sempre escrevi músicas de todos os tipos, mas a grande maioria das

minhas músicas eram nesse estilo assim, rap de mensagem, e aí quando eu comecei a me ligar nesse rechaço que tinha dos outros estilos de rap eu meio que comecei a me incomodar e então eu meio que fiz questão de meio ter um ativismo no meio disso aí, de querer desconstruir essa parada no rap e eu comecei mesmo a fazer músicas mais de outros estilos assim, tanto que no Lado Sul assim se tu ouvir o nosso CD que vai sair esse ano a maioria dos sons é sons mais assim de diversão, de pista, sabe... mas eu assim se eu pegar as letras que eu escrevi elas ainda são bem ecléticas, acho que o rap ele é música, e a música é arte, e a arte é vida, então meu rap fala sobre tudo que eu passo na minha vida, se eu passar por um bagulho foda eu vou falar desse bagulho foda, mas eu também gosto de sair e me divertir, então por que não ter músicas sobre isso? Eu também amo, eu me relaciono com mulheres, então por que não fazer um love song, por exemplo? Eu acho que a música tem que ter espaço pra toda diversidade de temas, e eu tenho certeza que esse pessoal que fica reclamando, se fosse tudo no mesmo estilo eles iam reclamar também que não tinha diversidade... Não sei se eu respondi tua pergunta...

(Dulce) Muito, pra você o rap tem relação com gosto e com identidade?

(NJ) Sim, com certeza, com certeza, eu acho que a gente tá vivendo agora, principalmente agora de uns dois pra cá, justamente que eu te falei esses caras, o Emicida, o Projota há uns 5 anos atrás, chegaram e deram uma nova cara pro rap e começaram a atingir uma classe que antes de repente não dava muitos ouvidos porque o discurso veio de outra forma, o discurso não veio com um soco na cara, que nem vinha um Racionais, que nem vinha Facção Central, o Realidade Cruel, então eles conseguiram trazer o mesmo discurso só que de uma forma mais explicadinha, didática, ou não tão agressiva então atraiu uma classe que antes não tolerava o discurso do rap por ser um bagulho de revolta, tá ligado? E isso abriu espaço pra uma galera que veio depois, até gente que eu gosto só que tipo ta começando a rolar pra cá bem evidente essa coisa da apropriação cultural, ta ligado? De pessoal, tipo cara do Haikais lá, o louco do Haikais, que é um grupo, que é enfim, formado por brancos, que a maioria do público deles são um pessoal mais teen de uma classe mais elevada e um integrante numa entrevista deles veio dizer que o rap não tem cor, saca? Então eu acho que essa questão é complicada assim sabe, porque eu acho que o rap tem identidade, a identidade dele é no gueto, a identidade dele é negra, e quando o cara branco fala que o rap não tem cor, ele tá meio que tentando matar o debate assim de toda a problematização dessa questão da apropriação cultural, porque pra eles é fácil né, dizer que o rap não tem cor e continuarem entrando no mercado, por que eles são beneficiados, que eles são privilegiados, então eu acho que sim, tem identidade sim, o rap é o som do oprimido, e essa, agora é o momento, o Emicida tá fazendo isso, tocando nisso de uns tempos pra cá, porque eu acho que ele também notou que tá vindo essa onda mais reacionária assim do rap, tá ligado, então a gente tem que reafirmar a identidade do rap que é no gueto e é negra.

(Dulce) Então pra ti o rap tem relação com gênero, classe social, cor, raça, etnia, por que?

(NJ) Eu acho que assim, o rap é um estilo que por tá numa sociedade que, ele tem lados bons, mas tem lados ruins também por tá numa sociedade que é opressora e tal... tipo se tu for ver o rap, ele tem, a história inteira dele é construída com a consciência de raça, pessoal fala “eu sou preto, sou preto com orgulho mesmo e eu sofro com racismo, a polícia são tudo um bando de racista” mas o rap se tu pegar pra ver ele é um estilo que foi muito machista na história, a gente não tem como negar isso, por tá inserido numa sociedade que é machista e tal, os caras tão lá porque eles sofrem preconceito porque são favelados, pretos, mas também oprimem porque é um estilo machista. Então... Eu acredito, eu, tenho certeza que o hip hop é o local de qualquer oprimido, porque esse é um som de oprimido, oprimido é oprimido, acho que a gente só tem que, a chave seria a educação, que acaba não chegando, eu, propriamente, te dou meu exemplo, eu fui ter consciência de gênero e de orientação sexual também quando eu entrei na faculdade, porque antes eu era machista afu assim, saca? Tipo até grupos que são tipo lendas assim, Racionais, eles também não são intocáveis, se tu pegar ouvir letras dos caras, tem letras que falam assim “minha mãe me fez um homem não uma puta”, então tipo, inclusive o próprio Mano Brown, é um cara que admite hoje que ele foi, que ele falou uns bagulho zoado, que hoje ele se arrepende, mas eu acredito que os movimentos sociais, agora tanto o feminismo, feminismo negro, tá vindo com uma para que tá desconstruindo isso aí, e esse pessoal mais reacionário ta vindo, os cara meio que querem deixar isso meio intocável, “porque sempre foi assim” e tal, mas eu acredito que a tendência é que com os anos o hip hop passe a ser menos machista, menos homofóbico e possa ser um lugar onde todos os grupos oprimidos possam se identificar...

(Dulce) Tu tem visto alguma movimentação em relação a isso na cena de Porto Alegre?

(NJ) Eu acho que, como eu te falei, a pressão do ativismo, dos movimentos sociais, ela já ta, elas já conquistaram coisas, claro, óbvio ainda tem coisa pra conquistar, mas por exemplo, a gente tá vendo mulheres tipo tem muita mina no rap agora sabe? Muita não, mas tem algumas representantes, expoentes, tipo a Karol Conká assim, que é uma mina que tá fazendo propaganda assim, em várias mídias, uma mina preta, que tá tipo foda assim sabe, tá trazendo o rap prum, tem até agora o Rico Dalasam, que é o primeiro rapper que é assumidamente homossexual do Brasil, da história, o hip hop tem tipo 30 anos aqui no Brasil.

(Dulce) Como é o nome dele?

(NJ) Rico Dalasam, então tipo eu acho que as coisas já mudaram, e as minas tão, as minas no microfone elas tão trazendo a vivência delas também, que isso é uma coisa que não tinha, e também querendo ou não é diferente, eu falar das minas “porque ah, as minas são oprimidas, as minas são isso...” e as minas chegar e dizer, ta ligado? E eu acho que enfim a gente consegue perceber assim, por que tu vai pegar o rap há dez anos atrás, quem é que tinha de mina no rap? Eu consigo pensar só a Dina Di, agora a gente já tem vários nomes, tem a Lívia Cruz, tem a Flora Matos, tem a Karol Conká, tem a Tássia Reis, tem a Drica Barbosa, umas minas que ainda não tão no, a maioria delas assim, tipo a Karol Conká é tipo top assim, a primeira, mas a grande maioria ainda não tá no lugar que elas tão, mas já tão num lugar de destaque dentro da cena assim, então acho que vai melhorar, acho que vai melhorar.

(Dulce) Tu deu vários exemplos de várias pessoas que já tem um renome, já tão fazendo seu espaço no Brasil, tu tem visto isso em Porto Alegre? Acontecer alguma coisa parecida?

(NJ) É então, Porto Alegre, como eu te falei, acho que aquela questão geográfica conta bastante, tem muita gente boa aqui em Porto Alegre, mina também, tem a Negra Jaque, que é a mina mais respeitada do hip hop em geral assim, acho que talvez seja o artista mais respeitado do Rio Grande do Sul, mas também ela não tá na mesma posição que essas minas que eu citei, eu acho que a questão geográfica ela atrapalha porque, por exemplo, a Karol Conká e a Flora Matos elas não são do eixo mas elas tiveram que ir pra lá pra fazer a carreira delas lá, sabe... De outra forma que fosse talvez elas não estariam onde elas estão, eu acredito bastante inclusive, eu inclusive já pensei em sair daqui e morar lá...

(Dulce) Pra fazer rap?

(NJ) Pra fazer rap.

(Dulce) Uma questão mais técnica agora, o rap pra você é música, é poesia, é canção, é fala, o que que é?

(NJ) Ele é em primeiro lugar arte, eu diria, em segundo lugar música, porque eu já vi muita gente falar, eu fico até brabo, paro de discutir quando a pessoa fala isso “ah não, mano, porque bá porque rap não é música”, e isso gente que gostava de rap, era fã de rap, “porque rap é rap né, tipo rap não é música, tem a música e tem o rap”, eu não concordo com essa visão, eu acho que a gente tem que afirmar o rap como música, o hip hop enquanto cultura e o rap enquanto música, porque enfim, a gente tem tanta moral quanto os caras que fazem mpb aí, que todo mundo paga um pau, a música que tem a legitimidade, acho que a gente tem tanto quanto, ou mais legitimidade que os caras, tá ligado? Então pra mim o rap é música, é poesia porque eu posso declamar o rap, sem, sem ritmo nenhum, inclusive até eu não citei tá rolando agora os slams, não sei se tá ligado, que é aonde o pessoal só declama uma poesia e muitas vezes o pessoal declama uma poesia que é uma letra de uma música, então é a poesia também...

(Dulce) Mas esses slams o pessoal tá usando também uma base de som...

(NJ) Aê?

(Dulce) Tá tocando alguma coisa atrás...

(NJ) Pode crer, massa, não sabia, até, o slam que eu vi o cara vai lá faz a poesia sem nada, a capella, como se fosse uma batalha, mas é só ele pra galera, pode rolar até uma questão de atuação assim, bagulho meio teatral assim...

(Dulce) Tu me disse que te lançasse em 2012, né?

(NJ) 2012 eu gravei a minha primeira música...

(Dulce) Então já tem trabalho gravado e tem mais vindo aí, tu pode comentar um pouquinho?

(NJ) Tem, eu já lancei um EP no final do ano passado, chama “A pré história, introdução ao sonho de guri” que é um EP que vai ter três volumes e aí depois eu vou lançar o meu álbum que chama “Sonho de guri”, por isso que é “introdução”, tá lá disponível no YouTube, eu lancei no meio do ano passado e eu to gravando já o meu, o volume 2 desse EP, que deve tá na rua até o final desse ano e tem o EP do Lado Sul também que vai vim agora em outubro, então eu to, eu to aproveitando agora, porque eu trabalho, estudo daí é foda, é foda o cara parar tipo uma vez que outra eu marco com meu bruxo lá onde eu gravo uma sessão no estúdio sábado inteiro, porque é o que eu, é o único dia que eu tenho tempo...

(Dulce) Quem é que é teu bruxo? Que estúdio que tu tá gravando?

(NJ) Eu gravo na Trinca Records, é um estúdio que tem lá na Zona Sul, no Camaquã, então, é, tem vários mano aqui da cena que gravam com ele também e tipo não tem muitos estúdios assim... Ou o pessoal grava assim nos estúdios isolados, mas a grande maioria grava assim, na Trinca, na Soundness Pro, que acho que agora fechou, e tem o Gueto Anonimato, os dois estúdios que é onde o pessoal da cena que mais grava, é a Trinca Records e o Gueto Anonimato, então acho que o meu EP até o final do ano se deus quiser tá na rua e é isso aí...

(Dulce) E de onde é que vem a grana pra fazer a gravação do estúdio?

(NJ) Do meu bolso, do meu trabalho, do meu suor, a minha mãe me apoia as vezes também, quando eu to desempregado a mãe, quando ela pode assim, ela me dá uma moral, já me deu muita moral já, mas a grande maioria assim, 80% é do meu trabalho, meu trabalho, e é foda, é foda porque eu ganho um salário de estagiário né... Então é tipo, é questão de prioridade, sabe, ou eu curto muito as festas, as coisas, ou eu faço rap, saca? Tem mês que eu tiro R\$200,00 pra ir pro estúdio, pra pagar uma música, ou pagar um beat, uma produção, um instrumental, e aí eu não saio, aí eu fico sem sair um mês inteiro, ou saio uma vez que outra assim, quando eu não vou gastar nada, mas é, inclusive tipo meu EP fala muito disso assim, nas entrelinhas ele fala muito, o contexto, a introdução do EP, a faixa 1 e as músicas inteiras em geral, nas entrelinhas ela fala muito disso de que eu usei essa questão da pré-história, que era onde o homem ele tinha que evoluir pra espécie não se extinguir e eu tenho que evoluir também, porque eu já fiz muita, muito de farrear o mês inteiro e depois não ter dinheiro pra pagar estúdio e falar “bá mas o que que eu quero pra minha vida? eu quero ser um artista mesmo, que as pessoas vão respeitar, ou...tenho que focar” então tipo muito disso eu falo no CD que é prioridades, é questão de prioridades, infelizmente eu não tenho dinheiro pra farrear e pra botar no estúdio. Tem uma frase, que é a primeira frase, que abre meu EP, que eu fiz uma colagem de uma outra música do Rashid que é um cara que também me influenciou bastante, veio junto com o Projota e Emicida assim, os caras eram até da mesma crew, “A Rua é nois”, e a primeira frase que ele fala que é dum som dele que chama “Hora de acordar” que ele fala assim: “O estúdio e a balada é trinta conto, me responde aí qual que você prefere?” então é isso aí, tá ligado? Eu tenho que...prioridades, agora assim eu to conseguindo mais assim priorizar o meu trabalho do que curtidão, porque eu acredito mesmo que isso vai me dar frutos daqui pra frente, to botando fé.

(Dulce) Daí tu vai lá, grava, prepara teu trabalho, demora pra ficar pronto, daí tu sobe esse trabalho ou tu vende CD?

(NJ) Não, CD é um bagulho que eu até pensei em fazer assim, mas bá é que CD seria mais pra juntar uma grana extra, sabe, porque eu não sei assim, tipo o Emicida fazia muito isso, de fazer o CD e vendia na rua, em tudo que é lugar, mas hoje em dia assim, eu to numa, num teto de que o público não tá muito mais escutando muito CD então tipo, já aconteceu assim de uns bruxos meu comprarem CD de outros cara e os cara nunca ouviram até hoje, então eu to mais na internet assim mesmo e na rua, no sentido de, na rua mais fisicamente, me apresentando, ou mandando freestyle assim, sabe na rua, até assim quando eu to na CB, tipo tomando uma breja, começa a rolar um freestyle, a gente troca uma ideia com os loucos aí “daora, meu”, “faço um rap, se quiser conferir meu trampo”, CD até faria, mas se tivesse sobrando mais uma grana assim... por que investir em CD é foda.

(Dulce) Então onde que a pessoa pode conferir teu trabalho?

(NJ) Na internet e na rua se me chamar pra tocar...

(Dulce) E qual é o perfil?

(NJ) Pode procurar lá no YouTube, Nego Joca, que vai achar meu canal, Lado Sul Hip Hop Corporation é o nome do canal, tá lá meu EP todo lá, no Spotify também, tem Nego Joca no Spotify, Deezer, essas porra toda aí, menos Apple, que eu não botei porque tinha que pagar mais e tal, e o do Lado Sul também, tá no YouTube e tá no Spotify, põe lá Lado Sul...

(Dulce) Como é que foi chegar no Spotify?

(NJ) Então, esse cara que o Bertoi, que é o dono da, João Bertoi, que é o dono da Trinca, ele já oferece pro cliente já, então quando tu grava o som ele já faz a mão, ele já põe no Spotify, então é um bagulho que tu não precisa se preocupar, e o nosso som do Lado Sul que a gente não gravou com ele, a gente gravou em outro estúdio, foi o Kaynan que botou, o nosso DJ, porque a gente é DJ, mas a gente também atua, a gente é Social Media, a gente é, faz analista, faz planejamento de marketing, a gente faz tudo, por que né, a gente não tem dinheiro pra pagar as pessoas e até porque a gente estuda, a gente tem três integrantes que estudam Comunicação, eu faço Publicidade e Propaganda, o Kaynan que é o DJ ele também faz Publicidade, agora ele parou, ele parou semestre passado, mas ele

fazia na Ritter e o Negrite, que é MC, ele faz Jornalismo na Ritter, então a gente meio que, nós três que temos essa noção assim de comunicação em geral, a gente meio que administra a página do Lado Sul, eu administro a minha...

(Dulce) E quem é que faz o corre, tu me disse que tem alguém do grupo que faz a relação entre o pessoal da festa e vocês assim...

(NJ) Quando alguém quer, normalmente a gente dá o...a gente deixa o e-mail, tem o e-mail do Lado Sul, tá lá na página e tal, mas ninguém, tipo quando é show de contratante tipo os caras até mandam e-mail, mas quando é tipo evento cultural assim, os caras não mandam e-mail, os caras vem falar comigo, "ah, Joca como é que é? A gente quer que vocês toquem...", "Ó meu, fala com o Marcelo", aí eu dou o contato do Marcelo e o Marcelo faz toda a mão, o Marcelo vê que que ele consegue, a gente tem tipo, a gente tem algumas regras pra fazer show, tipo se não for evento cultura ou beneficente, a gente não toca de graça, só se for assim um amigo muito próximo, só se for tipo vai fazer uma festa e os caras quer que a gente toque pra um amigo nosso, mas aí a gente exige algumas coisas como transporte e tal, mas do contrário a gente não toca de graça porque, pra não desvalorizar nosso trabalho mesmo... se a gente tocar uma vez de graça, os caras vão achar "ah, sempre de graça".

(Dulce) Nisso tu quebrou mais essa regra, tocou mais de graça que queria ou tá conseguindo ganhar um dinheiro com isso?

(NJ) Quando eu era tipo, o Lado Sul foi idealizado assim digamos em 2015, e aí foi posto na prática em 2016, até esse ano, até um pouco depois inclusive, a gente tocou de graça, em 2015 a gente tocou de graça sim, eu toquei muito de graça já, já toquei de graça de eu chegar na festa e tipo não ter um real no bolso pra voltar depois, sabe... chegar na festa e tu não poder tomar uma água de graça, isso eu já fiz bastante, já fiz bastante, porque eu era piá, era inocente e tal, achava que "bá o cara tá me dando a oportunidade de divulgar o meu trabalho, que que eu vou querer mais?", mas hoje em dia não, hoje em dia a gente tá bem, como é que diz, estrelinha, como os produtores dizem, os caras ficam brabo que a gente vai cobrar pra tocar, "onde é que já se viu vai cobrar pra fazer um show, que absurdo, tô te dando espaço na minha festa e ainda tu quer ganhar?", hoje em dia a gente tá bem estrelinha assim, a gente não toca de graça, porque, migo, não é assim sabe, tipo a gente já cansou de fazer tipo lá a gente passando maior perrengue, gastando dinheiro pra ir, pra voltar, gastando dinheiro com bebida e tal, e os caras lá enchendo o bolso na casa e dizer "ah não tenho, não tenho, dinheiro ta tudo contado", tá bom, a gente não toca mais de graça...

(Dulce) E tu não precisa me contar se não quiser tá, mas quanto cobra pra tocar numa casa?

(NJ) Isso aí depende muito, depende muito, a gente vai muito pela vibe do evento assim, porque já nos chamaram pra tocar, por exemplo, em festa assim que um cara que a gente conhece alugou um pico ali qualquer, que não nem uma casa de festa, é só um lugar vazio e fez uma noite e deu, aí tava cobrando uma entrada e tal, e aí tá beleza, aí a gente cobra, sei lá, o mínimo que a gente já tocou assim foi 200 pila, saca? Que é um bagulho mais simbólico assim, claro tirando a questão do transporte, ida e volta, consumir lá dentro, então tipo o mínimo dos mínimos que a gente cobra hoje, vou te ser bem sincero, até já falei, é a gente ir lá fazer nosso trabalho, voltar pra casa, aproveitar a festa, consumir alguma coisa, tomar um negócio e voltar sereno pra casa, sem gastar um real do bolso, é o mínimo dos mínimos dos mínimos, mas já aconteceu tipo ano passado nos chamaram pra tocar no, pra tocar na Semana Afrocultural de Gramado, que o pai de um dos nossos integrantes, que agora não tá mais, enfim, acabou que ele saiu, mas o pai dele é professor e tal, daí chamaram ele pra palestrar lá na coisa e perguntaram se ele não conhecia algum grupo, que eles tavam querendo chamar e tal, daí beleza, aí ele falou "meu filho faz parte de um coletivo de rap", aí falaram "ba que massa" e tal, aí pegaram, nos chamaram, nos contrataram e aí a gente ganhou, a gente cobrou R\$2.000,00 mais ou menos, deu 400 pila pra cada um, saca? Aquele dia foi um dia de artista, porque aí veio um carro lá da prefeitura nos buscar aqui, nos levou pra lá, depois pagaram almoço e tal, a gente tocou no anfiteatro lá, massa, depois nos trouxeram de volta pra Porto Alegre e nos pagaram ainda, aquele dia foi tipo "bá meu, quando vê dá, quando vê é sério esse negócio, quando vê dá pra gente viver dessa parada aí", então tipo é assim, saca? Mas já aconteceu de ganhar 100, 200, isso vai depender muito da, tipo já vieram nos chamar pra tocar no Pepsi, um evento que era, ia ter show de atração lá de cima, era nacional, atração nacional, os caras que são conhecidos nacionalmente, sempre do Rio e São Paulo, 99% das vezes, aí nos chamaram "vocês não querem abrir?" aí perguntaram quanto que a gente cobra, quanto que a gente cobrava, daí a gente falou assim, o nosso salário, o nosso cachê quando é assim é R\$1.000,00, tipo R\$1.000,00 mais gastos, e aí a gente cobrou R\$1.000,00 e o cara não quis nos chamar, a gente "beleza, vai lá pôe outro" e aí já vieram fazer enquete pra nós tipo o que que acontece, os caras são muito malandros, to falando demais? Tipo os caras são muito malandros, acontece muito de "bá, vai ter show de atração nacional aqui" aí eles sabem que vai ter algum grupo que vai fazer isso que eu fazia antes, que é vai querer abrir pra ganhar espaço e divulgar o trampo, que eles sempre falam, daí que que eles fazem, eles falam, não satisfeitos em não pagar as pessoas, eles fazem uma enquete, sondam uns cinco grupos, "vocês querem tocar?", beleza, aí eles soltam uma enquete lá no evento do Facebook, "Quem que vocês querem ver tocando?" e o grupo mais votado é o que vai tocar, aí eles falam que vão pagar cachê pro grupo, mas já fiquei sabendo que tem uns dois, três produtor aí que não pagaram os caras até hoje, e aí eles deixam os caras lá se guerreando, mandando mensagem no Messenger lá pra todos, "Pode curtir esse link aqui?", tipo eu acho muita falta de respeito isso, é meio que covardia, porque o pessoal que tá ali, como eu falei se fosse eu quando tava começando em 2012 eu tocava até por um aperto de mão, o que eu queria mesmo era mostrar o meu trabalho, sabe? Mas enfim, desculpa aí, me estendi demais... Desabafei...

(Dulce) É ótimo te ouvir... Tu já viveu de música ou isso não chegou a acontecer ainda?

(NJ) Não, não, tá bem longe ainda, se eu fosse viver de música agora, tava morando na rua...

(Dulce) Eu vou perguntar algumas coisas sobre, de novo, a cena que tu me respondeu no questionário, mas pra entrevista é importante também...

(NJ) Não tem problema...

(Dulce) Tu me disse que ouve música em casa, que ouve rap em casa, como é que tu ouve e como é que tu... quais as músicas, quais os raps que tu escuta mais? E aí pode não ser necessariamente uma banda, um crew, um grupo, mas pode ser onde, que tipo de atividade tu tá fazendo quando escuta esse tipo de coisa...

(NJ) Cara, eu escuto música pra quase tudo assim, eu só não escuto música quando eu to vendo TV, ou quando eu tô tomando banho também, porque até quando eu vou dormir eu escuto música assim, ponho o fone no ouvido até eu pegar no sono, escuto música quando eu to estudando, escuto música quando eu to navegando na internet, escuto música quando eu to comendo, tipo como com o prato e os fones de ouvido na cabeça, comendo, eu sou meio viciado assim em escutar música, e assim, no rolê assim, sempre, só vou em rolê que toca música, não faço outra coisa assim, tipo teatro, essas coisas assim eu não frequento muito, cinema, é muito raro, cinema pra mim não é uma questão de "ah, vou ver um filme assim", às vezes uns amigos assim "ah vamo dar um rolê", às vezes o cara ta com uma mina assim no cinema "ah, vamo no cinema" e tal, mais pelo programa em si, não pela mídia, cinema, é então eu escuto assim, eu escuto muito mais rap internacional, que é da onde eu pego, até por uma questão mais mercadológica, assim até eu

vou te dizer, do mercado em si, que tipo entra muito aqui assim, entra, passa que nem água assim, e também por que eu sei que eu enquanto rapper, eu sei que tudo que é, o rap de amanhã vai ser tirado do rap de hoje dos Estados Unidos assim... Então agora tá na tendência do trap que tipo quando bombou trap lá, daqui a pouco bombou o trap aqui, então eu meio que tento pegar um pouco de referência pra fazer algo novo aqui primeiro, digamos assim, ser uma novidade aqui, não sei lá fazer o que já tá todo mundo fazendo aqui, mais por isso também, eu não sei se eu já não sai do foco da pergunta...

(Dulce) Tá legal... É, qual que é a principal motivação hoje pra tu fazer rap?

(NJ) Amor, eu acho que seria, é amor, o rap já me machucou bastante, já, vou te dizer, já pensei em largar várias vezes, mas eu faço porque, apesar de eu não ganhar dinheiro com ele assim, a sensação de tu tá em cima de um palco assim, as pessoas te ouvindo, isso daí nada vai pagar, talvez eu tenha um dia que parar com ele por questões de, do sistema que eu vivo, onde eu tenho que ganhar um dinheiro pra me manter, e aí dinheiro versus tempo talvez chegue um dia que eu não tenha mais tempo pra fazer rap... É a principal opinião, dinheiro é óbvio que eu quero dinheiro né, eu quero dinheiro, se um dia eu tiver a oportunidade de poder viver de rap eu vou ficar muito feliz, vou tá realizado, mas eu sou rapper aqui, agora, não ganho quase nada assim, se for parar pra ver o que eu ganhei com rap na minha vida comparado com o que eu ganhei trabalhando por exemplo em empregos convencionais, digamos assim, não é nada, mas eu faço por amor, faço por amor, sempre fiz por amor, sempre vou fazer por amor, eu amo música, eu amo rap e eu amo levar mensagem pras pessoas, levar uma vivência minha e ver que as pessoas gostam e sentem um sentimento com aquilo e, sei lá, aquilo vai agregar algo pra elas, acho que esse é o principal motivo pelo que eu faço rap...

(Dulce) E pensando também agora naquilo que você gosta de escutar, não só de fazer, tu faz rap, tu escuta rap, nesses dois momentos que às vezes são diferentes né, qual que é a motivação do rap, pra que que tu acha que serve rap na vida?

(NJ) Na minha vida ou na de... Eu acho que o rap é, como eu posso dizer, eu acho que o rap assim pra sociedade, pra sociedade em geral, assim, que que ele serve na sociedade em geral acho que é isso, é uma forma da gente melhorar o mundo, saca? Da gente denunciar assim tipo as patifarias que acontecem no mundo, e de entreter também, saca? Eu acho que o rap, como o papel de outra assim música, ele também tem que entreter, mas eu acho que o grande diferencial do hip hop é esse mesmo, de a gente botar o dedo na ferida da sociedade e cobrar as coisas, eu acredito muito na música assim como poder de revolução, tenho muito isso, e já vi, pra mim isso já se concretizou, artistas como Racionais e tal, eu acho que o grande papel do rap, o que diferencia ele dos outros estilos musicais, digamos assim, é esse poder de cobrar a mudança da sociedade, é isso, não sei se era isso que tu queria...

(Dulce) É eu não vou te perguntar de novo as questões de plataforma que tu usa, porque tu já me disse no questionário, mas assim queria que comentasse um pouquinho, tu tava dizendo agora há pouco da importância ou da falta de importância do CD hoje, porque as pessoas não usam mais... Então se elas não usam CD, o que elas tão usando e por que tu acha isso, tanto como tu como consumidor quanto como quem faz rap, também como rapper...

(NJ) Então, eu acho que eu enquanto consumidor assim, eu acho que a ascensão assim social, da sociedade inteira, eu falo por mim assim, a minha família ascendeu pouco, mas dentro desse pouco muito, tipo computador era uma coisa que quando eu era piá não tinha, era um bagulho que era foda assim, é muito engraçado que tu morar em condomínio que tu consegue ver, o meu condomínio era condomínio de classe média e aí tu consegue ver bem, eu lembro que media quem que era o pessoal que tinha mais poder aquisitivo pelo videogame, quando saía assim um videogame, tipo quando saiu lá o Super Nintendo, aí tu sabia quem era o pessoal que tinha mais dinheiro, que era o pessoal que ia comprando primeiro, e eu era sempre um dos últimos a comprar os videogames, quando eu comprava um, não dava muito tempo já saía outro né... E enfim, com essa questão do CD, quando saiu o pen drive, MP3, primeiro o MP3, depois o pendrive e tal, aí eu comecei a notar assim, porque eu moro, o meu condomínio, fica do lado de uma vila, assim sabe, e eu estudei num colégio que é perto dali, público, então desde piá eu sempre interagi com o pessoal, consigo ver que é muita pouca gente hoje assim sabe, que escuta CD e eu dou esse mérito à ascensão social, sabe... Do governo passado, e eu enquanto rapper também acho que é isso, acho que é a mesma causa, se adaptando ao mercado que de repente não tem mais, até pro...achei que até meio que inverteu a lógica do CD e do vinil, quando veio o vinil o pessoal quis, quando veio CD o pessoal que escutava vinil era o pessoal que não tinha dinheiro pra comprar um aparelho de CD, daí hoje em dia o pessoal que escuta vinil é o pessoal que tem dinheiro, porque o vinil tá caro agora, tá super valorizado, então acho que esse bagulho do CD é a mesma coisa, acho que o pessoal tá meio que escutando, quem escuta CD hoje é o pessoal mais cult, que vê mais no CD esse valor mais sentimental, alguma coisa do tipo, o pessoal mais pobre ou não tem ou se tem tem uma caixinha de som ali, aquelas pequeninhas, que tu põe o bagulho e deu, já sai o som ali, tá ligado...

(Dulce) Como é ser negro em Porto Alegre hoje?

(NJ) Então essa pergunta é difícil de responder porque daqui de Porto Alegre eu só saí pra ir pra Santa Catarina e foi pior, te digo... já me chamaram até de baiano lá em Santa Catarina, mas eu, eu sinto o racismo, acho que isso eu poderia te responder com mais propriedade se eu tivesse uma vivência em outros estados e tal, mas é engraçado assim pela questão assim, pela questão até tu vendo TV tu já se sente excluído aqui em Porto Alegre, principalmente quando é canais de rede nacional, assim sabe, que eles vão retratar o gaúcho, falam como se o Rio Grande do Sul não tivesse preto, tá ligado? Muita gente eu já ouvi, eu tenho amigos virtuais, quando eu conversava com eles e falava que eu era gaúcho e eles ficavam "Como assim gaúcho? Ba, capaz, achava que não tinha preto aí", é a imagem que os caras tem, tem força e eu inclusive por muito pegar esse estereótipo eu achava que Santa Catarina também não tinha preto, quando eu fui pra lá eu conheci vários preto, tá ligado? Fui pra Florianópolis, fique hospedado num hotel ali uma vez que fui pra ir no show do Wiz Khalifa que é um rapper americano que eu era fã afu, sou fã, e aí eu fui, meu hotel era perto duma vila que tinha assim, era lá no centro, acabei passando lá, fui comprar uma cerveja, e aí vi vários pretos assim, até troquei ideia com alguns, falei que eu não era de lá, então eu acho que eu posso dizer que por ser gaúcho é mais essa questão assim de dessas cultura de embranquecimento do Sul, o Sul é ali a área ariana do Brasil, que não tem, que só tem branco e tipo os negros não tem, a gente já não tem reconhecimento nenhum na história, saca? Tipo ninguém fala do massacre dos Lanceiros Negros lá, tipo os caras "ah, aconteceu aí", ninguém fala da filha da putagem que foi, eu acho que essa vivência mais que eu tenho assim, enquanto gaúcho, de repente quando eu sair daqui, ver como é que é o racismo, como o racismo me afeta no Rio, em São Paulo, por exemplo, aí eu posso ter uma experiência mais completa, assim digamos, ou até em outros países...

Transcrição 9. **R.R.** Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (49 min.). Porto Alegre, RS, 28 de agosto de 2017.

(Dulce) Entrevista com RR, 28 de agosto de 2017

(R.R) 13 horas e alguma coisa

(Dulce) É, isso aí, vou fazer algumas questões, algumas perguntas que a gente já bateu papo, já conversou, eu já sei alguma coisa, mas eu prefiro te fazer de novo a pergunta pra ficar sistematizado na entrevista, tá? Qual que é teu nome artístico e como tu prefere ser chamado?

(R.R) R, do R, prefiro ser chamado de R.

(Dulce) Tu nasceu aqui? Tu sempre viveu aqui?

(R.R) Nasci em Porto Alegre, mas tipo só nasci, nasci no Mãe de Deus, no dia 13 de setembro de 88, inclusive meu aniversário tá chegando a gente vai fazer uma festa aqui na casa, dia 16 de setembro, e moro aqui desde o primeiro dia de vida né, porque minha mãe e meu pai tinham comprada uma casa aqui no Novo Esteio que é o bairro ali, justamente naquele ano, então a gente só foi pra lá só porque na época eu acho que ela tinha um convênio por causa do trabalho e tal, então conseguiu ser no Mãe de Deus e aí vim pra cá no primeiro dia já...

(Dulce) Nunca morou em outra cidade então?

(R.R) Não, sempre no mesmo lugar em Esteio...

(Dulce) Tu tem 28 né?

(R.R) Tenho 28, faço 29, última vez que eu vejo o 2 na frente...

(Dulce) Qual que é a tua principal ocupação no momento?

(R.R.) A minha carreira artística enquanto MC do grupo R, eu administro toda essa carreira, hoje o R se consolida como empresa, então tipo como qualquer empresário eu também tenho as tarefas burocráticas pra cumprir, mas pra além disso o meu tempo se divide quase que meio a meio hoje ou talvez um pouco mais aqui do que lá no R na Casa do Hip Hop como coordenador de autogestão e sustentabilidade que é a parte que me cabe hoje de tá buscando relações pra dentro desse espaço, buscando possíveis prospecções de captação de recurso, pra que a casa se torne de fato autosustentável e a gente consiga gerar emprego e renda aqui pra uma grande parcela da comunidade hip hop do Rio Grande do Sul.

(Dulce) Tu me disse que tu é publicitário, tua escolaridade é nível superior, é isso?

(R.R.) É, na verdade, o meu nível superior eu estou me formando em breve, to cursando ainda, me formei no Técnico em Publicidade no Colégio Cristo Redentor, porque eu sabia que eu ia demorar mais tempo pra faculdade né...

(Dulce) Então tu chegou a cursar faculdade?

(R.R.) Sim, eu curso, na Ulbra, e aí, eu acabei que, o Cristo Redentor também é da Ulbra, então na verdade eu quis antecipar um pouquinho porque eu sabia que eu ia demorar mais no superior pra me formar, mas eu sabia que eu precisava de uma formação a mais do que somente o segundo grau, então me formei no Técnico e to aí cursando, em breve, se deus quiser formo na faculdade.

(Dulce) E aí, o que tu fazia antes de ficar só cuidando da tua carreira, do rap e da Casa de Cultura Hip Hop?

(R.R) Eu comecei a trabalhar quando tinha 17 anos, na verdade, formalmente, eu já trabalhava desde os 13, 12 anos, como auxiliar de pedreiro dos meus tios, em várias construções lá no meu bairro eu ajudei, virando massa, subindo tijolo, etc, e hoje tamo aí né de mestre de obra aqui na casa também, mas quando eu tinha 17 anos eu entrei num projeto que se chamava Jovem Cidadão Consciente, que era um projeto da Guarda Municipal, justamente pra aqueles elementos que tinham problemas, etc, etc, eu na verdade eu não tinha problemas em relação, jurídico ou a drogas, outras coisas, porque eu não fumo e nem bebo, nunca bebi, nunca fumei, porém eu era aquele cara que saiu do Ensino Médio e não, tipo, eu tentei a UFRGS, não passei na UFRGS, então fiquei bem dizer fazendo nada, entendeu? Eu tive um ano fazendo nada, em 2006, eu gravei meu EP, tudo mais, a gente ganhou o prêmio Utus no Rio de Janeiro, mas didaticamente assim, em relação a estudo eu não fiz nada, então 2006 eu passei esse ano inteiro sem fazer nada, em relação ao estudo, algo produtivo, a não ser obviamente meu trabalho, mas 2007 eles me convidaram então, eu tive uma vaga numa pré-seleção de entrar nesse projeto, que esse projeto era justamente o que, eram esses jovens, transformar esses jovens em lideranças, entendeu, eu fui como Jovem Cidadão pra escola onde eu estudei, meu Ensino Fundamental, então qual era minha função lá, era ficar, ajudar as diretoras, as professoras, no recreio, quando a molecada dava briga, ia lá separava, fazia uma mediação de conflito, pra a atravessar a rua quando tava vindo carro, pedia pros carros parar, a criançada atravessava a rua, então isso foi meu primeiro emprego, eu ganhava R\$200,00 reais pra trabalhar meio turno, avaliando bem hoje, era injusto, tá ligado? 200 pila pra trabalhar meio turno, mas foi uma experiência boa, porque era um projeto que trabalhava o espírito de coletividade, trabalhava a questão de respeito ao próximo, enfim, lá eu aprendi muita coisa assim, final de 2007 eu fui um dos destaques nesse projeto, e aí eu fui convidado pra trabalhar numa empresa de carteira assinada que é Real Rodovias, empresa de ônibus da cidade, eu entrei como auxiliar de largador, largador é o fiscal aquele que comanda a chegada e a saída dos ônibus, diz “ó meu, vai”, “segura”, então eu entrei como auxiliar, um ano depois eu passei a largador, tipo eu passei como um cargo de chefia, digamos assim, então era bacana porque ali eu exerci esse espírito de liderança que eu aprendi no projeto e muito mais do que isso foi uma experiência, porque ali eram pessoas de diversas ideias, na sua grande maioria todos mais velhos que eu, porque eram todos motoristas, todos, então eu era o mais novo assim, e foi uma experiência boa por causa disso assim, de aprender, 2009 eu tive uma proposta de trabalho na Cufa que não se concretizou, e acabei que eu saí desse meu emprego e fiquei sem os dois empregos.

(Dulce) A Cufa onde?

(R.R.) De Porto Alegre, porque eu trabalhava na Real Rodovias, saí com a proposta lá e acabou que, não virando projeto o que eles iam fazer, então eu já tinha saído do meu trabalho, eu fiquei sem emprego, entendeu? Fiquei a nada, e aí como eu já cursava Publicidade na faculdade, eu comecei em 2008, já vão fazer 10 anos, nossa, e aí eu acabei que tive uma convocatória de estágio na Secretaria da Cultura de Canoas, então fui lá fiz uma experiência muito boa, aprendi dos processos burocráticos dentro de uma secretaria, como que é que, eu entrei muito mais, eu entrei na verdade juridicamente como estagiário de Publicidade, da área da Comunicação, mas meu trabalho lá era tipo um office boy, tá ligado? Então eu levava projetos, processos pra outras secretarias, fazia o meio de campo, enfim, aí foi uma experiência boa que eu tive, na última semana, quando eu saí da Secretaria da Cultura tive uma proposta de estágio na comunicação do Trensurb, então eu fui também pra Trensurb, fiquei uma semana lá aí eu tava em casa, me ligaram “cara, vai ter um show do MV Bill no Guajuviras, tu não quer vir aqui fazer a apresentação do evento?” e “bá meu, to trabalhando e tal, eu preciso de

cachê porque porra ta difícil...”, “ba, Rafa, cachê não tem, mas vem aí, vai valer a pena, a gente pode tentar outras coisas”, pessoal da prefeitura de Canoas que me ligaram, que eram as relações que eu tinha né, daí eu peguei e fui e acabou que quando eu cheguei lá, fiz a apresentação do evento e foi muito legal assim, a galera gostou e por já conhecerem também o trabalho do R teve toda uma identificação e tal e rolou um convite por parte do Secretário de Segurança de Canoas pra mim ser educador na Casa da Juventude que tava sendo inaugurada naquele dia.

(Dulce) E onde que é a casa?

(R.R.) No Guajuviras, e aí o que que aconteceu, eu tava sem emprego e totalmente perdido assim em relação a financeiramente, o R não me rendia nada ainda de fato, não era coisa pra poder viver, rendia esporadicamente, e aí me rolou esse convite pra eu trabalhar, aí eu fui, comecei como educador de música, um ano depois eu fui promovido a coordenador, fui promovido a coordenador da incubadora social que foi uma frente da casa que não existia, eu inventei essa frente, criei essa frente, a comunidade abraçou, e foi tão valorizada que eles tiveram que me promover a coordenador, tá ligado?

(Dulce) Mas antes tu fazia um papel de educador de música?

(R.R.) De música, exatamente

(Dulce) E que músicas vocês trabalhavam?

(R.R.) A gente trabalhava com produção instrumental de beats, de batidas de rap dentro do estúdio, lá tinha um estúdio público

(Dulce) E que que vocês usavam de material?

(R.R.) Era, a gente tinha os computadores, então eu ensinava nos computadores eles a mexerem nos programas de edição de música, então a gente começou com isso, eu produzia discos na comunidade, eu era técnico de áudio lá do estúdio também e aí acabou que numa dessas, a Grazi Liz, que é uma menina que tem um grupo de rap aqui no estado, eu produzi o primeiro disco dela, ela não foi minha aluna diretamente, mas foi, entre outras, minha aluna dentro do estúdio, na formação que ela teve na Casa da Juventude, então foi muito importante isso, com isso nessa promoção a gente ficou até 2013, no dia 06 de maio de 2013 eu fui demitido, sempre eles alegam que é contenção de gastos, de custos, mas enfim, eu fiquei com as minhas mágoas em relação ao projeto porque com certeza me demitiram porque o que eu tava fazendo tava aparecendo demais, entendeu? E muitas vezes o poder público não liga pra o que está acontecendo de fato, e sim só pra números, tá ligado? E por mais que os números fossem positivos, mas tu não pode aparecer mais que eles, tá ligado?

(Dulce) Por que tu acha que é uma forma de manter as coisas como estão?

(R.R.) Exato, manter sob controle...

(Dulce) Vão dar uma oportunidade mas não pode ter crescimento nessa oportunidade...

(R.R.) Exato, exatamente, exatamente isso, então foi isso que aconteceu assim, aí quando eu saí eu peguei o dinheiro da rescisão, peguei e investi todo esse dinheiro da rescisão no R

(Dulce) Tu era contratado?

(R.R.) Eu era CLT, exatamente, contratado pela Fundação La Salle, quem geria o projeto, fazia toda questão de fazer contratação, etc, administração do dinheiro, era a Fundação La Salle via Prefeitura, porque esse projeto começou com o Pronasci, que era um programa federal, da época que o Tarso Genro era Ministro da Justiça, e o Pronasci faliu, por má administração entendeu, quebrou, e aí a prefeitura de Canoas na época, o Jairo Jorge era Prefeito, por não deixar que acontecesse essa quebra ele aguentou, a Prefeitura de Canoas aguentou a Casa da Juventude com custo alto, mas aguentaram, e aí acabou que tipo acabou que depois rolou isso aí em relação a minha parte, e aí eu investi todo dinheiro que eu ganhei, que não foi muito na real, não foi grande dinheiro, mas me deu condição de abrir a empresa, do R, comecei como MEI, naquele ano a gente faturou 71 mil reais, no ano de 2013...

(Dulce) Só com show?

(R.R.) Só com show e produtos e bagulhos...

(Dulce) Música também venderam?

(R.R.) Música, mas é que música não entra na parte de eu emitir nota porque eu ganho como direito autoral, eu sou filiado a UBC, que é a União Brasileira de Compositores, que todo mês me paga, a música tocou em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Portugal, na Argentina, eles fazem toda essa busca, as rádios mandam a receita, e eles depois enviam pros músicos...

(Dulce) Então esse valor que tu emitiu foi só de serviço contratado diretamente com vocês?

(R.R.) Exatamente, serviço contratado direto com a gente, do qual eu emito nota e aí com isso a gente ultrapassou o limite do MEI, o limite do MEI, que era 60 mil, é 5 mil por mês, tive abrir o Simples, hoje a gente é Simples, o dia que eu ultrapassar o Simples eu vou tá milionário, que o Simples é até 3 milhões e 600 por ano, mas...

(Dulce) Mas tu me disse outra vez que tem...

(R.R.) O plano, ah sim com certeza, tem plano...

(Dulce) Até quando?

(R.R.) Até meus 33, faltam 4 anos, porque eu já to quase com 29 aí, mas o plano é assim, estar milionário, mas não milionário na perspectiva de ostentação e tal “ah, eu estou milionário”, mas de ter condições maiores de fazer coisas maiores pelo mundo, entendeu? A gente sabe que a transformação do mundo vai se dar a partir do poder, e ter poder e tu saber usar esse poder pra coisas boas é algo lindo, e tenho certeza que se eu conseguisse chegar aonde eu almejo, ia fazer coisas muito maiores, porque a gente sem dinheiro já tá fazendo a maior casa do Hip Hop da América Latina, imagina se eu tivesse mais condições, entendeu?

(Dulce) Tu acha que o rap proporciona essa ascensão social?

(R.R.) Com certeza o rap proporciona, tu tem é que estudar a relação de mercado e o produto do qual tu oferta, hoje em dia a gente vê, vamos supor, a 1Kilo, é o grupo que tá mais hypado na internet hoje em dia, tá ligado no que eu to dizendo né? E aí eles conseguiram através das músicas, através de estratégia, entrar e dominar esse nicho que é algo que muitos grupos de rap não conseguem, seja pelo estilo da música, seja pelas letras que cantam, que são letras mais de amor, seja pela estética dos meninos, jeito que se vestem, são meninos brancos, então tem uma série de coisas que acrescentam, mas o rap proporciona isso e essa ascensão social não significa somente a questão financeira, mas questão intelectual, de tu ser uma pessoa melhor, de tu ser... enfim uma pessoa que consegue ter uma visão mais humanitária do que individual, uma visão mais coletiva, e eu acho que isso tudo tá ligado na questão de ascensão, cada vez que o ser humano consegue evoluir ele tá ascendendo também na vida, é por aí....

(Dulce) Com quem tu aprendeu a fazer rap?

(R.R.) Não aprendi com ninguém, aprendi sozinho, aprendi sozinho, eu entrei no rap sozinho, tipo eu comecei a fazer rap quando eu ouvi “Doutor destino”, do Da Guedes, foi uma música que me tocou muito assim, por incrível que pareça eu conheci essa música em 2002, 2004 eu tava conhecendo o Nitro Di já, e aí foi um lance muito enfim foi fora do normal assim pra mim, porque eu era um moleque, tava conhecendo tipo um ídolo, foi um lance foda que me inspirou muito, mas se eu fosse pegar assim de fato pessoas que me inspiraram, aí sim, mas pra começar, quem me ensinou, não teve, comecei sozinho, mas tive mentores, entendeu? Pessoas chaves que me, talvez não induziram, não seria essa palavra, mas me guiaram pra o que eu sou hoje, tanto de caráter, quanto de profissional, quanto de humano assim, tipo Bastardo da SNJ, o Nitro Di, Da Guedes, o Beba, da J Clipe, foram pessoas, o Mark B, foram pessoas essenciais assim na minha construção, fundamentais, fora minha família, que sempre me apoiou, mas digamos assim essa galera mais do hip hop, a Lica, que é uma mina que canta rap também, Lica Tito, foram pessoas essenciais na minha construção então digamos que foi isso assim...

(Dulce) E a tua família, na tua casa se escuta rap?

(R.R.) Não se escutava rap, a minha família aprendeu a gostar e a ouvir rap junto comigo, na medida que eu fui conhecendo, eles também foram conhecendo, porque eu trazia pra dentro de casa isso, botava no som, ficava escutando, todo dia, eles foram escutando, obviamente houve uma resistência por parte deles de entenderem o que era isso, não de ser contra, mas de entender que movimento é esse, que na época era muito marginalizado, era criminalizado, na verdade, o movimento hip hop na época que eu comecei, por mais que foi depois, já era século 21, anos 2000, mas ainda assim trazia toda aquela carga histórica, que foi de luta, de grupos históricos do Brasil, como Racionais, DJ1, tantos outros que pavimentaram a estrada, de bater de frente, de trazer uma mensagem crítica, um dedo na ferida, então se tinha um certo receio assim de não conhecer, mas à medida que foi conhecendo assim, a minha família se tornou hoje a família mais rap do Brasil, porque na minha casa, quando a gente fazia os eventos aqui, da Semana Hip Hop, outras coisas, sempre foi uma casa que recebeu pessoas, tipo rappers de todo Brasil já foram na minha casa, em 2006 o Bastardo morou lá, de 2006 pra 2007 o Bastardo da SNJ morou lá, na época a SNJ bombava então tipo era foda porque eu tinha um ídolo morando na minha casa, e aí aconteceu que foi assim, a evolução dele se deu junto com a minha...

(Dulce) E com quem que tu vive, Rafa?

(R.R.) Eu vivo com meu pai e com a minha mãe

(Dulce) Tem irmãos?

(R.R.) Tenho uma irmã que é casada, saiu de casa ano passado, ela comprou um apartamento, a gente ajudou ela a comprar, enfim, hoje somos só nós três ali, eu logo saio também, to fazendo meu pé de meia também...

(Dulce) E teus pais são jovens?

(R.R.) Relativamente, a mãe tem 52, o pai tem 66, vai fazer 67 esse ano, só que o pai é uma cabeça mais nova assim também, então os dois são jovens assim, por mais que o pai e a mãe sejam uma diferença de idade de 15 anos, mas os dois são muito jovens assim, se completam, sempre apoiaram, se não fossem eles talvez nem tinha chegado a nada que a gente fez assim sabe...

(Dulce) E fala um pouquinho mais assim de música, tu, rap é o primeiro, imagino, em preferência musical...

(R.R.) Na verdade não assim, eu escuto de tudo, eu sou um cara eclético assim, de sertanejo antigo até rock, tipo eu sempre falo assim que se eu não fosse do rap, eu seria do rock, gosto muito do Metallica, de outras bandas, do Blues, eu tenho um primo que ele é roqueiro e tal, ele começou com uma banda de metal pesado, hoje tem uma banda de rock instrumental, meio progressista, Quarto Sensorial, o nome da banda e ele é baixista, então foi o Bruno um grande mentor meu assim, meu primo, ele é dois anos mais velho que eu, pra me direcionar em relação a música, de ouvir músicas variadas, de ouvir possíveis músicas que eu poderia samplar pra fazer um rap, então ouço de tudo né, até porque a gente vem da geração dos anos 90, que desde Molejo, É o tchan, até...

(Dulce) Variedades de música né, e que que tu faz quando tá em momento de lazer?

(R.R.) É meio estranho assim, porque eu sou um cara que até tenho momentos de lazer, mas eu não consigo muito relaxar, tipo isso seja até um problema assim, que eu tenha que resolver interno, porque eu não consigo ficar parado, sem tá trabalhando...

(Dulce) Mas vamos imaginar assim, que tem um trabalho que é prazeroso, que trabalho é esse? Que é aquele que tu faz pra se divertir?

(R.R.) Então, eu acho que eu me divirto trabalhando aqui, entendeu? Me divirto fazendo a massa aqui, fazendo a obra, pra mim é prazeroso fazer isso...

(Dulce) Só pra entender melhor, tu tá no R e também aqui na Casa de Cultura Hip Hop, mas tu participa de coletivos, outros coletivos, outros espaços?

(R.R.) Participo de vários coletivos, agora a gente aderiu à campanha “Instinto de vida”, que é uma campanha do Instituto Igarapé, junto ao Instituto Fidedigna, Instituto Igarapé é um instituto do Rio, a Elona até teve esses dias no Pedro Bial e tal, tive com a Elona, a gente trocou alta ideia, essa campanha visa diminuição de homicídios na América Latina, atualmente morrem 144 mil pessoas por ano na América Latina, e com isso a ideia deles é nos próximos 10 anos reduzir 50% esse número, mas participo desses movimentos, é que na verdade a gente tá atrelado a muitos coletivos ao mesmo tempo, obviamente o coletivo que eu estou diretamente é esse, mas a gente tá atrelado a muitos coletivos, com nossa experiência a gente tem dado tipo forças e, enfim, participado indiretamente de outros coletivos também...

(Dulce) Eu tive aqui um dia, tu estava recebendo um pessoal que representa os imigrantes senegaleses, se eu não to enganada...

(R.R.) Sim

(Dulce) Tem mais grupos assim que vocês tão se organizando...

(R.R.) Muitos, muitos, hoje a nossa entidade é uma entidade guarda-chuva, vamos supor assim, uma coisa que eu to fazendo agora, eu não sei se eu te falei aquele dia, uma rede latino-americana de hip hop, um foro latino-americano de hip hop, qual é a nossa ideia? É nos próximos 10 anos ocupar os principais espaços de poder da América Latina, tipo a gente transformar o continente no que a gente acredita que seja uma coisa melhor pra todo mundo, entendeu, rico continuando rico, mas pobre podendo ser rico também, uma divisão de renda melhor, a gente conseguir, enfim... E aí qual é a nossa ideia com isso? A gente tem cinco pontos dentro desse grande encontro, que a gente quer fazer pro ano que vem começar a encaminhar as pautas, é empoderamento feminino, circulação, que é intercâmbios culturais independentes, política, empreendedorismo, que tá atrelado a economia da cultura, e um outro agora eu não me lembro, a nossa ideia com isso é justamente potencializar essas pautas todas em todos os lugares da América Latina simultaneamente, pra que andando simultaneamente, ao mesmo tempo que eu to trabalhando aqui, numa escala maior, porque o país é maior, sobre o extermínio da juventude negra, talvez no Uruguai eles estejam trabalhando também, obviamente numa escala menor, proporcionalmente de

população mas também ocorre lá o extermínio da juventude negra, ou se não for juventude negra, da juventude indígena, e cada um com a sua, a questão dos, da homofobia, as mulheres agredidas ou estupradas ou violentadas, ocorrem aqui, também ocorrem em Bogotá, ocorrem em Medellín, em Lima, ocorre em Quito, então a gente trabalhar essas pautas simultâneas pra que o impacto seja maior, eu acredito nisso, que trabalhando simultaneamente as pautas tem impacto maior de sanar elas, problemáticas como racismo, então a gente visa trabalhar em rede dessa maneira, eu conheço cada Fulano, cada menino, cada menina, que é liderança também, no seu país, e se tenha uma rede de milhares de pessoas junto também, então a nossa ideia é mobilizar a América Latina pra que esses próximos 10 anos a gente consiga fazer isso...

(Dulce) E essa rede tem nome?

(R.R.) Ela ainda tem um nome provisório, que é Foro Latino-americano de Hip Hop, e eu to indo pra Colômbia agora em setembro, pra justamente dar um start maior nisso, porque a Colômbia é meu maior referencial assim em relação a hip hop na América Latina, seja pela história que a gente construiu lá, seja pelo potencial que aquela galera tem, coisa que nem tem no Brasil, que eu me espelho muito de fazer e trazer pra cá assim, seria isso, to indo pra lá pra gente tentar articular esse encontro pro ano que vem e começar essa atuação massiva já.

(Dulce) Então quando você não tá trabalhando em tudo isso, vamos imaginar que tu tem um tempo livre...

(R.R.) Eu gosto de andar de kart, mas nunca andei sabe... Falta sempre pessoas, precisa de 12 pessoas pra andar lá no kartódromo, aí sempre falta gente, mas eu gostaria de andar de kart, tá ligado? Eu se eu não fosse da música eu gostaria de ter sido piloto de Fórmula 1, obviamente que a gente sabe que coisa de piloto de Fórmula 1 é coisa pra gente rica, né, então eu não teria condições de ter sido piloto, mas eu era muito bom, tá ligado? Dirigindo... Eu era muito bom, porque uma vez eu fui fazer um teste e eu bati o recorde da pista, então eu era bom na pilota de kart, bati o recorde, mas aí no fim, era questão de grana, mas eu gosto também mais de ficar em casa assim, olhando filme ou ir no cinema...

(Dulce) E tu vai em show de outros rappers?

(R.R.) Vou também, vou também, mas só de quem eu gosto, não vou de quem eu não vou...

(Dulce) Não vai curtir...

(R.R.) É, não é porque, não é em relação de gostar da pessoa, é da música, entendeu? Tipo eu não vou em show que eu não gosto da música, eu prefiro, gosto de músicas que me façam refletir, não dançar assim...

(Dulce) Aqui é mais difícil, porque se tiver um show aqui vão tá envolvidos né...

(R.R.) É todo show a gente já...

(Dulce) Mas se for em outra cidade aqui da região? Algum show que você não tá envolvido pra trabalhar, vai pra assistir?

(R.R.) Talvez, não sei, acho que não... Não é por questão de apoio, mas é que depende, que nem eu te falei, se eu gosto da música, eu vou, se não, não vou, tipo eu não sei né meu, eu gosto mais de ficar em casa, ver um filme ou chamar a galera pra fazer uma janta, sou mais assim, entendeu?

(Dulce) O R e o R, os dois têm perfis nas redes sociais que eu acompanho, quem que administra esse perfil, esses perfis?

(R.R.) Sou eu e os guris.

(Dulce) Tu faz teu e vocês fazem do R

(R.R.) Isso

(Dulce) E agenda?

(R.R.) Que que tem?

(Dulce) Agenda de trabalho, quem que organiza?

(R.R.) Eu, sou presidente

(Dulce) E, eu te perguntei isso da outra vez, mas eu queria ouvir um pouquinho, qual que é a tua relação com as pessoas que organizam festa ou os donos das casas, ou quem já contratou vocês, qual que é a relação?

(R.R.) É muito boa assim, a maioria dessa galera que hoje conseguiu assim ascender ao mercado do entretenimento, de festa, etc, começaram junto comigo, então tipo eu conheço a maioria, tipo os maiores festivais aqui do estado os donos são meus amigos, vamos supor, um exemplo é o Orion Festival, que vai ter agora em novembro, o Ricardo é dono da Orion e é parceiro nosso, teve aqui na casa, quer fazer parceria com a casa, grupos daqui, tocarem lá também, então eu tenho uma relação boa, obviamente tem algumas casas, de outros segmentos que eu não conheço, mas como se tem uma rede entre os produtores também, todo mundo se conhece e se conversa, as vezes eu ligo pra ti, tu vai ligar pra outro e eu já to lá, entendeu? então tipo essa relação é boa, é bom porque tipo a gente também é um grupo que nunca deu falha assim em relação a evento, tem muito grupo que é contratado e as vezes não vai, ou os caras vai fazer... A gente nunca fez isso, quem contratou sempre teve um serviço de excelência, de qualidade, entendeu? Da nossa parte, então é isso...

(Dulce) Tem muito lugar, tá fácil de achar lugar pra ir, tá fácil achar lugar pra tocar, tá rolando convite...

(R.R.) Não é que esteja tão fácil, mas é que o tipo de som que a gente faz não é uma música assim que o perfil de shows do R é muito mais em área aberta, do que propriamente indoor assim, numa casa de show, tá ligado? Óbvio que a gente faz show em casa de show, a gente domina qualquer palco e qualquer lugar que tiver pra fazer um som, mas eu acho que pela mensagem, pela estrutura de fazer...

(Dulce) Tem a ver com a filosofia do hip hop?

(R.R.) É, talvez, e a filosofia do hip hop é mais pra quem é mais do bagulho, entendeu? A grande massa, não quem diretamente, não quer parecer subentendido, na verdade quem produz festa também tem as filosofias do hip hop, mas eu quero dizer que, quem vai numa festa não vai lá pra ouvir, tipo uma mensagem, o cara ficar lá dizendo "não, galera, a gente tem que salvar o mundo", porque é justamente o momento que a pessoa tem pra extravasar, a pessoa vai pra se divertir, então tipo e né meu, o nosso som é isso, o nosso som é isso, eu não consigo fugir disso, não consigo nesse momento atual que o mundo vive tá cantando outra parada a não ser algo que possa contribuir diretamente numa melhora do país, entendeu? Então é dessa maneira assim...

(Dulce) E quem que são os teus parceiros na cena, além do pessoal do R?

(R.R.) Grupos?

(Dulce) Pessoas com quem você já tocou...

(R.R.) Todo mundo, bá, todo mundo, todo mundo...

(Dulce) Quem que são os inimigos do Rafa?

(R.R.) É, na verdade eu... (risada alta) na verdade, eu aprendi que alguém tem que ceder, tá ligado? Então se não são eles, vai ser eu, porque tipo assim, eu amadureci...

(Dulce) Quero saber das tretas...

(R.R.) Ah, já tive treta com vários caras, não eu tretar diretamente, mas os caras tretarem comigo por inveja, talvez, “ah, o R conseguiu, não foi a gente”, ou tipo assim “ah, R, vai tomar no cu”, ficar falando mal, eu não gosto de quem fica falando mal, ainda mais se eu conheço, vou lá e cobro, então tipo assim, eu já tive treta com várias pessoas, acho melhor nem citar nomes, porque já foi, mas são questões assim, que tipo assim, acabou que com o trabalho que a gente faz essas pessoas também caíram na real, “o Rafa não é o inimigo”, da mesma maneira que eu caí na real também, eles não são meu inimigo, tipo e outra, hoje em dia, eu nem perco mais tempo assim com tretinha, se for pra mim tretar, eu vou tretar com Prefeito, com Governador, ou com Michel Temer, entendeu?

(Dulce) Treta grande...

(R.R.) É, tipo assim porque eu não tenho mais tempo assim, Dulce, quando eu era moleque eu perdia tempo de ficar discutindo na internet, de ficar né...

(Dulce) Tá rolando muita coisa assim né?

(R.R.) É, mas é que eles são moleques, igual eu fui, eu sei que um dia eles vão cair na real, e se eu sei que posso adiantar esse processo, eles já caíram na real agora, entenderam que eles vão perder 5, 6 anos da vida dele só discutindo e babaquice, saca? Tipo aí demora muito mais tempo pro mundo evoluir, então a minha missão é justamente aqui na Casa fazer com que essa galera entenda que a gente não, a gente precisa ter pessoas conscientes no front de batalha do rap, da cultura hip hop, entendeu? Então tipo, eu devo, provavelmente guardo algumas mágoas e rancores com algumas pessoas, porque tem pessoas que tipo usam as pessoas, quando eu tava em ascensão em 2014, quando a gente lançou o disco, teve muita gente que colou na gente porque a gente tava famoso, tinha gravado com Emicida, com Rapadura, MV Bill, fazendo turnê na América Latina, foi pra Europa, aí muita gente colou, aí em 2016 quando deu uma baixa, que foi um ano que eu tive um monte de problema assim, acabou que tipo essa galera sumiu assim sabe, eu não tenho treta, as vezes eu tenho é uma certa mágoa, uma certa mágoa de algumas pessoas, mas é isso, eles lá, eu aqui, tipo assim, eu sei do meu potencial, eu sei onde a gente vai chegar, eu sei o que a gente tá fazendo, e tipo, eu gosto de uma competição, às vezes uma competição não seja sadia, mas se as pessoas querem competir eu gosto, de ver quem faz mais, quem faz melhor, eu sou um cara assim, entendeu? Talvez quando eu tiver meus trinta e poucos eu mude de visão, mas por enquanto eu sou assim, se tu quer falar, se tu quer ficar falando, então vamo ver quem faz mais e melhor, eu aposto que eu faço muito mais e melhor que qualquer um aqui hoje, qualquer um aqui no Brasil, se a gente for botar, vamo falar de hip hop, quem faz aqui hoje vamo botar pra fazer quem consegue tal coisa em tanto tempo, eu vou lá e faço, eu sou assim, me dá uma meta, eu vou lá e faço ela, dessa maneira, hoje a minha experiência é muito maior que qualquer coisa assim que eu já tenha feito, e eu acredito muito que o que eu já tenho e por ser um cara com pensamento coletivo, a cena vai crescer muito nos próximos anos, vai crescer muito...

(Dulce) Desde quando tu faz rap?

(R.R.) Desde 2002 quando eu tinha 13 anos, fazem 15 anos já

(Dulce) É fácil produzir rap...

(R.R.) É fácil, hoje em dia essa molecada faz na casa deles, tipo pega um computador, pega os timbre na internet, baixa ali o programa e faz o beat, pode ser bem ruim mas já fez, já gravou, já tá na rua, se a ideia for boa as vezes nem liga pra qualidade, liga pra ideia mesmo, então hoje em dia é fácil, na época que eu comecei não, na época que eu comecei tu tinha que ir no estúdio, normalmente era o estúdio dos caras do rock, porque ninguém do rap tinha estúdio estruturado, a galera do rock tava muito mais a frente

(Dulce) Hoje tem estúdio de rap?

(R.R.) Tem, vários, hoje tem muitos...

(Dulce) Com quem que vocês trabalham?

(R.R.) Ah, hoje, existia aqui a Soundness Pro, que fechou, mas existe o estúdio do Luiz Café que a gente trabalha, existe o do Policeno, tudo fora daqui, mas... São Paulo e Rio, mas aqui tem, daqui na verdade de rap, de rap, eu não trabalho com nenhum, mas...

(Dulce) Mas trabalha em estúdio de gravação?

(R.R.) Trabalho em estúdio que é de gente do rock, ou de ritmos distintos...

(Dulce) E esquema de aluguel também ou...

(R.R.) É, não é aluguel assim, tu paga por hora... então tipo se a hora é R\$80,00, tu paga R\$80,00 por hora pra tá lá dentro gravando...

(Dulce) É, porque tem outros que fazem de produção completa né...

(R.R.) Não, todos fazem, só que aí depende do que tu tá querendo fazer, eu assim prefiro gravar num lugar, porque eu trabalho tipo... O lance do rap é que tu tem que ter uma voz boa, a captação de voz tem que ser muito boa, porque pra tu fazer uma mix e master, a qualidade da voz importa muito, se tu mandar uma voz totalmente suja, mal gravada, fica muito difícil do cara salvar a música, tá ligado? Então eu prezo muito pela qualidade da voz, mas quando eu gravo, são três processos, a gente pega a batida com produtor, a gente compra o beat, trabalha, edita ele, mapeia o beat, grava a voz, manda esse pacote inteiro com a batida e mais a voz pra um terceiro, que é o cara que vai fazer a mix e master, que é a finalização, o cara vai fazer, manda pra ti, matou a charada, então a gente trabalha assim, pega com um, grava aqui, manda pra lá, recebe, lança...

(Dulce) Esses beats são sempre originais que vocês utilizam?

(R.R.) Sim, sempre originais, a gente produz nós

(Dulce) Porque tem alguns que você pode baixar, por exemplo...

(R.R.) É, na verdade eu comecei fazendo assim, comecei cantando em batida dos outros, pegava e baixava o bagulho e cantava, só que a gente viu que era muito melhor tu fazer um bagulho teu, original, e ficava a tua cara, teu sentimento e desde então a gente começou a fazer, hoje em dia a galera, o que eu te falei, é muito fácil...

(Dulce) Tu acha que essas tecnologias todas, claro elas ajudaram a ficar mais barato fazer rap...

(R.R.) Não só rap, qualquer música

(Dulce) Mas tamo focando rap, então... Você acha que uma apresentação ao vivo, um show, ela ganha com a tecnologia sonora também?

(R.R.) Como assim?

(Dulce) Se antes tinha um show com determinada qualidade tecnológica lá, hoje é mais fácil, mais barato vocês se organizar, você não tem uma grande produtora, você organiza o próprio show, se organiza um evento pequeno, é mais fácil de ter acesso a essas tecnologias hoje?

(R.R.) É que na verdade as tecnologias evoluíram, obviamente, mas não mudaram, o esquema de ser uma caixa de som de grave, outra de ser uma caixa de som de P.A, não mudou, desde 1900 e lá vai bolinha, agora o que que muda, numa apresentação mais qualificada, tu consegue ter um esquema de luz melhor, original do teu show, não é um esquema que o cara ali vai comandar de acordo com o que ele acha, ou de acordo com a batida da música, porque existe sistema assim, que vai tocando a música e o sistema já é padrão pra isso. mas também a questão propriamente dita de som e a questão é tu saber “ah, tal momento eu quero botar uma voz assim, vamo usar o pedal tal”, obviamente as tecnologias ajudaram, mas não tem muita diferença assim sabe... não tem muita diferença, desde um tempo de trás pra cá assim sabe.

(Dulce) Eu queria que tu falasse um pouquinho assim dos nomes, eu já te perguntei, quais são os rappers assim que tu mais respeita e admira...

(R.R.) Do Brasil?

(Dulce) Pode ser do Brasil, ou daqui se tu quiser...

(R.R.) Ah, o Emicida, pela questão empreendedora dele, é um grande exemplo, o Mark B, o Nitro, o Bastardo, são pessoas que eu respeito muito, são tantas pessoas, o Endrigo, que faleceu esse ano, do Irmandade Catraia, eles são, são pessoas que foram referenciais, que eu respeito pela atitude deles, eu respeito tantos outros, que não são conhecidos, que mereciam uma, um referencial maior, tipo Gagui lá de Pelotas, o Airton aqui de Sapucaia, o Pedrão de Montenegro, são pessoas que foram fundamentais assim pro hip hop do estado, que essa molecada nem tá ligada, mas que são pessoas que eu respeito pela atitude, pelo que são, o Chiquinho lá de Caxias, o Guido lá de Pelotas, pessoas geniais

(Dulce) Quando tu começou, tinha alguma coisa, algo que te marcou...

(R.R.) Como assim? Que que eu ouvi?

(Dulce) É, que que tu ouvia que te marcava assim...

(R.R.) Ah, era Da Guedes, entendeu? SNJ, Da Guedes e SNJ, Doutor Destino e Pensamentos, da SNJ, coisas que marcaram assim desde o início...

(Dulce) E daí tu voltou depois a se encontrar com algum desses artistas mesmo, que tu admira hoje...

(R.R.) Sim, sim, todos...

(Dulce) Tocou e trabalhou com eles?

(R.R.) Sim, todos eles, eu trabalhei, fiz turnês, moramos juntos, todos eles, foi massa porque eram ídolos e se tornaram amigos, entendeu?

(Dulce) Agora vou mudar um pouquinho o ritmo, pensar no Rafa como quem escuta música, não como quem produz, mas claro, as duas coisas tão muito combinadas, ainda mais pra quem faz isso da vida, tu escuta música em casa, tu já me falou, põe lá a família inteira escuta e tal, onde mais tu escuta música?

(R.R.) No fone, eu to sempre com fone, hoje eu não tava, tava sem fone, porque eu emprestei, pelo celular, eu baixo e fico escutando

(Dulce) E onde vai tá com...

(R.R.) Sempre, sempre, com fone, onde eu vou, celular tá me acompanhando

(Dulce) Teu celular tem internet?

(R.R.) Tem, quando eu boto cartão né...

(Dulce) Mas aí tu escuta offline...

(R.R.) É porque eu baixo né, então é mais fácil

(Dulce) Tu costuma fazer upload ou subir músicas em redes sociais?

(R.R.) Sim, sim

(Dulce) Tuas? Ou de outros artistas?

(R.R.) Não, só minha

(Dulce) E tu usa plataforma pra subir, já subi no Spotify porque eu sei, que eu acompanho

(R.R.) Sim, mas é que, na real a gente tem que atualizar mais nessas questões das plataformas, o próximo disco a gente vai dar vazão pra isso, em relação a digitalizar as músicas, mas acredito que hoje a principal plataforma que a gente trabalha é o YouTube e propriamente dito o Facebook, que tem um alcance instantâneo mais rápido que o próprio YouTube, depois o YouTube dá um alcance maior, mas de cara assim o Facebook dá uma largada maior, então a gente tem utilizado dessas duas maneiras assim...

(Dulce) E como é que foi pra colocar as músicas no Spotify?

(R.R.) Existem pessoas e programas e empresas que fazem isso, então tu contrata o serviço e as pessoas realizam esse serviço né

(Dulce) Quais os sites, aplicativos, plataformas, que você usa pra escutar música, nessa que você baixa em casa?

(R.R.) Eu uso só YouTube, nem uso tanto Spotify

(Dulce) Mas essas que você baixa no seu celular, baixa da onde?

(R.R.) Eu tenho Tubemate, que é um programa que eu baixo do YouTube direto, converto pra mp3, converto vídeo pra mp3

(Dulce) Aham, eu uso também, escuta online em casa ou não?

(R.R.) Escuto, no YouTube também

(Dulce) E como é que tu armazena as músicas, além de celular? Ou não armazena?

(R.R.) Só, só no celular

(Dulce) Não tem CD?

(R.R.) Não, não...

(Dulce) Quando que tu escuta rap? Pensa “não, agora eu tenho que escutar rap, não pode ser outro som”

(R.R.) Não tem um momento assim, depende do meu sentimento, quando eu to mais pra baixo assim aí eu boto um Aerosmith assim, entendeu? Aí quando eu to mais de boa assim, eu escuto qualquer coisa, quando eu to mais reflexivo aí eu boto um Faccção Central, então vai variando, entendeu?

(Dulce) Tu usa rede social pra compartilhar as músicas já te perguntei, mas tu nunca vai compartilhar a música de um cara que tu admira?

(R.R.) Compartilho, compartilho sim, se eu acho que vale a pena, compartilho...

(Dulce) Quais redes?

(R.R.) Facebook

(Dulce) E onde tu costuma saber novidades do rap, além da relação direta que tu tem com as pessoas, tu tem uma ampla rede né...

(R.R.) Chega em mim, eu não busco nos sites, chega, chega, porque os donos das revistas são meus amigos então chega em mim a informação, donos de... que tem programa em rádio, tem programa na TV, chega em mim, entendeu? Então é dessa maneira, eu também, claro, obviamente, quando eu digo que chega em mim não quer dizer que tudo que vai sair vem “ô Rafa, vai sair tal coisa”, eu também to sempre em diálogo com as pessoas, então a informação acontece...

(Dulce) Qual que é o teu maior sonho ou desejo em relação ao rap?

(R.R.) É isso que eu te falei, dar essa guinada nesse projeto da rede Latino-americana de Hip Hop, fazer isso acontecer, pra que o rap, enfim a cultura hip hop como um todo, tenha condição, mas pra além disso, é como a Nina Simone disse “um artista tem que refletir o seu tempo” e tipo eu não consigo ser um artista de outra maneira, não consigo só cantar por cantar...

(Dulce) E esse desejo é teu? É só teu ou tem mais gente?

(R.R.) Não, não é só meu, não sou tão louco assim, tipo tem outros R em outros lugares da América Latina, por isso que eu to te falando...

(Dulce) E o teu desejo assim, de vida, pro Rafa, que tem lá a família em casa e tal...

(R.R.) Eu quero ter a minha casa, quero ter meu carro, quero ter outras casas assim pra mim administrar e ter um dinheiro no futuro, quero poder viajar, quero depois ficar só viajando...

(Dulce) E em relação ao rap?

(R.R.) Em relação ao rap é fazer com que o rap se mantenha dentro da cultura hip hop, que ele tem se distanciado, e a galera tem perdido a essência da cultura hip hop que é da onde o rap veio, então o meu desejo é fazer com que o rap se mantenha na cultura hip hop, mas que essa ascensão que o rap tem individual seja pra todos também da cultura hip hop, que um grafiteiro seja reconhecido, hoje a gente tem nomes como o Kobra, Os Gêmeos, são internacionalmente reconhecido, mas tem tantos outros que mereciam também, fazem telas lindas, etc, tantos B-Boys, B-Girls, tantos DJs, que tão tocando mundo a fora, a gente tem o DJ Madruga, que é aqui de Porto Alegre e tá morando em Portugal, tá fazendo um trabalho foda lá, nem chega aqui, então o meu desejo enquanto o rap, mas para além do rap também, é ver essa ascensão continuar, tipo a gente tem grandes nomes na linha de frente, como Projota, ta dentro de gravadora, e ele conseguiu fazer com que a gravadora não o dominasse, conseguiu fazer um lance foda, então são pessoas que merecem respeito, merecem ser prestada uma atenção também, porque se a gente tá falando de rap, tá falando de ser bem sucedido, tem que prestar atenção nos melhores, entendeu? Não adianta tu prestar atenção no Zé aqui da tua quebrada, se o Zé não entende nada de empreendedorismo, por mais legal que o Zé seja, tenha respeito, tenha conceito, mas quem tá fazendo acontecer são esses aí, então tem que prestar atenção, tem que respeitar todo mundo... então o meu desejo assim é esse, mas em resumo assim é ver o hip hop assim em todos os lugares, minha vontade é ver essa rede acontecendo, é ver o hip hop dentro da universidade, igual tem lá na Colômbia, tipo não como cadeira, como pesquisa ou extensão, mas curso, é ver também...

(Dulce) Até em pesquisa quase já não tem aqui, tu sabe que é bem isolado...

(R.R.) É ver o hip hop como museu, a minha ideia é lançar o museu do hip hop, tipo igual o museu da PUC assim, um museu interativo, pra que o hip hop entre no calendário escolar, pra que as escolas visitem com isso a gente consiga trazer com isso essa visão que o hip hop tem de senso humanitário pra dentro da cabeça dessa nova criançada pra que no futuro eles possam ter condições de pelo menos se respeitarem, tipo “não gosto disso, não gosto daquilo”, mas se respeitam, então ter uma convivência mais harmoniosa assim, é isso assim tipo eu não sei muito assim, também eu só tenho 28 anos tipo sou novo ainda, já fiz um monte de coisa e to fazendo muita coisa, muita coisa grande, mas eu sou novo, e eu não, sinceramente, eu não tenho uma perspectiva de vida grande assim, não tenho, tipo “ah, eu vou viver até 60 anos, até 50 anos”, não sei assim, talvez eu morra antes, então até por isso eu seja assim de querer fazer as coisas assim de querer fazer as coisas...

(Dulce) Por que que tu acha isso?

(R.R.) Não sei, não sei te dizer, sempre tive isso assim, sempre tive isso

(Dulce) Por experiência de vida assim?

(R.R.) Não, não, não é que tenha a ver com experiência de vida, mas não sei, cara, não sei te dizer por que, sempre tive isso assim, tipo sempre falava assim “ou eu vou ser um velho solteiro, tipo não vou ter família assim, sabe, tipo minha família vai ser população, assim sabe, ou eu não sei...”, dessa maneira que eu vejo assim, por enquanto nem me vejo assim com filho, não imagino, imagino eu fazendo isso acontecer, meu prazer é ver as coisas acontecer, entendeu? Porque uma vez um cara falou assim pra mim “bá, Rafa, tu vai ter 50 anos e vai continuar a mesma coisa” e eu falei “ô meu, não, sinto muito pra ti, porque se tu se acomodou com isso aí e tu tem 50 anos, problema é teu, eu não vou chegar nos meus 50 e ver o mundo no mesmo estado que o mundo tá, entendeu? essa porcaria que tá aí, roubalheira, as pessoas se matando, as pessoas sem respeito, eu não, tipo o mundo que eu quero nos meus 50 é muito diferente desse que tá hoje”, se eu chegar nos 50, então enfim né meu, um papo meio complexo, não tem muita explicação, mas é o que é, talvez mude, com o passar do tempo, talvez seja a crise dos 30, não sei, dizem que tem, mas talvez seja isso, é isso né Dulce... Acha que foi aí?

(Dulce) É isso.

Transcrição 10. **YM**. Entrevista à autora. Entrevistadora: Dulce Mazer (Dulce Güera). (45 min.). Porto Alegre, RS, 09 de novembro de 2017.

QUI 09:54

Dulce_YM, tudo bem? Estou fazendo uma pesquisa sobre rap na região metropolitana e queria te fazer algumas perguntas sobre o CNT

YM: Oi, tudo certo e ctg?

YM: Pode simm

12:35 YM aceitou sua solicitação.

Eu gostaria de usar as informações na minha pesquisa. Para isso preciso da tua autorização.

Após a leitura do termo abaixo, indique se concorda ou não em participar da pesquisa:

Fui convidado(a) a participar como informante do estudo "RACIONALIDADES DO CONSUMO MUSICAL: práticas culturais juvenis na cena rap porto alegre", que tem o objetivo de investigar o consumo do rap na região metropolitana de Porto Alegre e as novas formas de circulação midiática da música. As informações colhidas serão usadas apenas para fins de pesquisa e manuseadas somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas, com a garantia total de sigilo e confidencialidade. Os resultados deste estudo, além de constar de uma tese de doutorado, poderão ser apresentados em congressos ou revistas científicas, divulgados sem revelar nomes, ou qualquer informação que esteja relacionada à minha privacidade. Minha participação neste estudo será responder ao questionário a seguir. Estou ciente de que poderei responder livremente às questões. Estou seguro que tenho livre acesso a informações e esclarecimentos adicionais sobre este trabalho e de que não receberei nenhum tipo de compensação financeira por minha participação, entretanto todas as despesas para coleta de informações estão a cargo dos pesquisadores. Caso eu me sinta constrangido ou aborrecido com o estudo, reservo-me o direito de desistir de participar, ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, bastando para isso apenas informar os pesquisadores responsáveis. Caso seja necessário, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS através do fone: (51) 3308-3738 ou no endereço: Rua Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 - Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, em Porto Alegre/RS, que aprovou o projeto de pesquisa. Assim, tendo sido orientado(a) sobre o conteúdo do trabalho e compreendida a natureza e o objetivo deste estudo, manifesto meu livre consentimento em participar desta pesquisa.

Sim, concordo em participar ()

Não concordo em participar ().

Dulce_ Ótimo! Obrigada Yasmin. Só preciso agora que tu diga se aceita participar e se me autoriza a usar essas informações na pesquisa

YM: Sim, autorizo!

Dulce_oi, obrigada. Aqui vão as questões :

Dulce_Quando surgiu o CNT ?

Dulce_ Qual o objetivo do site?

Dulce_quem produz conteúdo? que tipo de informações circulam?

Dulce_o nome é Causando na Trip, de onde surgiu?)

YM: Quando surgiu o CNT? O site surgiu em 15 de outubro de 2015. O nome "CNT" surgiu para um projeto(tinha q criar um nome para um programa esportivo) da faculdade de jornalismo q eu fiz em 2014...Qual o objetivo do site? O objetivo é divulgar tramos independentes do rap nacional.

YM: Quem produz conteúdo? que tipo de informações circulam? Eu e meu namorado é que cuidamos de tudo, para os cliques q fazemos pro canal tem ajuda de 2 amigos. Circulam notícias atual do rap, divulgação de artistas novos na cena e entrevistas q fazemos.

Dulce_legal, mas o que tu quer dizer como o nome, ou o que queria quando criou?

YM: O nome significa "causando na viagem", pq querendo ou não começamos a causar uma revolução na cena do rap e com isso começou a surgir vários sites divulgando a cena tbm

Dulce_obrigada!! Logo mais divulgo no meu perfil informações sobre a tese, se quiser acompanhar

Apêndice VIII - Cópias das notas de campos (ver próximo arquivo)